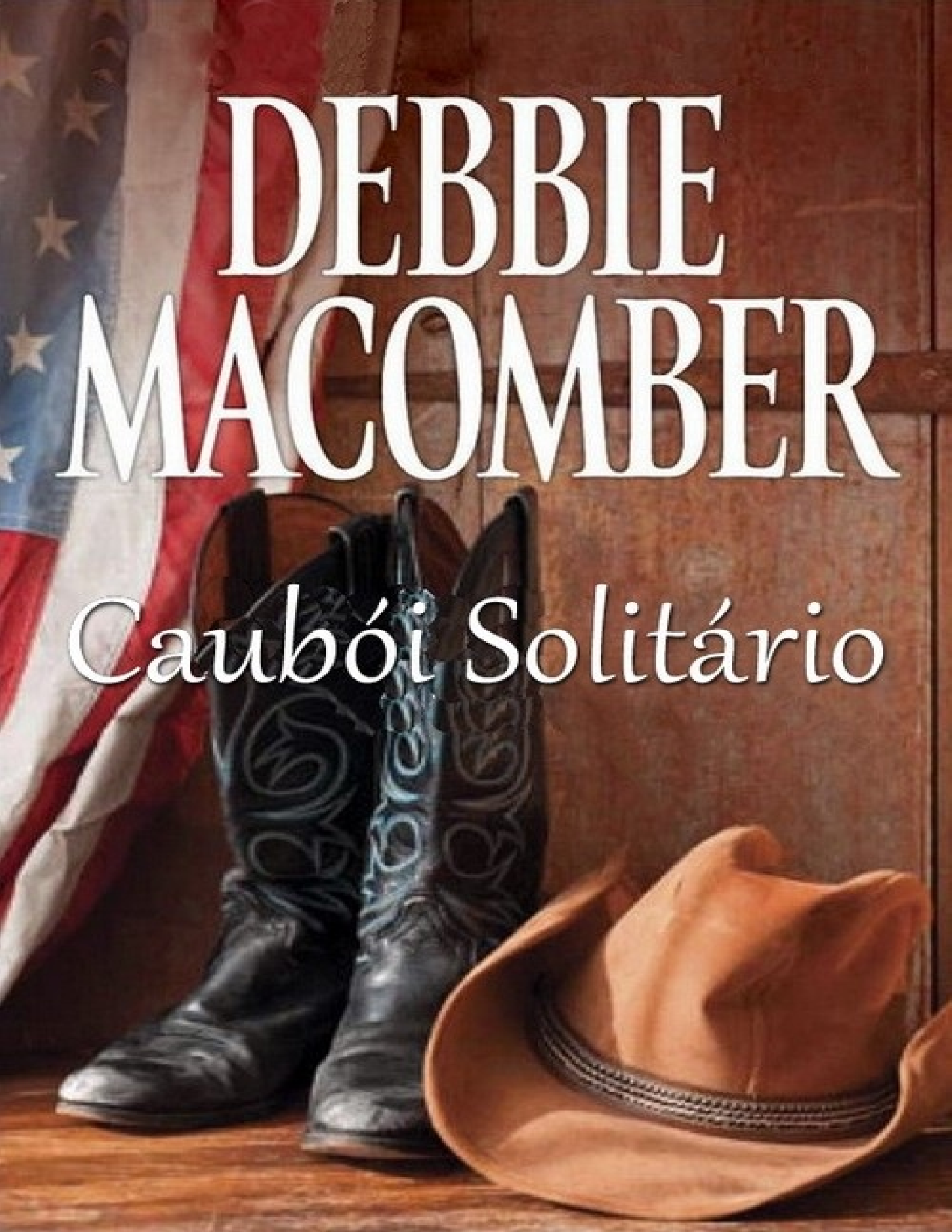




DEBBIE MACOMBER

Caubói Solitário



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CAUBÓI SOLITÁRIO

Lonesome Cowboy

Coração do Texas – Livro 1

Debbie Macomber



Caubói Solitário

Todos em Promise acreditam que Savannah Weston é uma mulher do tipo antigo, satisfeita em permanecer na fazenda da família. Mas Savannah tem suas paixões: pelas rosas antigas que adora cultivar, pelos filhos que espera ter. E por um homem chamado Laredo Smith. Ele é um estranho em Promise, um caubói desiludido, que talvez possa mudar a vida de Savannah!

AS PESSOAS DE PROMISE

ELENCO DE PERSONAGENS

NELL BISHOP: viúva, na casa dos trinta, com um filho, Jeremy e uma filha, Emma. Seu marido morreu em um acidente com um trator.

RUTH BISHOP: sogra de Nell, que vive com ela e os dois filhos.

DOVIE BOYD: dona de uma loja de presentes, namora o delegado, Frank Hennessey, há dez anos.

CAROLINE DANIELS: agente do correio de Promise.

MAGGIE DANIELS: filha de Caroline, tem cinco anos de idade.

DRA. JANE DICKINSON: a nova médica de Promise.

ELLIE FRASIER: proprietária da loja de rações Frasier's.

FRANK HENNESSEY: delegado da cidade.

MAX JORDAN: proprietário da Jordan's Modas.

WADE McMILLEN: pastor da Igreja Cristã de Promise.

EDWINA e LILY MOORHOUSE: irmãs, professoras aposentadas.

CAL e GLEN PATTERSON: irmãos, fazendeiros que trabalham juntos.

PHIL e MARY PATTERSON: pais de Cal e Glen, proprietários de uma pousada na cidade.

LOUISE POWELL: a fofoqueira da cidade.

WILEY ROGERS: sessenta anos, capataz da fazenda dos Weston.

LAREDO SMITH: vaqueiro contratado por Savannah Weston.

BARBARA e MELVIN WESTON: pais de Savannah, Grady e Richard. Os Weston morreram há seis anos.

RICHARD WESTON: filho caçula dos Weston.

SAVANNAH WESTON: irmã de Grady e Richard, cultiva rosas antigas.

GRADY WESTON: fazendeiro, filho mais velho dos Weston.

CAPÍTULO I

Grady advertira Savannah repetidas vezes, de que a cidade fantasma era perigosa, um lugar perturbador. Chegara a proibir a irmã de procurar o local. E, durante todos aqueles anos, Savannah obedecera. Porém, quanto mais Grady insistia, mais convencida ela ficava de que precisava encontrar o lugar. Especialmente, pelas rosas, a grande paixão de Savannah. Seu maior interesse era por aquelas antigas, plantadas antes de 1867 e, agora, encontradas em cemitérios e propriedades abandonadas.

Fora por causa das rosas que Savannah decidira ignorar as advertências de Grady e procurar a cidade fantasma.

Depois de semanas vagando pelas montanhas do interior do Texas, primeiro de caminhonete, depois a cavalo e, finalmente, a pé, sem mapa e com pouca informação, ela a encontrou. Bitter End, o "amargo fim", um nome estranho, mas não mais estranho que a própria cidade.

Não importava quanto Grady fosse ficar furioso quando descobrisse o que a irmã fizera, pois a aventura valera a pena. Essa não seria a primeira vez que Savannah desafiava o irmão mais velho. Nem seria a última. Grady parecia carregar o peso do mundo nas costas. Raramente sorria. Era tão exigente e irascível quanto Savannah era calma e tranquila. Porém, a teimosia dela se igualava facilmente à dele. Lançando um olhar para o velocímetro da caminhonete, Savannah pisou fundo no acelerador, embora não fosse seu hábito correr daquela maneira. No entanto, suas chances de escapar à fúria de Grady seriam bem maiores se ela conseguisse chegar em casa antes que ele voltasse de sua ronda pela fazenda. Apesar de não ter medo do irmão, preferia evitar sua ira.

Ultimamente, Grady parecia estar sempre de mau humor, devido à queda dos preços da carne e de todos os outros problemas relacionados à administração de uma fazenda de gado. E o fato de, graças a Richard, eles continuarem a lutar contra dívidas e dificuldades financeiras não ajudava em nada.

Savannah forçou-se a afastar da mente as lembranças dos acontecimentos infelizes de seis anos antes. Fora duro demais perder os pais em um acidente devastador, mas a traição do irmão mais novo seria uma cicatriz impossível de apagar pelo resto de suas vidas. — Ah, Richard — ela murmurou, segurando com força o volante da caminhonete.

A dor que ele havia infligido a ela e a Grady era do tipo que nem mesmo o amor poderia curar por completo. Grady havia mudado muito ao longo dos anos que se sucederam à morte trágica de seus pais... e da traição de Richard. As finanças, bem como outras preocupações, o haviam perseguido e atormentado, até Savannah quase não reconhecê-lo mais. Fora através de pura teimosia e do trabalho exaustivo que ele conseguira realizar o impossível. Grady salvara a Fazenda Yellow Rose, mas a um preço muito alto, sacrificando sua juventude a fim de manter na família as terras que seu tataravô adquirira logo após a Guerra Civil.

Savannah quisera ajudar nas finanças. Afinal, havia terminado a faculdade. Seria fácil e rápido voltar aos estudos e conseguir a licença para trabalhar como professora. A Escola de Promise anunciava com frequência vagas para professores substitutos e a efetivação viria em poucos anos.

Grady, porém, recusara-se a ouvir falar no assunto. Precisava da irmã em Yellow Rose e Savannah aceitara sua exigência. Ela cuidava da maior parte do trabalho burocrático e contábil, cozinhava, cuidava

da casa e do jardim. Além disso, permitia-se cultivar as roseiras que tanto amava e criar cabras e, ocasionalmente, bezerros órfãos.

Durante seis anos, ela conseguira viver uma vida satisfatória, mas quando comparava seus esforços aos do irmão mais velho, sentia-se em falta.

Seu desejo de contribuir de maneira mais efetiva a levava a estabelecer um serviço de entrega de rosas pelo correio.

Embora Grady houvesse ouvido seus planos com atenção, não fizera nada para encorajá-la. E, só agora o pequeno empreendimento começava a dar lucros, dos quais ela muito se orgulhava.

Nos últimos meses, Savannah dedicava o tempo livre que tinha à noite à confecção de um catálogo, na intenção de expandir sua empresa.

Na opinião dela, o que Grady precisava era de uma família. Aos trinta e cinco anos, ele já havia passado da idade em que a maioria dos homens se casava e tinha filhos. Provavelmente, teria feito isso se não fosse obrigado a dedicar cada minuto de sua vida à fazenda. Às vezes, ela se perguntava se seria tarde demais, se o irmão jamais viria a se casar.

Ela mesma havia tirado da cabeça a ideia de constituir família, dizendo a si mesma que seus instintos maternos teriam de se satisfazer com seus animais de estimação. Completara trinta e um anos no último aniversário e já fazia quatro ou cinco que não tinha um namorado. Na verdade, raramente pensava em se envolver com um homem, pois a maioria deles não compreendia seu jeito sossegado, nem sua força de vontade.

Mas nada disso importava, a essa altura. Savannah aprendera a obter prazer das pequenas coisas, como a beleza de suas rosas, a afeição de seus animais, o conforto de sua casa bem cuidada.

Flores de todas as cores ladeavam a estrada sinuosa. Savannah adorava a primavera, pois a brisa perfumada trazia a promessa de bom tempo e vidas novas.

Com a ajuda de Wiley, o capataz que trabalhava na fazenda havia tanto tempo que já era considerado da família, Grady cuidara do nascimento de catorze bezerros, naquela semana. E um número semelhante era esperado para os próximos dias.

Savannah consultou o relógio e rezou para que o irmão estivesse atrasado. Do contrário, ficaria nervoso por não encontrá-la e, quando se desse conta de onde ela estivera, ninguém seria capaz de conter-lhe a fúria.

Com um suspiro, fez uma curva na estrada e deparou com uma caminhonete abandonada. Não reconheceu o veículo, o que era estranho, pois pessoas de outras regiões raramente se aventuravam por ali.

Tratava-se de uma caminhonete velha, cuja pintura perdera o brilho e a lataria apresentava diversos pontos de ferrugem. Como estivesse estacionada a mais de vinte quilômetros da cidade, longe de tudo, Savannah não pôde deixar de imaginar se havia algo errado. Se não estivesse tão apressada, certamente, pararia para verificar.

A decisão foi tirada de suas mãos pouco depois, quando ela avistou um caubói caminhando pela estrada, carregando uma sela no ombro. Mesmo de longe, era possível perceber-lhe o cansaço. Ao ouvir o ruído de um carro se aproximando, ele virou e esticou o polegar, pedindo carona.

Savannah jamais dera carona a um desconhecido, mas aquele homem, a quilômetros de tudo, caminhando na direção contrária à cidade, parecia realmente precisar de ajuda. Assim, ela parou e saiu da caminhonete.

— A picate parada lá atrás é sua? — perguntou.

— Sim, madame — ele respondeu com ar respeitoso. — Ficaria muito agradecido se pudesse me dar uma carona.

Era alto, esbelto e, aparentemente, da mesma idade de Savannah. Quando tocou a aba do chapéu, em um gesto de cumprimento, ela notou que seus olhos eram azuis. Apesar de ter se interessado em ajudá-lo, ela hesitou. — Não estou me dirigindo à cidade — explicou.

— Ficarei onde a madame puder me deixar. E a primeira pessoa a passar por aqui em mais de duas horas. — Ele exibiu um sorriso cansado. — Pensei em usar o telefone de alguma fazenda, para pedir socorro.

Ao que parecia, o desconhecido não se dera conta de que estava se afastando da cidade.

— Moro a mais ou menos quinze quilômetros daqui. Protegendo os olhos contra a luz do sol, Savannah apontou na direção de Yellow Rose. Se o levasse para lá, ele ficaria ainda mais distante de onde pretendia chegar.. Mas, quando ia explicar isso, ela se deu conta de que o pobre coitado estava exausto, sentindo dores e, aparentemente, não comia havia muitas horas. Grady não gostaria da ideia, mas... Ela deu de ombros.

— Se quiser, poderá passar a noite no alojamento junto ao estábulo e, amanhã de manhã, eu o levarei até a cidade.

A oferta o surpreendeu.

— É muita gentileza sua, madame.

O fato de ele a chamar de madame fez com que Savannah se sentisse antiquada. Ao mesmo tempo, sabia que sua aparência não era mesmo nada moderna.

Geralmente, usava vestidos confortáveis, que chegavam aos tornozelos, em vez das calças jeans e camisas, tão em moda. Sua mãe sempre a encorajara a usar vestidos, dizendo que eles lhe valorizavam o corpo esguio. E Savannah se habituara a eles, lançando mão de aventais para fazer o trabalho doméstico.

Os cabelos loiros e lisos chegavam perto de sua cintura, levando Grady a chamá-la de hippie, quando queria provocá-la por brincadeira.

— Meu nome é Savannah Weston.

— Sou Laredo Smith.

Muito prazer — ela falou com um sorriso tímido. — Laredo é um nome bastante incomum.

Ele sorriu.

— Já me disseram isso. Meu nome de batismo é Mathew, mas quando era criança e tive de deixar o Texas, quis levar um pedaço de minha terra comigo. Daquele dia em diante, só atendi pelo nome de Laredo. Depois de todos esses anos, já nem sei mais quem é Mathew.

Sem saber por que, Savannah poderia, jurar que ele não tinha o hábito de partilhar tantos detalhes

com quem quer que fosse. Disse a si mesma que era tolice sentir-se honrada, mas não foi capaz de reprimir tal sentimento.

Quando ele voltou a sorrir, ela ficou impressionada pelo fato de um simples sorriso alterar tanto um semblante cansado. A indicação de simpatia e calor humano modificaram o rosto bronzeado, exercendo sobre ela um efeito hipnótico.

Chocada com a própria reação, Savannah decidiu que estava se deixando levar pela imaginação e, assim, desviou o olhar do dele. Afinal, Laredo era um estranho e ela deveria ter cuidado.

— Se quiser, pode colocar sua sela na carroceria — ofereceu e deu a volta na caminhonete.

Com movimentos cansados, Laredo acomodou a sela e, então, tocou delicadamente um botão de rosa.

— Estas são rosas antigas, não são? — falou, aspirando-lhes o perfume peculiar.

Tal conhecimento surpreendeu Savannah, pois pouquíssimas pessoas sabiam da existência das rosas antigas. Em suas pesquisas, ela descobrira que muitas das rosas encontradas no Texas eram de linhagem desconhecida, encontradas em cantos remotos, em excursões como a que ela fizera pouco antes.

Savannah sabia que alguns a considerariam uma ladra de rosas, mas ela não pensava assim. Sua motivação nascia do profundo amor que sentia pelas flores.

— Conhece rosas antigas? — perguntou.

— Minha avó cultivava roseiras plantadas pela avó dela. Já faz uns vinte anos que não vejo uma flor assim. Onde encontrou estas?

A demora pela resposta chamou a atenção de Laredo.

— Em um velho cemitério — ela finalmente respondeu —, perto de uma... cidade abandonada.

Bem, essa era apenas metade da verdade, mas Savannah não se atreveria a mencionar maiores detalhes sobre a cidade fantasma. Somente umas poucas pessoas, em Promise, haviam sequer ouvido falar de Bitter End e, embora Grady a houvesse advertido tantas vezes sobre não procurar o lugar, ele jamais fora específico quanto ao que havia lá de tão ameaçador.

Agora, porém, Savannah compreendia a preocupação do irmão. Os perigos não estavam nos edifícios em ruínas, ou nos poços abandonados. A explicação não era tão simples.

Ela estremeceu ao se lembrar da sensação de opressão que tomara conta de seu peito, quando pusera os pés na rua deserta e silenciosa. Seria impossível descrever a emoção que a invadira, pois tratava-se de algo parecido com uma dor tão profunda, que nem mesmo a passagem de um século poderia apagá-la.

Como conhecia pouco da história da cidade, Savannah se sentira indefesa e, de certa forma, temerosa. Anos antes, Grady e dois amigos haviam ouvido os pais falarem de Bitter End, mas quando Savannah tentara obter maiores detalhes, sua mãe havia se recusado a falar no assunto.

Conversando com Grady, Savannah conseguira saber que a cidade fora construída pelos fundadores de Promise, mas o motivo pelo qual haviam se mudado de lá permanecia um mistério.

Apesar das advertências de Grady, Savannah havia encontrado Bitter End e colhido mudas de rosas

antigas no cemitério, mas não tivera coragem de se aventurar além do terreno cercado, ao lado da igreja. Partira com a maior rapidez possível e, ao entrar na caminhonete, estava pálida e trêmula.

Afastara-se da cidade sem olhar para trás. Não investigara nenhum dos demais edifícios e, agora, lamentava tal atitude. Poderia ter encontrado outras rosas, se houvesse procurado.

— São lindas — Laredo elogiou.

— Também acha? — Savannah indagou, sem esconder a alegria que as flores lhe proporcionavam. — Estou tão feliz por tê-las encontrado!

Seus olhares se encontraram e, por um momento, ambos permaneceram imóveis. Então, Laredo sorriu, indicando que partilhava o entusiasmo dela. Animada, ela continuou:

— E incrível o fato de terem sobrevivido todos esses anos, sem que ninguém cuidasse delas.

— Prefere que eu vá no bagageiro, madame? — Laredo perguntou de súbito.

— Savannah — ela insistiu. Ele voltou a sorrir.

— Savannah — repetiu.

— Prefiro que vá na frente, comigo.

Laredo acomodou-se no banco do passageiro com movimentos lentos e Savannah percebeu que as dores que ele sentia eram fortes.

— Sabe de alguém que esteja precisando de um bom vaqueiro?

— Infelizmente, não — ela respondeu com sinceridade. Ele assentiu e fez uma careta de dor, levando a mão às costelas.

— Está ferido?

— Quebrei uma ou duas costelas, mas foi por minha própria culpa.

— Acidente com cavalo?

— Não exatamente — ele replicou com certa dose de ironia. — Fui atirado sobre uma cerca... por um touro. Depois de tantos anos trabalhando com gado, foi estupidez me deixar encurralar por um touro.

— Uma vez, meu pai quebrou uma costela e disse que se sentia como se houvesse sido mastigado por um coioote e, depois, atirado de um penhasco.

Laredo riu.

— Seu pai deve ter um excelente senso de humor.

— Ele tinha — Savannah concordou, dando a partida no motor.

Dirigiu com cuidado, a fim de evitar os buracos que fatalmente aumentariam a dor de Laredo.

Ele olhou para trás e a surpreendeu ao comentar as rosas pela segunda vez.

— Nunca pensei que fosse sentir o perfume das rosas de novo.

— Estou tão feliz por tê-las encontrado! — Savannah repetiu, ainda mais entusiasmada. — São das melhores!

Pelo perfume forte, puro e adocicado, aquelas rosas eram do tipo White Lady Banks, raras e preciosas.

Encorajada pelo interesse de Laredo, Savannah falou sobre rosas a viagem toda. E ficou surpresa ao dar-se conta de quanto se sentia à vontade com ele. Geralmente, quando conversava com homens, especialmente desconhecidos, era tímida e reticente. A facilidade que encontrava em se comunicar com Laredo Smith não tinha precedentes.

E não foi somente sobre rosas que conversaram. Logo, Savannah descobriu-se a contar sobre seus jardins, na fazenda, bem como o amor que sua mãe, Bárbara, tinha por flores. Um assunto foi levando a outro. Ela descreveu Promise e assegurou de que se tratava de uma cidade muito hospitaleira. Laredo perguntou onde poderia mandar sua caminhonete para o conserto e Savannah indicou-lhe dois mecânicos confiáveis.

— Nossa! — ela exclamou e levou a mão ao rosto.

— Algo errado?

— Eu me distraí com a conversa e quase perdi a entrada para a fazenda. — Isso nunca acontecera antes. Então, antes mesmo de se dar conta do que fazia, ela falou:

— A verdade, Laredo, é que estamos precisando de um funcionário, na Yellow Rose. Se estiver procurando emprego, poderemos contratá-lo.

A satisfação de Laredo foi visível.

— Sou muito bom no trato com cavalos e o trabalho duro não me assusta.

— Provavelmente, Grady vai lhe fazer algumas perguntas — Savannah acrescentou, sabendo que o irmão não ficaria nada feliz por ela ter contratado um estranho.

No passado, Grady sempre se encarregara de todas as contratações e demissões, mas se ficasse zangado, poderia discutir a questão com ela. Todos os instintos de Savannah lhe diziam que Laredo Smith era digno de confiança. Além disso, estavam mesmo precisando de um funcionário extra, mesmo que Grady se recusasse a admitir tal necessidade.

Laredo ficou quieto e Savannah sentiu que ele a fitava.

— Já que está me oferecendo trabalho, acho justo que saiba que fui demitido de meu último emprego.

Ele contou que fora acusado de roubo, injustamente. — Posso ser muitas coisas, mas não um ladrão. Se mudar de ideia, saberei compreender.

— Não vou mudar de ideia — ela afirmou, embora a confiança que sentira momentos antes ficasse sensivelmente abalada. — Agradeço a sua honestidade.

Naturalmente, a primeira coisa que Grady pediria a um estranho, especialmente um que fora contratado por ela, seriam referências. Bem, como tudo o que acontecera naquele dia, Savannah enfrentaria o problema quando surgisse.

— Não vai se decepcionar — Laredo disse. — Tem a minha palavra.

Uma nuvem de poeira ergueu-se no ar quando a caminhonete deixou a estrada principal e tomou a de

terra, já na propriedade da família. Assim que Savannah estacionou e desligou o motor, Grady saiu do estábulo e encaminhou-se para ela como um anjo vingador.

— Onde você se meteu a tarde inteira? — inquiriu, furioso, ignorando o cachorro preto que se aproximou em busca de carinho.

Savannah respirou fundo e saiu da caminhonete. Se não houvesse parado para dar carona a Laredo, teria chegado antes de Grady. Em vez de responder à pergunta do irmão, ela se inclinou para afagar Rocket, o velho cão que pertencera a seu pai.

— Poderia ter deixado um bilhete — Grady vociferou.

— Peço desculpas, mas...

— Não quero desculpas. Quero saber onde você passou a tarde inteira. — Virando-se para o estranho, Grady estreitou os olhos. — E algo me diz que não vou gostar da resposta.

Savannah sentiu-se mortificada por ele gritar com ela diante de Laredo.

— Grady, talvez seja melhor discutirmos isso mais tarde — murmurou.

— Você esteve lá, não foi? Mesmo depois de minhas advertências! Eu lhe disse para não ir a Bitter End! Será que ninguém mais me dá ouvidos? Pensei que você fosse mais esperta! Nem quero pensar no que poderia ter acontecido a você, sozinha, naquelas montanhas! O que há de errado com você, afinal? Não acha absurdo arriscar o pescoço por causa de algumas roseiras estúpidas?

O rosto de Grady estava vermelho de raiva.

Ignorando Laredo, ele avançou para Savannah. Porém, mal dera dois passos, quando o desconhecido colocou-se entre eles, em uma postura protetora.

— Quem é você? — Grady inquiriu, quase aos berros.

— Grady, este é Laredo Smith — Savannah falou com voz controlada. — A caminhonete dele quebrou e eu... ofereci-lhe um emprego.

Um momento de silêncio se seguiu.

— Você... o quê?

A raiva que ele havia demonstrado antes não era nada se comparada à ira que iluminou seus olhos. Savannah tratou de não lhe dar a chance de expressar os sentimentos.

— Preparei o jantar antes de sair — falou. — Chili verde, seu prato predileto.

Grady fitou-a boquiaberto, como se não a reconhecesse.

— A comida estará na mesa dentro de dez minutos — ela continuou. — Grady, pode fazer a gentileza de levar Laredo ao alojamento e pedir a Wiley que se prepare para o jantar?

— Esta noite, Wiley vai jogar pôquer — o irmão balbuciou —, mas eu...

— Eu havia me esquecido — Savannah comentou com ar casual, subindo os degraus para a cozinha. Na verdade, seu coração parecia prestes a saltar para fora do peito. — Nesse caso, seremos apenas três, no jantar.

Em poucos minutos, ela arrumou a mesa e esquentou a comida. Quando ouviu a porta se abrir, endireitou os ombros e virou-se com um sorriso largo.

— Espero que vocês dois tenham tido a oportunidade de se apresentarem.

— Não tivemos tempo para isso — Grady retrucou de mau humor.

— Laredo, espero que desculpe meu irmão — ela disse, enquanto colocava as travessas na mesa. — É evidente que ele não está nos seus melhores dias.

— Seu irmão? — Laredo repetiu, sem esconder a surpresa.

— Somos sócios, com partes iguais, nos negócios da Fazenda Yellow Rose — Savannah esclareceu, a fim de lembrar o irmão, com sutileza, de que ela tinha todo o direito de contratar alguém.

Resmungando algo incompreensível, Grady sentou-se e apanhou o guardanapo.

— Precisa de alguma ajuda, Savannah? — Laredo ofereceu.

— A jarra de limonada está na geladeira — ela falou, esperando que Grady se desse conta de que não faria mal algum ajudá-la de vez em quando.

Tentava não ser muito crítica com relação ao irmão, mas, ultimamente, ele vinha se mostrando mais e mais irritadiço e mal-humorado. E ela suspeitava que não se tratava apenas da eterna preocupação com o dinheiro, mas Grady não se abria. Savannah gostaria que o irmão partilhasse com ela seus problemas, mas, como o pai, Grady guardava suas preocupações para si. Mais uma vez, desejou que ele se casasse, pois tinha a mulher perfeita em mente.

Grady Weston estava furioso com sua irmã. Não fazia ideia do que dera nela. Não era do feitio de Savannah desafiá-lo abertamente, nem, muito menos, dar carona a estranhos. E nunca, em todos aqueles anos, ela assumira um papel ativo na administração da fazenda. Ainda assim, em um único dia, a moça dócil e, supostamente, sensata, não só desobedecera suas ordens expressas, mas também contratara um funcionário. Nada menos que um ilustre desconhecido!

Grady não teria acreditado, se não houvesse visto com os próprios olhos. Savannah parecia outra pessoa. Ele franziu o cenho para Laredo Smith, desconfiando dele de pronto. Bastara um olhar para Grady concluir que o vaqueiro era um andarilho sem raízes, que não merecia confiança. Mas Savannah o convidara para comer à mesa da família, trazendo-o para dentro de suas vidas, como se ele fosse um parente distante. E, ainda, oferecera-lhe um emprego! O problema de Savannah era facilmente explicado: ela era incapaz de ver o mal nas pessoas e confiava nelas cegamente.

Apesar disso, Grady sempre admirara o bom senso de Savannah. Agora, porém, a julgar pelas aparências, ela o perdera de vez. E em um só dia!

— Não me lembro de jamais ter comido um chili tão saboroso — Laredo elogiou ao apanhar a travessa para se servir uma segunda vez.

Savannah baixou os olhos e, para consternação de Grady, corou.

— Agradeço o elogio — ela disse —, mas foi Nell Bishop quem me deu a receita e quem merece todos os créditos.

— Nesse caso, devo dar os parabéns a Nell e a você, também.

O rubor de Savannah tornou-se mais intenso. Se a cena não fosse tão patética, Grady teria rido. A cidade estava cheia de homens interessados em Savannah e ela não dava a nenhum deles sequer uma chance de aproximação.

Agora, ela tropeça em um estranho que parece não ter um tostão furado e quase desmaia de emoção quando ele elogia sua comida!, pensou.

Tendo perdido o apetite, Grady empurrou o prato para o lado. Seu dia não fora dos melhores. Um bezerro havia morrido apesar da luta desesperada que haviam travado para salvá-lo e, agora, a mãe também corria risco de vida. O veterinário fora chamado e, juntos, haviam feito tudo o que era possível, mas o prognóstico não era nada promissor. Não bastasse tudo isso, Grady descobrira que uma das cercas fora quebrada. Felizmente, conseguira consertá-la antes que algum animal escapasse.

Os problemas nunca terminavam. A medida que os dias passavam, ele enfrentava uma crise após outra, cada uma pior que as anteriores. Grady já não sabia mais o que era rir, ou passar a noite na cidade, bebendo com os amigos. Ora, nem se lembrava da última vez em que beijara uma mulher! Em seis anos, sua vida havia se restringido a duas coisas: trabalho e preocupação.

Era como se um milhão de anos houvessem passado, desde quando era jovem e despreocupado. Tudo mudará para ele, bem como para Savannah, em uma única tarde. A vida que haviam vivido antes da morte dos pais não passava de uma vaga lembrança.

Depois de um dia como aquele, a última coisa que precisava era que a única pessoa constante e sensata em sua vida decidisse enlouquecer. Grady olhou para Savannah e sentiu o coração apertar de tristeza, frustração e culpa. Sua irmã era tão linda quanto as rosas que cultivava. Era jovem e bonita, embora parecesse não se dar conta disso.

Grady não salvara a fazenda sozinho, nem fora o único a dedicar a vida à reconstrução do que haviam perdido. Não teria conseguido sem ela. Savannah encontrara mil maneiras de encorajá-lo, de tornar a luta menos árdua para ele, e Grady jamais a agradecera da maneira como ela merecia.

O remorso provocou-lhe um aperto no peito. Não deveria ter gritado com ela, como fizera. Ora, mas estivera desesperado de preocupação. Não era do feitio de Savannah desaparecer sem dizer aonde ia. No passado, ela sempre fora cuidadosa com esse tipo de situação.

Afinal, mesmo que o risco fosse pequeno, um acidente era sempre possível. Fora o que acontecera a seus pais. Uma enchente repentina os arrastara e os dois haviam se afogado. Grady jamais se esqueceria do dia em que o delegado Frank Hennessey chegara com a triste notícia. Portanto, o problema não era que Grady não tivesse confiança em Savannah, mas o desaparecimento dela naquela tarde trouxera de volta lembranças que ele preferia esquecer.

Porém, fora mais que a lembrança da morte dos pais que havia deixado Grady desesperado. Nos últimos meses, a irmã vinha fazendo perguntas sobre a cidade fantasma.

No início, ele respondera sem dar maior importância à curiosidade dela. Mas, quando Savannah persistira, tratara de interrogá-la a respeito e, então, descobrira seu interesse pelas rosas antigas que poderiam ser encontradas lá. Ora, a tolinha estava disposta a arriscar o pescoço por algo fútil como flores!

Grady fora insistente em suas advertências. Ele mesmo não seria capaz de encontrar a velha cidade fantasma, se decidisse voltar lá. A única vez em que pusera os pés em Bitter End fora aos quinze anos.

Grady e os irmãos Patterson haviam ouvido os pais conversando sobre uma cidade fantasma, nas montanhas. Sem que suas famílias soubessem, os garotos haviam decidido explorar o local.

Os três haviam partido em sua busca, acreditando estarem vivendo uma grande aventura. Haviam passado duas semanas procurando e, quando finalmente encontraram Bitter End, ficaram tão assombrados, que nunca mais sequer falaram a respeito daquele dia.

Grady não acreditava em fantasmas, nem era supersticioso, mas a cidade era assombrada por algo que ele era jovem demais para compreender, ou definir. Uma sensação desconhecida havia tomado conta dele, naquele dia, bem como de seus dois amigos.

Lembrava-se do silêncio que se fizera entre os três, da maneira como haviam sussurrado, como se temessem ser ouvidos por alguém. Também se lembrava da profunda tristeza e da vaga noção de ameaça. Na ocasião, tais sensações não haviam feito o menor sentido e, mesmo tantos anos depois, continuavam sendo um enigma para ele.

Agora, o que importava era o bem de sua irmã, e Grady não a queria vagando sozinha pelas montanhas, à procura de roseiras abandonadas. Especialmente se tal procura a levasse até Bitter End.

— Aceita mais um pouco? — Savannah ofereceu a Laredo, interrompendo os pensamentos de Grady.

Laredo sorriu e sacudiu a cabeça.

— Está delicioso, mas já comi demais. Como já disse, esta foi a melhor refeição que fiz em anos. Espero que seu irmão aprecie seus dotes culinários tanto quanto eu.

Mesmo do outro lado da mesa, Grady pôde sentir a satisfação de Savannah com o comentário. O elogio soara genuíno, mas Grady suspeitava que Laredo Smith era um trapaceiro consumado, que reconhecia uma boa oportunidade assim que a via. E, para Grady, estava claro que o sujeito planejava aproveitar-se de sua irmã. O que ele não sabia era que não teria essa chance enquanto Grady vivesse. Smith não tocaria um dedo em Savannah. Grady cuidaria disso pessoalmente.

— Vou ajudá-la a lavar a louça — Laredo ofereceu. Grady resistiu ao impulso de dizer ao outro que não fosse tão óbvio, pois já caíra em desgraça com Savannah e sabia que ela não apreciaria o seu sarcasmo.

— Lavarei os pratos mais tarde — ela disse. — Agora, é mais importante cuidar das roseiras.

— Posso ajudá-la — ele insistiu. — Minha avó me ensinou a cuidar de flores.

— Ora, eu adoraria.

Grady não se lembrava de jamais ter visto a irmã tão agitada. Como um garotinho ansioso para agradar a professora, Laredo levantou-se e retirou seu prato da mesa. Grady não poderia permitir que aquilo continuasse.

— Antes que a situação vá adiante, saiba, sr. Smith, que não há trabalho para o senhor aqui.

— Desculpe — Savannah replicou —, mas fui eu quem contratou Laredo.

— Terei prazer em levá-lo até Promise — Grady ofereceu, ignorando a irmã. — Que tal agora?

Os dois homens fitaram-se com ares pouco amigáveis.

— Grady — Savannah protestou, mas foi em vão. Então, apelou para Laredo, que também a ignorou.

— Agora está bem para mim — ele respondeu. Grady não esperava que o forasteiro desistisse tão depressa. Afinal, Laredo Smith não era bobo. A julgar pelo modo como Savannah se derretera durante o jantar, só Deus poderia saber o que ele pensava dela, àquela altura.

— Vou buscar a minha sela.

— Não!

O grito de Savannah apanhou os dois de surpresa.

— Se os dois tivessem me dado a chance, eu teria esclarecido essa situação imediatamente — ela declarou, vermelha de raiva. — Eu contratei Laredo.

— E eu disse que não preciso de ninguém para me ajudar, no momento — Grady retrucou em tom rude.

— Eu não disse que contratei Laredo para ajudar você, Grady. Ele vai trabalhar para mim.

CAPÍTULO II

Laredo sentou-se na cama e pousou a mão sobre as costelas doloridas. A dor perdera intensidade, agora, pois os comprimidos haviam começado a fazer efeito. Sem dizer nada, Savannah pusera dois deles na mão de Laredo, depois do jantar, como se soubesse exatamente qual a extensão do desconforto dele.

Ela continuava a fasciná-lo, embora fosse evidente que Grady não gostava nem um pouco de ver um desconhecido perto dela. E Laredo não o criticaria por isso, pois se Savannah fosse sua irmã, ele teria o mesmo tipo de cuidado.

Depois do jantar, haviam transplantado as roseiras antigas que ela encontrara à tarde. Então, sem esconder seu orgulho, Savannah mostrara o resto do jardim a Laredo, que ficou impressionado com a variedade e qualidade das flores ali cultivadas.

A medida que caminhavam por entre os canteiros, ela contava a história de cada muda, como se estivesse apresentando seus filhos a ele. As plantas eram pedaços do coração de Savannah, plantados na terra e cuidados com muito amor e carinho.

O que mais impressionou Laredo foram os canteiros de rosas antigas, além, é claro, do profundo conhecimento que Savannah possuía sobre a história de cada uma delas.

Quando terminaram a excursão pelo jardim, ela fez uma lista de tarefas das quais Laredo deveria se encarregar. Ele ouviu com atenção, perguntou onde encontraria o material necessário e prometeu começar no dia seguinte, bem cedo. Estava ansioso para provar que ela não cometera um erro ao contratá-lo e que a confiança que depositara nele não fora em vão. "Dizer" era uma coisa, mas a prova só apareceria nos resultados.

Pela manhã, assim que tomasse as providências necessárias para o conserto da caminhonete, pretendia entregar-se de corpo e alma ao trabalho no jardim de Savannah. Embora as tarefas não se parecessem em nada com o trabalho de vaqueiro, Laredo refletiu que, se tratasse das rosas com o mesmo respeito e dedicação com que lidava com cavalos e touros, tudo daria certo.

— Tem tudo de que precisa, caubói? — uma voz masculina interrompeu os pensamentos de Laredo.

Ele ergueu os olhos e deparou com um homem mais velho, parado na porta do alojamento enorme. Duas filas de camas acompanhavam as paredes, como em um acampamento de exército. Do outro lado, havia uma porta que dava para os aposentos do capataz.

— Wiley Rogers — o mais velho apresentou-se.

— Laredo Smith. Sim, obrigado. Tenho tudo de que preciso, por enquanto. Minha bagagem está na caminhonete, mas cuidarei disso amanhã.

Ele se levantou, aproximou-se do capataz e os dois trocaram um firme aperto de mão.

Rogers aparentava sessenta anos e tinha as pernas arqueadas como resultado dos muitos anos trabalhando montado em cavalos.

— Fiquei sabendo que você está trabalhando para Savannah — ele disse com um sorriso amigável.

Laredo assentiu.

O capataz riu baixinho, examinando Laredo da cabeça aos pés, mas sem emitir sua opinião.

— Essa foi demais! — murmurou, sem deixar de sorrir. — Nunca pensei que um dia...

— O que disse?

— Nada — Wiley mentiu, mas, após um momento de reflexão, corrigiu-se: — Na verdade, estou pensando uma coisa, mas você não compreenderia. Foi um prazer conhecê-lo, Laredo. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

— Mais uma vez, obrigado — Laredo replicou e voltou a sentar-se, enquanto o outro se fechava em seu quarto.

Uma vez apagadas as luzes, Laredo deitou-se de costas, com os olhos fixos no teto. Sentia-se exausto e, pela primeira vez em muitos dias, a dor se dissipara e ele fizera uma refeição mais que decente. Não sabia por quanto tempo Savannah conseguiria mantê-lo ocupado, mas não acreditava que aquele emprego fosse durar mais que uma ou duas semanas.

Assim que sua caminhonete se encontrasse em condições, voltaria para a estrada. Pensando bem, Earl Chesterton havia lhe prestado um favor ao demiti-lo, embora ferisse seu ego ter perdido o emprego naquelas circunstâncias. Seus dentes rangiam cada vez que ele se lembrava de que fora acusado de roubo.

Porém, estava determinado a encarar a situação como uma bênção disfarçada, como diria sua avó.

Descobrir-se subitamente desempregado fora o incentivo de que precisava para voltar a Oklahoma e realizar seu sonho de criar e vender cavalos de corrida. Depois de falar nisso durante anos, finalmente colocaria em prática seus planos. Juntamente com a amargura de ser despedido da fazenda Triple C, viera a chance doce de transformar um sonho em realidade. Mesmo sabendo que isso significaria anos de sacrifício, ser seu próprio patrão e viver em sua própria terra era tudo o que Laredo desejava da vida.

Decidido a dormir, fechou os olhos. Para sua surpresa, a imagem de Savannah formou-se em sua mente, clara e luminosa, levando-o a pensar na mulher maravilhosa que havia entrado em sua vida de maneira tão fortuita. Ela era uma pessoa admirável e de bom coração. Laredo gostava de Savannah Weston. Ora, seria impossível não gostar de alguém assim. Na verdade, sentia-se fortemente atraído por ela.

Fazia anos que uma mulher não o cativava como Savannah fizera. Ela era diferente de todas as outras que ele conhecera. Laredo jamais se sentia à vontade na companhia do sexo oposto, mas com Savannah seu instinto protetor predominava. Ela era tímida, porém autêntica, o que o agradava muito. Também era bonita, sem chamar atenção demais. E era fácil perceber que, apesar da atitude tranquila e sossegada, ela possuía força e coragem, levando-o a lembrar das mulheres sobre as quais lera nos livros sobre a colonização do Texas. Especialmente usando aqueles vestidos longos.

O irmão, por outro lado, era difícil, teimoso e desconfiado. Laredo ficara furioso pelo modo como Grady falara com a irmã, mas não lhe cabia intrometer-se em questões familiares.

Laredo trabalharia ali enquanto houvesse serviço a fazer, providenciaria para que sua caminhonete fosse consertada e, então, partiria para Oklahoma, assim que fosse possível.

Seria a melhor solução para todos, tanto para os Weston, quanto para ele.

Como havia planejado dias antes, Savannah foi à cidade na manhã seguinte. Sua lista de afazeres era interminável: casa de ferragens, biblioteca, mercado. Finalmente, encaminhou-se para o correio, sua última parada. Deu-se conta de que sua pressa se devia muito mais à vontade de ver Laredo de novo, do que as tarefas que teria de cumprir. Quem não a conhece, pensaria que é uma colegial!, pensou. Porém, Savannah não tinha o poder de impedir a reação descontrolada de seu coração.

Naquela noite, prepararia um dos pratos favoritos de Grady para o jantar, como uma oferta de paz. Ele mal a cumprimentara pela manhã e, enquanto Savannah servia o desjejum, os dois haviam evitado cuidadosamente que seus olhares se encontrassem. Savannah raramente desafiava o irmão, mas ele não lhe oferecera alternativa.

E por ela ter se mantido firme em sua decisão, Laredo ficara, o que a fizera mais feliz do que havia se sentido em muitos anos.

Savannah deixara o correio por último de propósito, na esperança de que Caroline Daniels, a agente do correio, tivesse tempo para conversar um pouco. Dovie Boyd, proprietária da loja de presentes e do Victorian, uma casa de chá, estava saindo quando Savannah entrou no estacionamento. As duas acenaram alegremente.

O correio encontrava-se deserto e, aliviada, Savannah decidiu apanhar sua correspondência. Ao abrir a porta de sua caixa postal, deparou com os olhos castanhos de Caroline.

— É verdade? — a agente do correio perguntou.

— O quê?

— Pensei que eu fosse a sua melhor amiga.

— E é.

— Então, por que não me contou sobre o desconhecido atraente que está trabalhando na sua fazenda?

Savannah sentiu as faces arderem. Aparentemente, a notícia de que ela havia contratado Laredo já se espalhara pela cidade inteira, em menos de vinte e quatro horas! Como isso fora acontecer ela não sabia, nem queria saber. O maior problema de viver em uma cidade pequena era a total falta de privacidade.

Irritada, fechou a caixa postal e girou a chave.

— Savannah! — Caroline gritou com voz abafada. Relutante, Savannah voltou a abrir o compartimento.

— Quem lhe contou? — inquiriu, enquanto retirava os envelopes e os guardava na bolsa.

— Ellie Frasier. E ela também me disse que ele é muito bonito.

— Ellie o conheceu?

Ellie era filha de John Frasier, dono da loja de rações. Era jovem e bonita, além de possuir uma personalidade alegre e cheia de vida. Mais de uma vez, Savannah torcera para que Grady a notasse, uma vez que ele comprava ração toda semana. Chegara a insinuar que ele não precisava ter pressa de voltar para casa, que talvez devesse convidar Ellie para sair. Infelizmente, suas sugestões provocavam olhares indignados e resmungos que deixavam claro que Grady não via suas intenções com bons olhos.

— E então? Ele é mesmo bonito como Ellie disse? O rubor de Savannah tornou-se mais intenso.

— Eu... Ah, não sei dizer.

Caroline soltou uma risadinha maliciosa.

— Muito bem. Se não sabe responder, diga ao menos o nome dele.

— Laredo Smith.

— Vejo que você conseguiu convencer Grady a contratar mais um funcionário. Onde eles se conheceram?

Essa era uma pergunta difícil.

— Grady não contratou Laredo. Os olhos castanhos se arregalaram.

— O que está querendo dizer?

Savannah suspirou. Seria melhor explicar tudo de uma vez.

— Laredo não está trabalhando para Grady. Fui eu quem o contratou.

— Você? Dê a volta no balcão.

Ao mesmo tempo em que Savannah esperava conversar com Caroline sobre os acontecimentos da véspera, planejava mencionar Laredo quando se sentisse à vontade para isso. Não havia imaginado que seria submetida a um interrogatório, especialmente, tão cedo. Ultimamente, Caroline vinha tentando encorajar Savannah a sair mais, conhecer gente e ela decidira aceitar o conselho quando a amiga o aplicasse a si mesma.

— Você está com aquela cara, de novo — Caroline falou, quando voltaram a se encontrar, do outro lado do balcão.

— Que cara?

— De alguém que está... perturbada.

— E estou.

Savannah acreditava ter todo o direito de se sentir perturbada, contrariada e... furiosa. A cidade inteira estava falando dela, ou logo estaria, particularmente quando descobrissem que Laredo Smith trabalhava para ela, e não para Grady. Detestava fofocas e se recusava terminantemente a fazer parte delas. Ora, era a melhor amiga de Caroline desde a adolescência e jamais perguntara quem era o pai de sua filha, Maggie, de cinco anos.

— Deixe de bobagem, Savannah. Não é todo dia que um homem atraente aparece na cidade.

— Eu não diria que Laredo "apareceu" em Promise. Definitivamente, o melhor seria contar toda a verdade a Caroline, Savannah concluiu.

— Eu sei. A caminhonete dele quebrou. O problema está na transmissão e, incluindo peças e mão de obra, o conserto vai custar quase quinhentos dólares. Além disso, vai demorar no mínimo dez dias para as peças chegarem.

Caroline sabia mais sobre Laredo do que a própria Savannah!

— Como sabe de tudo isso?

Uma pergunta tola, pois a resposta era óbvia. Wiley mencionara que ajudaria Laredo a levar a caminhonete até a oficina de Paul Powell. A esposa de Paul, Louise, cuidava da contabilidade e era conhecida na cidade como uma grande fofoqueira. Provavelmente, ela se encontrava na oficina quando Wiley e Laredo chegaram. Para complicar as coisas, Wiley também tinha a língua solta. Savannah foi invadida por uma necessidade desesperada de sentar-se e beber algo bem gelado, embora tivesse certeza de que isso não resolveria o seu problema.

Caroline observou-a por alguns momentos e, então, perguntou com voz gentil:

— Foi você quem o contratou?

— Sim. Eu estava procurando por alguém que pudesse me ajudar a cuidar do jardim e, agora que estou recebendo mais encomendas, fazia sentido contratar um funcionário.

A verdade era que ela daria conta do trabalho sozinha e Caroline sabia disso.

— Gosta dele, não é, Savannah?

— É claro que gosto de Laredo. Ele é gentil, amável e... — Não pôde continuar. — Ah, Grady foi horrível! Fiquei mortificada.

— Grady? Qual é a novidade?

— Ofereci emprego a Laredo. Não deveria ter feito isso antes de conversar com Grady, mas ele está precisando de ajuda e você sabe como venho tentando convencê-lo a contratar alguém.

— Então, você mesma o contratou e Grady não gostou nem um pouco da sua... ajuda.

Savannah desviou o olhar.

— Foi pior que isso. Ele insistiu em dizer que não precisa de mais ninguém trabalhando na fazenda e se ofereceu para trazer Laredo até a cidade naquele mesmo instante. Do modo como falou, deixou claro que queria Laredo fora de nossa propriedade o quanto antes. Nunca imaginei que Grady pudesse ser tão rude! Fiquei envergonhada e furiosa e, então, declarei que eu havia contratado Laredo para trabalhar para mim.

Os olhos de Caroline exibiram o brilho de aprovação.

— Aposto que Grady teve um ataque!

— Pode apostar. Ele não ficou nada satisfeito. — Agora, conte-me como conheceu o seu novo funcionário. As perguntas começavam a se tornar mais difíceis.

— Eu o vi andando na estrada — Savannah admitiu com um sorriso maroto — e ofereci carona.

Caroline ficou boquiaberta, mas não fez qualquer comentário.

Savannah continuou:

— Ele perguntou se eu sabia sobre algum emprego na região e, sem pensar, eu disse que havia uma vaga na Yellow Rose.

— E foi por isso que Grady antipatizou com ele de imediato.

Caroline conhecia Grady quase tão bem quanto Savannah.

— Exatamente. Ele foi grosseiro exclusivamente porque eu contratei Laredo. Ah, Caroline, nunca fiquei tão furiosa com meu irmão!

— E depois, o que aconteceu?

Um sentimento de orgulho e satisfação tomou conta de Savannah e ela riu.

— Se você tivesse visto a expressão de Grady quando eu disse que Laredo ia trabalhar para mim! Pensei que ele fosse explodir.

A verdade era que ele não dissera nenhuma palavra, mas saíra da casa como uma criança de dois anos de idade, batendo a porta, deixando Laredo e Savannah em meio a um silêncio constrangedor.

Caroline soltou uma gargalhada.

— Posso imaginar! Ah, Savannah, como estou orgulhosa de você!

— Verdade?

— Verdade. Já estava na hora de alguém colocar Grady Weston em seu devido lugar. Não me entenda mal. Adoro seu irmão, mas ele se tornou tão ranzinza, nos últimos anos. Nem me lembro quando foi a última vez em que o ouvi dar uma risada.

Savannah sentiu o coração apertar-se, ao pensar no irmão. O que Caroline acabara de dizer era verdade, mas Grady carregava um imenso fardo de responsabilidade nas costas. Em poucos anos, ele havia tirado a fazenda da beira da falência, tornando-a viável novamente.

Dinheiro ainda era um problema para eles, mas não havia mais o risco de perderem as terras que pertenciam à família havia muitas gerações. Savannah lembrava-se disso toda vez que o comportamento de Grady a contrariava, como acontecera na noite anterior. A opinião que ele tinha de Laredo e, por extensão, da própria Savannah, era lamentável. Ela sabia muito bem que o irmão a considerava uma "grande tola", sua frase predileta, por confiar em um estranho.

Ela baixou os olhos, pois não queria que Caroline lesse seus pensamentos.

— Acha que sou tola, Caroline?

— Você? Está brincando?

— Não. Falo sério. Preciso saber. Estou... estou atraída por Laredo. Nunca senti isso por outro homem. Ele é diferente dos outros. Laredo me ouve e, embora eu mal o conheça, ele me compreende melhor que meu próprio irmão. Ontem à noite, passamos mais de uma hora no jardim, e ele deixou que eu falasse sobre minhas roseiras. A avó dele também cultivava rosas antigas e Laredo demonstrou um interesse verdadeiro no que estou fazendo.

As feições de Caroline suavizaram.

— E é honesto — Savannah acrescentou. — Laredo me contou que foi demitido de seu último emprego. Não precisava ter dito nada e eu o respeito por isso.

— O que seu coração lhe diz, Savannah?

Ela hesitou. Quando estava junto de Laredo, não sentia a menor dúvida sobre seus sentimentos.

Porém, à luz fria da realidade, via-se forçada a perguntar se não seria mesmo tão ingênua quanto Grady dizia.

— Não sei ao certo.

— Por que é tão importante ter todas as respostas agora?

— Não sei, eu...

— Seja mais paciente, Savannah — a amiga advertiu com um sorriso. — A vida tem seu próprio jeito de trazer as soluções corretas para cada problema. E, pelo amor de Deus, pare de ser tão dura consigo mesma! Não é pecado sentir-se atraída por um homem.

— Ah, Caroline, já faz tanto tempo que ninguém me faz sentir assim.

— É por isso que já gosto dele.

— Gosta?

— Como poderia não gostar? Você está até mais corada!

Envergonhada, Savannah cobriu o rosto com as mãos.

— Ele fez o seu coração sorrir — Caroline acrescentou.

A frase não era só bonita, mas traduzia com exatidão os sentimentos dela.

— E nunca vi você tão feliz — Caroline acrescentou. Savannah deu-se conta de que estava mesmo feliz, simplesmente porque um homem de bom coração passeara por seu jardim e ouvira as histórias sobre suas flores. Mais que isso, ele havia se interessado, feito perguntas, tocado com suavidade as rosas. Savannah mal dormira à noite, pensando no tempo que passara com Laredo.

— Estou velha demais — disse de repente.

De toda a sua turma de colégio, ela era a única que continuava solteira. Duas de suas colegas já estavam no segundo casamento e Savannah nem sequer se apaixonara.

— Bobagem! Essa foi a declaração mais absurda que já ouvi.

— Ellie tem razão. Laredo é mesmo um homem bonito. Por que se interessaria por uma mulher como eu?

— Porque você é bonita, Savannah, por dentro e por fora. Ele teria de ser cego para não notar. Agora, pare de se preocupar e seja você mesma.

As palavras de Caroline reasseguraram Savannah, mas apenas um pouco. Seu maior medo era estar transformando aquela atração em algo mais do que realmente era. Conhecia Laredo havia menos de vinte e quatro horas, mas sentia como se o conhecesse por toda a sua vida. Temia estar fantasiando, pois não lhe parecia possível que ele partilhasse seus sentimentos.

— Você ainda pode cuidar de Maggie, nas noites de segunda-feira? — Caroline perguntou, esperançosa, interrompendo os pensamentos de Savannah.

— Claro - Savannah respondeu.

Gostava de ficar com a garotinha de cinco anos, enquanto a amiga trabalhava como professora

voluntária de matemática. Embora Grady a intimidasse, Maggie estava começando a se acostumar com ele. E, apesar de não admitir, era evidente que Grady passara a gostar um bocado da menina.

— Quando eu for levá-la, terei a chance de conhecer o seu Laredo pessoalmente.

Seu Laredo. Savannah corou e sorriu.

— Talvez ele não esteja lá.

— Se isso acontecer, ficarei plantada na sala até ele aparecer. Não vejo a hora de conhecer esse sujeito maravilhoso que fez a minha amiga mais querida finalmente se interessar por um homem.

— Pensei em convidá-lo para me acompanhar à missa, no domingo — Savannah falou.

Na verdade, a ideia acabara de lhe ocorrer e ela queria a aprovação da amiga.

— Ótimo! Assim, poderei conhecê-lo lá... bem como todos os outros.

Todos os outros. Savannah sentiu o coração gelar. As fofocas correriam soltas se ela aparecesse na igreja na companhia de um homem. Ora, que falassem! Trataria de convidá-lo naquela mesma tarde.

— Não quero falar sobre isso — Grady resmungou para Wiley, quando voltavam para casa, naquela tarde.

Haviam passado a maior parte do dia procurando por bezerros recém-nascidos nos pastos e colinas. Ele estava exausto, tanto física quanto psicologicamente. Fora dormir tarde todas as noites, nas últimas três semanas, pois tivera muitos bezerros novos para cuidar. Naquela época do ano, o sono era um luxo para qualquer fazendeiro.

Wiley ficou ofendido.

— Ei, eu não disse nada!

— Verdade, mas está prestes a explodir de curiosidade.

— Pois eu acho que é você quem tem algo a dizer. Do contrário, nem teria mencionado o assunto.

O "assunto" dizia respeito a Savannah e seu novo funcionário. Grady ainda não conseguia acreditar no que a irmã fizera. E também não compreendia por que ela havia se comportado como uma tola por causa de um forasteiro sem vintém.

Porém, encontrara dificuldade ainda maior para aceitar o que Richard fizera. Demorara semanas para assimilar o que acontecera e, mesmo então, Grady não compreendera como seu próprio irmão fora capaz de traí-los. Somente quando as dívidas se acumularam e agentes do governo federal apareceram para cobrar os impostos sobre a herança, ele se vira obrigado a encarar a verdade. Richard era um patife, simplesmente. Quanto a Smith...

— Não gosto dele — Grady anunciou.

— Está falando de Laredo Smith?

— Smith — ele repetiu com sarcasmo. — A mim parece um sobrenome bastante conveniente.

— Muita gente se chama Smith.

— Exatamente o que eu quis dizer. Aposto que é um nome falso.

— Ele me pareceu um sujeito decente.

— O que está querendo dizer? — Grady inquiriu, contrariado pelo fato de seu amigo, confidente e capataz estar tomando o partido do outro.

— É trabalhador. Acordou muito cedo e queria começar a trabalhar no jardim de Savannah antes mesmo de guincharmos a caminhonete até a cidade. Já estávamos na porta, quando a oficina abriu. Paul examinou a caminhonete enquanto estávamos lá.

— E qual é o problema?

Embora não quisesse qualquer tipo de aproximação com o funcionário de Savannah, Grady decidiu que deveria informar-se a respeito do sujeito, pelo bem de sua irmã.

— A transmissão precisa ser trocada e os freios também precisam de revisão. Paul disse que assim que receber as peças, terminará o conserto em dois ou três dias.

— Bom.

Grady suspeitava que Smith planejava desaparecer assim que tivesse a caminhonete de volta.

— Não acredito que ele tenha o dinheiro para pagar pelo conserto — Wiley comentou.

— O quê? — Grady rugiu.

— Você ouviu. Por que outro motivo ele estaria procurando emprego?

Cavalgaram até o riacho, onde desmontaram e deixaram os cavalos descansarem e beberem água. A ideia de Laredo passando muito tempo na Yellow Rose não agradava Grady, pois ele conhecia tipos como Smith. Não possuíam família, nem raízes, gastavam dinheiro com a mesma rapidez com que ganhavam, sem pensar no futuro. Definitivamente, Laredo Smith não era o tipo de homem que ele queria ver perto da irmã.

— Descobriu mais alguma coisa sobre ele? — perguntou, já não se preocupando em esconder o interesse.

Sem esperar pela resposta de Wiley, voltou a montar seu cavalo.

— Pensei que você não quisesse falar sobre isso — o capataz lembrou com ironia.

Grady lançou-lhe um olhar furioso, mas Wiley reagiu com uma risada. Sabia que podia dizer o que bem entendesse e um simples olhar não mudaria isso.

— Ele me contou algumas coisas, a caminho da cidade — Wiley admitiu, também montando seu cavalo. — Trabalhou na Triple C, em Williamsburg, nos últimos dois anos.

Grady ouvira falar da tal fazenda, que era uma das maiores do Texas. Conversara com Earl Chesterton, o proprietário, algumas vezes, durante as reuniões dos criadores de gado da região. Porém, não chegavam a ser amigos.

— Vai investigá-lo? — Wiley indagou, deixando claro que não aprovava a ideia.

— Por que eu faria isso? — Grady replicou com descaso. — Ele não trabalha para mim, lembra-se?

— Mas é você quem está fazendo uma porção de perguntas.

— Estou curioso e você não pode me culpar por isso, especialmente quando estou interessado apenas em cuidar de Savannah.

Embora não quisesse admitir, estava profundamente preocupado com a irmã. Nunca antes ela o desafiara, apesar de ter opinião própria e de não ser a criatura submissa e passiva que muitos imaginavam.

Savannah fazia uso de meios sutis para expressar seus desejos. Grady passara a reconhecer que quando ela preparava um de seus pratos prediletos, tinha algo em mente. E ele sempre acertava em sua previsão. Savannah esperava até depois do jantar, quando Grady saboreava a sobremesa, para então fazer perguntas discretas, porém pertinentes. Lentamente, ela conduzia o assunto para o ponto que realmente a interessava, sem fazer alarde.

Grady sempre ouvia o que ela tinha a dizer e, com frequência, a maneira suave com que ela o abordava surtia efeito e ele acabava mudando de ideia. Esforçava-se para ser um homem justo e se os argumentos dela fossem válidos, ele os aceitava e tentava mudar.

Então, Laredo Smith aparecera e, de uma hora para outra, o comportamento de sua irmã sofrerá uma mudança drástica. Savannah chegara a erguer a voz para Grady. E tudo por causa de um sujeitinho sem valor. Bem, se ela queria entregar o coração para qualquer um e agir como uma adolescente apaixonada, Grady não faria nada para impedi-la. Por outro lado, também não ofereceria conforto a ela quando, um ou dois meses mais tarde, Laredo a abandonasse.

— Quantos anos tem, Savannah? — Wiley perguntou. — Já passou de vinte e um, não?

— Você sabe muito bem a idade dela.

— Tem razão. Eu sei. Só estava me perguntando se você sabe.

Grady franziu o cenho.

— Ela tem idade suficiente para saber o que faz.

— Também tem idade suficiente para compreender as mensagens do próprio coração.

Grady esporeou seu garanhão, Starlight, e tomou o rumo de casa, seguindo rente à cerca. Queria se certificar de que não havia mais nenhum trecho quebrado, além de verificar as condições do moinho e da caixa de água, antes de encerrar seu dia de trabalho.

— Como já disse, não quero falar sobre isso.

— Devo entender que não está interessado em saber o que mais Smith me contou?

Grady puxou as rédeas e virou-se para encarar o capataz.

— Se tem algo a dizer, é melhor dizer logo.

— Ele é vaqueiro.

Grady não se impressionou. Vaqueiros eram encontrados às dúzias, no Texas.

— Estamos precisando de um vaqueiro. Pagar alguém para vir cuidar dos cavalos pode sair muito caro.

— Posso cuidar deles sozinho — Grady retrucou.

— Claro, assim como pode cuidar dos bezerros, plantar alfafa, levar os rebanhos para pastar e tudo o mais, sem ajuda de ninguém. Ei — Wiley deu de ombros —, foi só uma sugestão.

Apesar do péssimo humor em que se encontrava, Grady atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sonora.

— Wiley, por que acha que estou lhe pagando um salário tão alto? Já que está tão preocupado com o meu bem-estar, pode ser o vaqueiro da fazenda, de hoje em diante. Acha que precisamos de alguém em período integral, para cuidar dos cavalos? Pois estou nomeando você vaqueiro oficial de Yellow Rose. A partir de hoje, vai fazer todo o trabalho de um vaqueiro.

— Ora, deixe de brincadeira!

— Acha mesmo que estou brincando? — Grady indagou com um sorriso largo.

A expressão no rosto de Wiley foi cômica. Pela primeira vez em muito tempo, Grady riu até perder o fôlego.

Savannah preparou a limonada e olhou em volta, certificando-se de que estava tudo pronto para o jantar. Agora, só teria de esperar pelo retorno de Grady e Wiley.

Como tivesse tempo de sobra, decidiu levar um copo de chá gelado para Laredo, que estava trabalhando sob o sol quente fazia horas. Quando descia os degraus para o jardim, foi honesta o bastante para admitir que o chá era apenas uma desculpa para estar com ele.

Seu jardim estava mais lindo do que nunca, mas ela não viu sinal de Laredo, embora o tivesse avistado ali cinco minutos antes. Decepcionada, já dava meia-volta para entrar na cozinha, quando o viu. Ele brincava com Sansão e Dalila, o bode e a cabra que Savannah ganhara de presente de uma amiga. Observando os três juntos, ela sorriu, sentindo o coração se derreter.

Grady havia se deliciado, zombando dos animais de estimação da irmã. Dissera que aquilo não passava de bobagem de mulheres, encarando os animais da mesma forma que encarava as rosas. Grady não dava a menor importância às coisas que Savannah amava. Às vezes, ela se perguntava como podiam ser irmãos, sendo tão diferentes.

Laredo, por sua vez, encontrava-se ajoelhado no chão, afagando e brincando com Sansão e Dalila que, embora não costumassem se dar muito bem com estranhos, pareciam estar adorando a atenção recebida.

Savannah só se deu conta de que estava ali havia vários minutos, quando o copo gelado tornou seus dedos dormentes. Sem querer que Laredo descobrisse que ela o estivera espionando, voltou para a cozinha.

De repente, sem saber o motivo, foi tomada por uma forte vontade de chorar. Mal falara com Laredo ao longo do dia, pois ambos haviam estado muito ocupados com seus afazeres. Ainda assim, Savannah jamais se sentira tão próxima de alguém como naqueles poucos momentos, durante os quais o observara brincar com seus animais.

Aquele desconhecido possuía a capacidade de tocar-lhe a alma e ela se perguntou se, algum dia, voltaria a ser a mesma Savannah de antes.

CAPÍTULO III

Savannah gostava de ouvir Wade McMillen pregar. Suas mensagens simples e diretas tocavam-lhe o coração. Tratava-se do pastor mais incrível que ela já vira. Alto, forte e musculoso, parecia ser do tipo que ficaria muito mais à vontade pastoreando um rebanho do que fazendo sermões. Talvez fosse justamente por isso que todos gostavam tanto dele.

Era possível que tudo não passasse de mero produto de sua imaginação, mas Savannah sentia olhares curiosos sobre si. Com certeza, as fofocas sobre ela e Laredo já corriam soltas pela cidade. Aquela altura, todos já sabiam que fora ela quem o contratara, e não Grady.

Em breve, seria objeto de especulações e perguntas sussurradas. Se é que isso já não estivesse acontecendo. Sentiu-se mortificada, mas o orgulho fez com que mantivesse a cabeça erguida e os olhos fixos no altar. Sua mente, no entanto, vagava distraída, durante o sermão de Wade. Quando seus pensamentos não estavam focalizados nas consequências de seus atos, eles voavam para Laredo com facilidade surpreendente.

Havia planejado convidá-lo para ir à missa com ela, mas não tivera coragem, pois achara que seria muita ousadia de sua parte. Agora, em vista do interesse que despertava, sentia-se grata por ele não estar ali.

No sábado, Laredo trabalhara o dia inteiro, produzindo treliças, apesar da insistência de Savannah em que ele não precisava trabalhar nos fins de semana. No final do dia, uma longa fileira de treliças recém-pintadas secavam ao sol de março.

Depois do jantar, os dois haviam conversado na varanda, até Grady chegar. A reprovação dele era evidente em tudo o que fazia e dizia. Savannah queria dizer a Laredo que ignorasse seu irmão, que ela era dona de si mesma, mas mais uma vez, permanecera calada.

Tinha de admitir que não passava de uma grande covarde. Daria qualquer coisa em troca da coragem de contar a Laredo o que se passava em sua mente e em seu coração.

Bem, como Caroline apontara, Savannah fizera algo digno de orgulho. Enfrentara o irmão e, por isso, Laredo continuava na fazenda. Desafiar Grady não era nada fácil. Sua personalidade forte já intimidara pessoas muito mais corajosas que ela.

A congregação pôs-se de pé e Savannah abriu o hinário. Sua voz suave juntou-se às do coro. Ela ergueu os olhos para Caroline, que se encontrava na primeira fila do coral, vestindo uma túnica branca. Percebendo-lhe o olhar, a amiga presenteou-a com uma piscadela quase imperceptível. Pela primeira vez desde que entrara na igreja, Savannah sentiu-se à vontade.

Após a prece de encerramento, a música do órgão voltou a tomar conta da igreja e a missa terminou.

Savannah deixou o banco junto com Nell Bishop e seus dois filhos. Jake Bishop morrera em um acidente de trator, três anos e meio antes. Os dois formavam um casal perfeito, profundamente apaixonados. Savannah sabia que a vida não vinha sendo fácil para Nell e admirava a força e a coragem da outra mulher. Nell recusara-se a deixar a fazenda e passara a administrá-la ela mesma. Quando lhe perguntavam por que não vendia as terras e se mudava para a cidade, ela respondia que a vontade de

Jake seria continuar com a fazenda. Caminhar ao lado de Nell fazia Savannah sentir-se a salvo das fofocas. A viúva era uma pessoa discreta, assim como ela, e jamais pensaria em bisbilhotar sua vida particular.

Louise Powell encontrava-se no vestíbulo, os olhos fixos em Savannah, certamente ansiosa para interrogá-la sobre Laredo.

Savannah desejou poder simplesmente desaparecer.

— Savannah! Savannah, aqui! — Louise ergueu a mão e acenou.

De nada adiantaria tentar evitá-la, Savannah pensou, consternada. Se havia uma coisa que detestava mais do que fofocas, era ser o centro das atenções.

Assim que chegou ao vestíbulo, Louise postou-se a seu lado. Louise completara cinquenta anos em janeiro e não suportava a ideia de ter meio século de idade. Assim, nas semanas que se seguiram, mudara o corte de cabelo e reformara o guarda-roupa, na tentativa de parecer mais jovem. Infelizmente, o resultado era uma mulher de cinquenta anos, vestida como se tivesse vinte e cinco.

— Conheci seu novo amigo! — Louise exclamou. — Um jovem muito simpático. — Fez uma pausa, esperando que Savannah fizesse algum comentário, mas como a outra permanecesse calada, foi adiante: — Fiquei sabendo que ele está trabalhando para você. Savannah, estou me perguntando se, afinal, alguém por aqui a conhece de verdade. Sempre pensei que você fosse uma moça tímida e recatada, mas acho que o ditado sobre as águas calmas é verdadeiro. — Encerrou o comentário com um risinho infantil.

— Estou à procura de alguém — Savannah murmurou, desesperada para escapar.

— Laredo? — Louise indagou. — Quando não tiver mais trabalho para ele, mande-o para a minha casa, está bem?

— Se me der licença... — Savannah falou com um fio de voz.

As irmãs Moorhouse, Edwina e Lily, chegaram ao vestíbulo, distraindo a atenção de Louise. As duas eram professoras aposentadas. A srta. Edwina fora professora de Savannah na primeira série e a srta. Lily, na terceira. Eram inseparáveis e Savannah as adorava.

— Bom dia — cumprimentou-as ao mesmo tempo em que fugia de Louise.

Quando finalmente conseguiu sair da igreja, sentia-se sufocada. O reverendo McMillen encontrava-se junto à porta, cumprimentando cada fiel pelo nome de batismo. Wade tinha o dom de olhar para as pessoas e enxergar muito além do óbvio.

— Você está bem, Savannah? — ele perguntou, tomando as mãos dela entre as suas. — Parece pálida.

— Estou bem. O calor é que está muito forte, hoje. A verdade era que Savannah estava se sentindo mal por atrair tanta atenção. Tudo o que queria era correr de volta para casa, antes que alguém mais tentasse abordá-la.

— Savannah! Savannah! — Maggie Daniels, filha de Caroline, correu para ela, estendendo-lhe um desenho que fizera na escola.

— Olá, Maggie. O que é isso? — Savannah perguntou, estudando o papel.

Maggie era sempre uma alegria para Savannah, que tivera um choque quando Caroline anunciara sua gravidez, no último ano de faculdade. No início, muitos haviam especulado sobre quem seria o pai da criança, mas Caroline jamais contara e ninguém jamais tivera a coragem de perguntar. Florence, mãe de Caroline, fora agente do correio de Promise por muitos anos e, quando morrera, na última primavera, a filha assumira o posto.

Ao que parecia, Maggie havia transferido o amor que sentia pela avó para Savannah, que se sentia privilegiada por isso, além de dedicar à criança afeição igual. Recentemente, Caroline vinha deixando a filha cada vez mais aos seus cuidados, mas ela não se importava, pois adorava ter a menina por companhia.

— Esse é Joseph — Maggie explicou, apontando para uma figura no papel.

— Ah, sim — Savannah disse. — Ele está usando aquele casaco colorido. Que belo desenho você fez!

O rostinho de Maggie iluminou-se de prazer e ela segurou a mão de Savannah.

— Onde está minha mãe?

Naquele exato momento, Caroline saiu pela porta lateral, com as colegas do coral.

— Mamãe, mamãe! — Maggie gritou, correu para a mãe atirou-se em seus braços, com se não a visse há dias.

— Quer almoçar conosco? — Caroline convidou, tomando a filha nos braços. Savannah sacudiu a cabeça depressa.

— Deixei um assado no forno — alegou. — Louise encurralou você? — Ela tentou.

— Ora, dê à velhota algo para comentar! — Caroline!

— Ela está com ciúme, só isso.

— Ciúme de quê? — Savannah indagou, confusa.

— De você, por ser jovem, bonita e ter um homem atraente em sua vida.

— Laredo não faz parte da minha vida. Pelo menos, não no sentido pessoal.

A verdade era que Savannah desejava com ardor que isso não fosse verdade. Queria que Laredo a beijasse, abraçasse, fizesse qualquer coisa para mostrar que correspondia os seus sentimentos. Uma vez, ela o surpreendera a fitá-la e tivera a impressão de ver um brilho de interesse nos olhos dele, mas não tinha certeza. Se fosse uma mulher mais experiente, com certeza saberia.

— É uma pena - Caroline falou com uma risada. — Você bem que está precisando de um pouco de romance em sua vida.

— E quanto a você? Ora, Savannah não se lembrava da última vez em que a amiga saíra com alguém.

— Eu? Romance? Nem pensar! Já tive romance suficiente para durar minha vida inteira.

— Ah, Caroline, não deixe que uma experiência negativa estrague o resto de sua vida.

Caroline esforçou-se para disfarçar a tristeza que lhe turvou o olhar.

— Algumas pessoas nasceram para se apaixonar. Outras são como eu...

As palavras morreram em seus lábios e ela desviou o olhar.

O coração de Savannah apertou-se pela dor da amiga, mas ela não sabia o que dizer.

Laredo ouviu Wiley assobiando em seu quarto. O capataz parecia estar de excelente humor. Por natureza, o mais velho era uma pessoa de bom temperamento, mas naquele dia sua alegria era contagiante.

Laredo continuou costurando a sela que tinha nas mãos. Ninguém lhe pedira para consertá-la, mas ele tinha tempo de sobra e preferia manter-se ocupado a ficar sentado, sem ter o que fazer.

Embora não fosse da sua conta, fizera uma visita ao estábulo e examinara os cavalos. Eram saudáveis e bem cuidados. Widowmaker, o garanhão responsável pela reprodução, fez Laredo lembrar-se de Grady. Homem e animal pareciam partilhar o mesmo temperamento, embora Laredo suspeitasse que seria muito mais fácil relacionar-se com o cavalo do que com seu dono. Em geral, os cavalos reconheciam Laredo como amigo, instantaneamente. Era sua afinidade com os animais que o tornava tão bom no que fazia. Quando criança, já gostava de acompanhar o pai aos estábulos de sua propriedade.

Uma das melhores lembranças que guardava da infância era a do pai erguendo-o para que ele pudesse afagar a crina de Midnight, um belíssimo garanhão de raça.

As lembranças que Laredo guardava do pai eram escassas. Afinal, tinha apenas seis anos quando viera a notícia de que Russel Aaron Smith havia sido morto em um país cujo nome ele não conseguia pronunciar.

O pai sangrara até a morte em uma plantação de arroz, a dez mil quilômetros de casa. Pouco tempo depois, a mãe de Laredo decidira voltar para a casa dos pais, onde passara a infância.

Seu avô era um bom homem, mas possuía uma papelaria e jamais compreendera o amor do neto pela vida no campo, ou sua paixão por cavalos.

Na adolescência, Laredo passara a trabalhar nas fazendas da região, nas férias de verão. Seu talento logo fora reconhecido. A fim de agradar a mãe, terminara o colégio, mas assim que o diploma lhe fora entregue, Laredo partira. A mãe namorava Clyde Schneider havia anos e Laredo sempre acreditara que, assim que ele saísse de casa, os dois se casariam. Porém, isso jamais acontecera.

Sua mãe adoraria Savannah, Laredo pensou, mas decidiu não mencioná-la em sua próxima carta, temendo que a mãe desse ao relacionamento uma importância maior que a real. Laura Smith era louca para ter netos e nunca perdia uma oportunidade de tocar no assunto, lembrando-o de que já estava na hora de ele se casar e constituir uma família.

Laredo tratava de ignorar as insinuações, pois não se considerava um homem de família. Ao menos, não enquanto não tivesse nada para oferecer a uma mulher, além dos poucos acres de terra que comprara no Estado de Oklahoma e um garanhão no qual gastara, recentemente, todas as suas economias. Laredo ia buscá-lo, quando sua caminhonete quebrara.

Renegade, o animal no qual Laredo apostava todo o seu futuro e que esperava ser o primeiro de uma dinastia de cavalos de corrida. No momento, porém, aquilo era tudo o que ele tinha... e Savannah Weston merecia muito mais. Se, um dia, chegasse a contemplar a possibilidade de um casamento, esperava encontrar uma mulher como ela.

Definitivamente, não poderia mencioná-la para a mãe, pois jamais deixaria de sofrer as pressões para mudar de ideia.

Wiley começou a cantar e Laredo estremeceu ao ouvir as notas desafinadas, bem como a letra incompreensível, de uma velha canção de Kenny Rogers.

Quando Wiley apareceu, seus cabelos estavam molhados e cuidadosamente penteados. Ele vestia uma jaqueta de camurça e gravata de couro, com um prendedor de turquesa. Passara tanto perfume, que os olhos de Laredo encheram-se de lágrimas.

— Eu diria que você está bonitão — Laredo provocou-o.

O capataz soltou uma risada.

— Vou visitar a viúva Johnson, Geni Brewster. Grady pode se matar de trabalhar, se quiser, mas eu tenho lugares para ir e pessoas a encontrar. Não se preocupe se eu chegar tarde, esta noite.

Com uma piscadela marota, Wiley saiu.

Laredo sabia que Brewster ficava a, pelo menos, cento e cinquenta quilômetros de Promise, mas sorriu assim mesmo, contagiado pelo entusiasmo do mais velho. Quando terminou de costurar a sela, Laredo levou-a de volta ao estábulo e guardou os instrumentos. Pela manhã, vira Savannah entrar na caminhonete, com uma bíblia nas mãos. Portanto, sabia que ela fora à igreja.

Ao meio-dia e meia, Laredo já estava ansioso para ver Savannah de novo. Gostaria de passar mais tempo na companhia dela, mas Grady tornava isso muito difícil. Toda vez que os dois ficavam sozinhos por mais que uns poucos minutos, o outro aparecia. Em vez de colocar Savannah na posição constrangedora de ter de se explicar para o irmão, Laredo preferia dar uma desculpa e se afastar. Jantara com eles apenas uma vez, na noite de sua chegada. Desde então, fizera suas refeições com Wiley, no alojamento.

Quando saiu do estábulo, viu a caminhonete e concluiu que Savannah estava de volta. Ficou ali, parado, tentando decidir o que fazer. Grady saíra para inspecionar o rebanho e, portanto, demoraria horas para voltar. Aquela era a oportunidade perfeita para desfrutar da companhia de Savannah. Uma ideia tentadora.

Por outro lado, não seria decente de sua parte iludi-la. Não tinha nada a oferecer, exceto por alguns beijos roubados. Além disso, já decidira que assim que tivesse o dinheiro para pagar pelo conserto da caminhonete, seguiria o seu caminho. No entanto...

Laredo sacudiu a cabeça. Mal a conhecia e, mesmo que pudessem se envolver, seria um relacionamento sem futuro. Ele teria de morar em um trailer de segunda mão, para poder construir sua fazenda a partir do nada. Seriam anos de sacrifício, antes que seus esforços produzissem resultados. Um dia, num futuro distante, tinha certeza de que sua criação seria famosa. Mas, até lá...

Quando partisse de Promise, não queria carregar consigo nenhum remorso. Savannah era meiga e gentil e Laredo preferiria cortar um braço a magoá-lo. Não era bobo, vira a expressão nos belos olhos azuis. Por mais que ela tentasse disfarçar, estava interessada. Ora, ele também!

Savannah era o tipo de mulher que um homem apresentaria à sua mãe, sem pensar duas vezes. Merecia muito mais do que um simples flerte. O melhor a fazer seria voltar para o alojamento, antes de começar algo que não saberia como terminar. Algo que ele, simplesmente, não tinha o direito de começar.

A decisão escapou-lhe das mãos no momento em que Savannah apareceu na porta da cozinha. Ao vê-lo ali, parado, seu semblante iluminou-se.

— Queria convidá-lo para almoçar comigo — ela disse:

Embora soubesse que deveria recusar o convite com gentileza, Laredo não teve coragem de decepcioná-la... ou de negar a si mesmo o prazer da companhia dela.

— Vou me lavar e estarei aí em um instante. Quando se encaminhava para a cozinha, Laredo começou a assobiar. Ao dar-se conta do que fazia, parou. Não deveria estar se sentindo tão feliz. Afinal, estava caminhando na direção de um grande problema, sorrindo como um colegial.

O aroma apetitoso de carne assada cumprimentou-o assim que ele abriu a porta. Savannah encontrava-se diante do fogão, dando os últimos retoques na comida.

Era uma cena deliciosamente doméstica. Depois de anos comendo em alojamentos e bares de estrada, era mesmo um prazer sentar-se a uma mesa de verdade, almoçar ao lado de uma mulher encantadora, comer em estilo civilizado.

— Quando você preparou tudo isso? — perguntou, surpreso.

— Hoje, de manhã.

Laredo puxou a cadeira para Savannah, que corou e agradeceu. Então, ele apanhou um pãozinho que ela acabara de assar. Como estivesse quente demais, Laredo começou a jogá-lo de uma das mãos para a outra. Savannah riu. Ora, um homem poderia passar a vida ouvindo aquela risada, ele pensou, ignorando a voz da razão que tentava adverti-lo sobre os perigos que estava correndo.

— E uma receita de minha mãe — Savannah explicou, referindo-se aos pãezinhos.

Eram deliciosos, os melhores que Laredo já experimentara. Quando ele disse isso, ela nem tentou esconder o prazer provocado pelo elogio.

— Almoçaremos sozinhos, pois Grady foi cuidar do rebanho — falou, sem encarar Laredo.

— Prefere que eu coma no alojamento?

— Não! Gosto da sua companhia.

— E eu da sua.

Talvez ele não devesse fazer tal confissão, mas não foi capaz de guardar as palavras para si.

— Como foi a sua manhã? — ela perguntou, passando-lhe a travessa de carne.

— Escrevi algumas cartas — Laredo contou, embora quisesse dizer a ela que sentira sua falta.

No início, a conversa foi forçada, como se nenhum dos dois soubesse ao certo o que dizer, o que falar. Porém, gradualmente, foram se sentindo mais à vontade. Savannah era tão autêntica e sincera em suas perguntas e comentários, que Laredo não encontrou dificuldade em assumir a mesma atitude.

Depois do almoço, continuaram à mesa, saboreando o café. Savannah perguntou sobre a família de Laredo e ele lhe contou sobre sua infância, antes de o pai partir para a guerra.

Como ela fosse boa ouvinte, Laredo continuou com sua história, contando sobre a morte do pai e a mudança, com a mãe, para a casa dos avós, agora falecidos, em Oklahoma. Relatou os detalhes em tom

casual, sem demonstrar nenhuma emoção, mesmo quando falou daqueles anos tristes que raramente mencionava para alguém.

Sentiu que Savannah compreendia o significado de tais lembranças e sabia que era uma parte da alma de Laredo que estava sendo exposta a ela. E, mesmo que ele procurasse falar com leveza e até brincar com o assunto, era evidente que ela percebia a dor contida nas palavras não ditas.

A certa altura, Laredo decidiu oferecer-lhe o mesmo tipo de interesse.

— Agora, conte-me sobre sua família, Savannah — pediu.

Ela se levantou com tamanha rapidez, que Laredo ficou se perguntando se a ofendera com o pedido. Apoiando as mãos na pia, Savannah manteve-se de costas, provocando nele o desejo de segurá-la pelos ombros, a fim de reconfortá-la.

Melhor do que ninguém, Laredo deveria saber respeitar a privacidade e a dor alheias. Depois de ter conversado com Savannah por mais de uma hora, sentira-se no direito de fazer perguntas. Porém, era um direito que ele não tinha. Savannah não lhe devia satisfações, nem qualquer outra coisa. Era ele quem estava em débito para com ela.

— Savannah, eu sinto muito — sussurrou.

— Você sabia que tenho dois irmãos? — ela indagou, ainda de costas. — Grady e Richard.

— Não, eu não sabia.

— Richard é mais novo que eu. Tem vinte e nove anos.

Só então ela virou para encará-lo.

— Ele vive na região? — Laredo perguntou em tom suave.

— Não sei onde ele está. Grady e eu não vemos Richard há seis anos, desde o dia do enterro de nossos pais.

Laredo não sabia o que dizer. Continuou a lutar contra o impulso de tomá-la nos braços, percebendo que falar do irmão provocava em Savannah uma dor profunda.

— Ele... desapareceu — ela concluiu com voz carregada de emoção.

— Savannah, você não precisa dizer mais nada. Eu não deveria ter perguntado...

— Não, por favor. Quero lhe contar tudo. Meu pai disse a Grady que se alguma coisa acontecesse a ele, Grady deveria ir ao Banco de Brewster, onde ele havia alugado um cofre. No dia anterior ao funeral, Grady e Richard visitaram o banco juntos. Pode imaginar como ficamos surpresos ao descobrir que o cofre encontrava-se repleto de dinheiro vivo. Grady calculou que havia por volta de quarenta mil dólares lá, junto com uma carta.

Savannah fez uma pausa e respirou fundo.

— Papai escreveu que vira o que acontecia a pessoas que investiam seu dinheiro em seguros de vida e, depois do fiasco da política de poupança e empréstimo, perdera a confiança nos bancos também.

Como não queria que a esposa e os três filhos tivessem de se preocupar com dinheiro, vinha guardando pouca coisa pouco fazia anos. Seu plano era deixar o suficiente para o pagamento dos impostos

sobre a herança e para a administração da fazenda. Acho que minha mãe também não sabia da existência desse dinheiro. A voz dela tornou-se trêmula.

— No dia seguinte, enterramos papai e mamãe. Não me lembro de quase nada daquele dia. Lembro-me apenas das pessoas que vieram para o funeral e de como foram gentis e generosas. Mas não consigo me lembrar da última vez em que vi Richard. Ele desapareceu, sem dizer uma palavra a quem quer que fosse. De início, imaginamos que algo terrível havia acontecido a ele, que a dor fora tão profunda, que ele havia feito alguma bobagem. Quase fiquei doente de preocupação, assim como Grady.

Savannah ergueu os olhos cheios de lágrimas.

— Richard levou o dinheiro... cada centavo. Ao que parece, assim que o enterro terminou, foi diretamente para o banco, falsificou a assinatura de Grady e esvaziou o cofre. Levou o que pertencia a nós três. Deixou-nos sem nada. Havíamos acabado de perder papai e mamãe. Nossa dor era insuportável e se tornou ainda pior com a traição de Richard. Nunca mais tivemos notícias dele. Grady jamais voltou a ser o mesmo. Praticamente se matou de trabalhar para evitar que perdêssemos a fazenda. Acho que ele odeia Richard. Não consigo odiá-lo, pois também é meu irmão. Como vê, Laredo, em um único dia, perdi meus pais e meus dois irmãos.

Naquele momento, nada poderia ter impedido Laredo de abraçá-la. Quando o fez, ela se moldou a ele, como se houvessem se abraçado daquela maneira um milhão de vezes, como se tivessem sido feitos um para o outro.

Laredo não saberia dizer quanto tempo ficaram assim, mas tinha certeza de que não fora o bastante para satisfazer seu desejo. Os braços de Savannah o enlaçavam, enquanto ela mantinha o rosto escondido em seu peito. Ele lhe aflagava os cabelos, de olhos fechados, saboreando o prazer de ter uma mulher tão linda e tão boa nos braços.

Não ouviu a porta se abrir, mas deveria ter imaginado que isso poderia acontecer.

A porta se fechou com um estrondo e ele abriu os olhos. Instintivamente, seus braços se apertaram, protetores, em torno de Savannah, antes de libertarem-na com relutância.

— Que diabos você pensa que está fazendo com minha irmã? — Grady vociferou.

Na sala, andando de um lado para o outro, Grady; repassou mil vezes na mente as palavras que diria quando confrontasse Savannah.

Era verdade que havia perdido a linha quando a encontrara nos braços de Smith, como se os dois fossem amantes. A visão o deixara furioso e, antes que pudesse evitar, tivera aquela reação.

Não queria brigar com Savannah. Ela era sua irmã, mas a atração que sentia por Laredo Smith, ou qualquer que fosse o nome daquele sujeito, havia acabado de vez com seu bom senso. E Grady simplesmente não podia assistir de braços cruzados à irmã fazer papel de tola para um patife aproveitador.

Infelizmente, até então, seus métodos não haviam dado resultado e ele se deu conta de que teria de mudar de tática. A expressão de sua fúria fora retribuída com silêncio. E Grady jamais conhecera outra mulher capaz de dizer tanto sem pronunciar uma só palavra.

Bem, estava disposto a admitir que também cometera erros. No meio da semana, Savannah preparara um desses pratos prediletos como uma oferta de paz, mas Grady estivera tão zangado que

fingira não perceber o gesto. Errara ao ignorar a mão que sua irmã lhe estendera, mas tinha a decência de reconhecer a falha. Queria poder fazer as pazes com ela, agora... Esperava poder persuadi-la a ouvir a voz da razão.

Savannah tratara de evitá-lo desde que ele a surpreendera com Smith, na cozinha. Pelo resto do dia, ela havia ficado fora de suas vistas e, ao anoitecer, trancara-se em seu quarto. Não estava dormindo, pois Grady podia ouvir-lhe os passos, tão inquietos quanto os dele.

Cansado de andar de um lado para outro, Grady decidiu conversar com a irmã imediatamente, antes que a oportunidade se perdesse... antes que sua coragem se dissipasse. Subiu a escada, parou diante da porta do quarto de Savannah e bateu.

— Pois não? — ela falou com frieza, sem abrir a porta.

— Savannah, eu gostaria de conversar com você sobre Laredo Smith — Grady declarou no tom calmo e formal que ensaiara.

A porta se abriu e Savannah fitou-o com olhos frios.

— Talvez seja mais confortável na sala — ele sugeriu. Ela hesitou e, então, assentiu, acompanhando-o. Grady respirou aliviado, embora se perguntasse quanto aquela paz lhe custaria. Ficar brigado com a irmã doía muito mais do que ele admitiria.

— Você me deve um pedido de desculpas, Grady — ela anunciou, assim que chegaram na sala.

— Tem razão. Peço desculpas.

— E quanto a Laredo? Vai se desculpar com ele, também?

Aquilo já era ir longe demais, mas Grady sabia que não seria conveniente criar uma discussão naquele momento.

— Quero conversar com você sobre Laredo — repetiu. — Estou preocupado com você.

— Tenho trinta e um anos e não preciso de um irmão mais velho que me trata como criança. Você não é meu guardião. Fiquei mortificada, hoje, Grady.

Seu comportamento o embaraçara, também, mas ele não conseguira evitar a explosão. Entrar na cozinha e deparar com Savannah nos braços de um homem fora um choque terrível.

— Peço desculpas — ele disse mais uma vez.

— Por que agiu daquela maneira? — Savannah inquiriu.

Grady não seria capaz de mentir.

— Tenho medo que você saia dessa história magoada.

— Minha vida não é da sua conta.

Muito pelo contrário, ele pensou. Afinal, eram irmãos. Savannah era ingênua demais com relação aos homens, especialmente tipos como Smith, e precisava de proteção.

— Savannah, vai acabar sofrendo uma decepção, caso se envolva com esse sujeito.

Ela suspirou, como se o irmão não fizesse a menor ideia do que ela sentia. Talvez fosse verdade,

mas isso não alterava os fatos.

— Laredo agiu como um perfeito cavalheiro — Savannah explicou. — Eu estava chorando e ele me abraçou para me consolar.

— Ele fez você chorar?

— Não! Contei a ele sobre Richard e, como você sabe, sempre choro quando falo de nosso irmão.

As feições de Grady endureceram ao ouvir o nome do irmão, mas ele não queria discutir aquele assunto no momento.

— Savannah, olhe para mim.

— Gosto de Laredo.

— Eu sei e é justamente o que me preocupa.

— Por quê? Não viu com que capricho ele tem trabalhado no meu jardim? Até agora, Laredo foi mais que gentil comigo.

Frustrado, Grady rangeu os dentes.

— Há coisas sobre ele que você desconhece — falou da maneira mais suave possível.

— Grady, olhe para mim. Minha juventude está passando e acabo de receber esse... presente precioso, essa bênção, a chance de amar e ser amada. Não vou permitir que você, ou qualquer outra pessoa, estrague isso.

— Você o ama? — Grady inquiriu, incrédulo. — Mal conhece o sujeito!

Ela baixou os olhos para as mãos.

— Eu poderia vir a amá-lo, assim como ele poderia me amar, também. Nós nos compreendemos tanto.

— Há quanto tempo o conhece? Três dias? Quatro? Savannah, pelo amor de Deus, o que está acontecendo com você?

Para surpresa de Grady, a irmã ergueu os olhos para fitá-lo com um sorriso luminoso.

— Algo maravilhoso, Grady. Sinto-me viva de verdade, pela primeira vez em muitos anos. Eu já havia me esquecido dessa sensação.

— Savannah, Savannah — ele murmurou com um gemido.

— Grady, por favor, fique feliz por mim.

— Não posso.

— Então, não estrague minha chance de ser feliz. É só o que lhe peço.

Grady pôs-se de pé, sofrendo pelo que tinha de dizer a ela.

— Não pode confiar nele.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Laredo está provando que é digno de confiança.

— Não pode confiar nele — Grady repetiu.

— Pois confio cegamente. Acredita, honestamente, que sou tão incapaz de julgar o caráter das pessoas? Laredo é paciente e generoso. O que você acaba de dizer só prova que não o conhece.

— Você é muito ingênua. Ele vai usá-la e, depois, abandoná-la para enfrentar as consequências sozinha.

Após um momento de silêncio, Savannah replicou:

— Este foi um comentário muito baixo, Grady. Detestando-se por ser ele o mensageiro de uma notícia tão terrível, o destruidor do conto de fadas que a irmã fantasiara, Grady respirou fundo, preparando-se para o momento mais difícil da conversa.

— Pergunte-me onde estive esta tarde — disse.

— Onde você esteve?

— Fui à casa de Cal Patterson, para dar um telefonema.

— Não podia usar o telefone daqui?

— Não. Cal tem a lista com os nomes e números de telefone de todos os membros da associação de criadores de gado da região.

— Esteve investigando Laredo? — Savannah perguntou.

— Savannah, acredite, o que tenho a dizer não me dá prazer algum, mas o seu precioso Laredo Smith foi demitido de seu último emprego. Conversei com Earl Chesterton e ele me contou que despediu Smith por uma causa justa.

Se isso não a convencesse da verdade sobre aquele homem, nada mais convenceria.

Um momento de silêncio se seguiu e Grady interpretou-o, erradamente, como um momento de choque. Para sua surpresa, Savannah sorriu.

— Ah, Grady, você deve ter ficado muito preocupado, mas não havia motivo. Eu já sabia.

CAPÍTULO IV

Grady não se sentia ansioso para falar com Frank Hennessey, mas adiara a visita por tempo demais. Já não suportava mais os temores provocados pelo fato de a irmã, tão sensata e inteligente, estar sendo enganada por um sujeito como Smith.

Se havia uma coisa que Grady não tolerava era um ladrão. Na sua opinião, roubar o que pertencia a outra pessoa era a atitude mais baixa que um homem poderia tomar. Sem dúvida, seus sentimentos sofriam a influência do que Richard fizera.

Desde a infância, seu irmão fora mimado e superprotegido pelos pais, bem como por Savannah. Mesmo no colégio, quando Richard deveria estar amadurecendo e assumindo responsabilidades adultas, ele aperfeiçoara a arte de transferir suas obrigações para terceiros.

Mesmo quando criança, Richard usara seu charme para conseguir o que queria. Era dono de boa conversa, nunca era culpado por nada. Todas as suas falhas e problemas eram responsabilidades de outras pessoas.

Apesar de conhecer todos os defeitos de Richard, Grady jamais desconfiara que o irmão fosse um ladrão. Então, descobrira a verdade. Quando o choque se dissipara, Grady havia se deparado com a terrível realidade de sua situação financeira.

Chegara a se culpar, pois não deveria ter levado Richard ao Banco de Brewster, nem mostrado onde guardava a chave do cofre. Mas Grady confiara nele e fora obrigado a aprender, da maneira mais dolorosa, que havia cometido um erro.

Agora, não estava disposto a cometer um segundo erro. Especialmente envolvendo Savannah, a única família que lhe restara. Não a perderia por nada.

No início, a opinião de Grady a respeito do forasteiro fora influenciada pela atitude de Savannah. Pela primeira vez em muitos anos, ela o desafiara.

Assim, a reação natural de Grady fora não gostar do homem que ela protegia, contra a vontade do irmão. Mesmo assim, havia tolerado a presença de Laredo Smith. Chegara a aceitar comentários bem-humorados de Wiley e Caroline, acusando-o de não estar sendo razoável.

Com o tempo, ele mesmo poderia acabar incluindo o vaqueiro em sua folha de pagamentos. Afinal, Wiley e Savannah tinham razão ao dizer que precisavam de mais um funcionário na fazenda.

Agora, porém, depois do que havia descoberto, não ofereceria emprego a Smith. Nada o faria contratar um ladrão.

Grady descobrira tudo o que precisava saber sobre Laredo Smith, na breve conversa que tivera com Earl Chesterton. Queria Smith fora de sua propriedade o mais depressa possível, bem longe de Savannah. Frank compreenderia. O delegado gostava muito de Savannah e não pensaria duas vezes para ajudar Grady a protegê-la.

As palavras da irmã, <<Não estrague minha chance>>, ecoava na mente de Grady e, embora ele acreditasse estar fazendo a escolha certa, sentia-se culpado. A última coisa que desejava era magoar

Savannah. Queria se ver livre do forasteiro, mas teria de fazê-lo de maneira que a própria Savannah concordasse ser essa a atitude mais correta a tomar.

Para isso, precisava da ajuda de Frank Hennessey.

Grady considerava seu dever proteger a irmã. Ela alegava saber tudo o que precisava saber sobre Laredo, mas o irmão duvidava. Um ladrão seria sempre um ladrão e, se Smith havia roubado, certamente roubaria de novo. Grady tinha fortes suspeitas de que o caubói já estivera às voltas com as autoridades mais de uma vez. E era justamente o que pretendia descobrir através de Frank Hennessey. Quando se visse diante da verdade nua e crua, Savannah não pensaria duas vezes antes de mandar Laredo embora.

Frank cochilava em sua poltrona, com os pés cruzados sobre a mesa, e o chapéu protegendo os olhos da luz. Grady fechou a porta com força, obrigando o delegado a erguer o chapéu, a fim de verificar quem era o visitante.

— Olá — Frank cumprimentou-o. — No que posso ajudá-lo, Grady?

— Tenho um problema — Grady respondeu após um breve instante de hesitação.

O sorriso do mais velho se dissipou e ele se endireitou na cadeira.

— Que tipo de problema.

— Preciso de um favor seu, Frank. Sei que, em circunstâncias normais, você não faria esse tipo de coisa, mas é a única maneira que conheço de salvar Savannah.

— O que há de errado com Savannah? — Frank inquiriu, sobressaltado.

Não era do feitio de Grady discutir questões familiares com terceiros, mas não viu escolha.

— Você já deve saber que Savannah contratou um forasteiro para trabalhar no jardim.

Frank sorriu.

— A história já correu a cidade, a esta altura. Foi Dovie quem me contou. Estava surpresa por Savannah ter desafiado você.

Grady detestou saber que o povo da cidade estava falando de Savannah pelas costas e deixou seus sentimentos bem claros na expressão sombria de seu rosto.

Compreendendo a mensagem, Frank limpou a garganta e falou:

— Bem, você sabe como são as mulheres... Não resistem a uma fofoca.

— Não confio nele — Grady foi direto ao ponto, pois de nada adiantaria fazer rodeios, quando o assunto já era do conhecimento de todos. — Em primeiro lugar, estou desconfiado de que Smith é um nome falso.

— Não acha que, se fosse o caso, ele teria escolhido um nome mais original? — Frank indagou, pensativo.

— Tanto faz o motivo pelo qual ele escolheu esse nome. "Laredo Smith" soa tão falso como uma nota de três dólares.

— Além de não gostar do nome dele, tem alguma razão para não confiar no sujeito?

— Muitas. Smith mencionou ter trabalhado para Earl Chesterton, na fazenda Triple C, em Williamsburg. Telefonei para Earl e descobri que ele demitiu Smith por roubo.

Frank ergueu as sobrancelhas.

— Por que Earl não registrou queixa?

— Foi o que perguntei a ele. Aparentemente, foi a palavra de um homem contra a de outro, sem a possibilidade de comprovar quem dizia a verdade. Earl demitiu os dois.

— Compreendo — Frank murmurou. — Se Smith tivesse algo a esconder, não teria contado que trabalhou na Triple C.

Grady suspirou, perguntando-se por que ninguém mais se preocupava com a situação como ele.

— Quero pedir a você que faça uma investigação sobre o passado de Smith — declarou, dando-se conta de que estava esperando um bocado da amizade do delegado.

Frank reclinou-se na cadeira, considerando o pedido de Grady.

— Compreendo a sua preocupação com Savannah e não posso culpá-lo por se sentir assim. Ela é a pessoa mais dócil que conheço e se esse forasteiro fizer qualquer coisa para magoá-la, terá de se ver comigo e mais metade da cidade.

— Vai me ajudar, então?

— Farei uma investigação — Frank anunciou com certa relutância.

Os dois trocaram um aperto de mão e Grady se foi. Já saía da cidade quando decidiu parar no correio para falar com Caroline. Já que a irmã não lhe dava ouvidos, quem sabe sua melhor amiga conseguisse resultado melhor. Depois de estacionar a caminhonete, Grady ficou ali, sentado, debatendo a decisão. Ao longo do último ano, começara a reparar em Caroline Daniels. Era mais nova que Savannah e, embora as duas fossem amigas havia muito tempo, Grady sempre a vira como uma garota. Agora, tornava-se cada vez mais difícil não pensar nela como uma mulher muito atraente.

No entanto, Caroline também possuía gênio forte e, com frequência, suas opiniões chocavam-se com as de Grady. Por isso, viviam discutindo. E, ainda, havia um outro problema.

Maggie.

Grady gostava da garotinha, mas por alguma razão que não compreendia, ela tinha medo dele. Savannah tomava conta de Maggie nas noites de segunda-feira, enquanto Caroline trabalhava como voluntária. A situação chegara ao ponto de Grady preferir se manter fora das vistas, para não aterrorizar a menina.

Sendo assim, era um grande risco pedir a ajuda de Caroline, mas Grady estava disposto a se arriscar. Mais do que tudo, pedir a Caroline que juntasse forças com ele mostrava a extensão de seu desespero para fazer Savannah recuperar o bom senso.

Felizmente, Caroline estava sozinha quando ele entrou.

— Olá, Grady — ela cumprimentou.

— Já almoçou? — Grady perguntou. Caroline arregalou os olhos.

— São três e meia da tarde.

— Então, que tal um café? — ele sugeriu, envergonhado.

Estivera tão obcecado por seus problemas, que não vira o tempo passar e acabara não almoçando.

— Acho que posso descansar por alguns minutos — ela disse, deixando de lado a pilha de correspondência que separava e fazendo um sinal para que Grady desse a volta no balcão. — O que está preocupando você?

— Savannah. Estou preocupado com ela e aquele forasteiro.

— O forasteiro tem nome.

— Claro. Smith.

— Laredo Smith.

— Certo. Laredo Smith — Grady repetiu, impaciente. Não sabia por que Caroline o atraía e irritava, ao mesmo tempo. Nos últimos tempos, vinha encontrando dificuldade cada vez maior em conversar com ela de maneira civilizada, embora gostasse de Caroline.

— Qual é o problema? — ela inquiriu.

— Tenho medo de que ele vá abusar da generosidade de minha irmã.

— Não confia na capacidade de julgamento de Savannah?

— Claro que confio. Acontece que ela é ingênua e vulnerável. Savannah não tem muita experiência com homens, especialmente sujeitos espertinhos como Laredo Smith.

— Laredo é espertinho? Eu não havia notado — Caroline comentou, disfarçando um sorriso.

— Acha a situação engraçada? — Grady desafiou.

— Claro que não.

— Vejo que cometi um erro ao vir até aqui — ele declarou, deixando a xícara sobre a mesa. — Deveria ter adivinhado que você não me levaria a sério.

— Calma, Grady. Só não acho que haja motivo para tanta preocupação. Savannah é a pessoa mais sensata que conheço.

Grady costumava pensar assim, antes.

— Ela não é mais a mesma. Aquele patife a fez mudar.

— É verdade — Caroline admitiu. Finalmente, os dois concordavam em alguma coisa.

— Então, sabe do que estou falando.

— Grady, Laredo realmente fez Savannah mudar, mas foi para melhor. Será que você não vê como ela está feliz? Posso não ser muito boa no julgamento do caráter alheio, mas não acredito que ele seja o demônio encarnado, como você parece pensar. Maggie não parava de falar de Laredo, quando fui apanhá-la, na segunda-feira à noite. Não é qualquer homem que tem paciência para ler histórias para uma garotinha de cinco anos, até ela dormir. Savannah me contou que os três passaram mais de uma hora no estábulo, mostrando os bezerros recém-nascidos para Maggie.

— Em outras palavras, ela gostou de Smith — Grady resmungou.

O fato de Maggie gostar de Smith, mas não de Grady, era o maior insulto que Caroline poderia lhe infligir.

— E muito mais que isso.

— Verdade? — Ele nem tentou disfarçar o sarcasmo.

— Do que você tem medo, afinal?

Pela primeira vez, Caroline pareceu preocupada. Depois de fitá-la nos olhos por alguns momentos, Grady confessou:

— Não quero que ninguém se aproveite de minha irmã.

— Ela tem idade suficiente para saber o que faz.

— Ela confia demais nas pessoas.

— E isso é ruim?

— E. Tenho medo de que ele se aproveite dela. Tenho medo de que Savannah acabe sozinha e grávida.

Os olhos de Caroline turvaram de dor e só então Grady se deu conta do que acabara de dizer.

— Em outras palavras, tem medo de que sua irmã acabe como eu.

— Não foi isso o que eu quis dizer — ele tentou se desculpar, mortificado.

— E claro que foi.

Embora soubesse que o melhor seria ir embora, Grady ainda tinha esperança de que Savannah desse ouvidos a Caroline.

— Vai conversar com ela? — perguntou.

— Não.

— Não?

— Você ouviu. Se tiver de conversar com alguém sobre esse problema, será com você. E o que tenho a dizer é que deixe Savannah em paz, Grady.

— Quer que eu deixe minha irmã fazer papel de tola?

— Sim, ser for o que ela quiser. Savannah não é criança para ser ridicularizada e castigada. É uma mulher adulta com coração de mulher. Grady, juro que se você estragar a chance de Savannah encontrar a felicidade, jamais o perdorei.

— Encontrar a felicidade com aquele patife?

— Exatamente!

Furioso, mais consigo mesmo do que com Caroline, Grady marchou para fora do correio. Onde estava com a cabeça quando decidira conversar com a melhor amiga de Savannah? Caroline era tão teimosa quanto sua irmã. A diferença era que tinha menos tato.

— Boa tarde, Laredo — Savannah cumprimentou-o com timidez, ao se juntar a ele no jardim, carregando uma bandeja com dois copos de chá gelado.

A dedicação com que ele cuidava do jardim era evidente no viço de cada muda e no vigor de cada botão. As rosas haviam florescido dias antes do esperado.

— Olá — ele replicou.

Como acontecia sempre que o via, Savannah sentiu o coração agitar-se no peito. Laredo era alto, forte e adorável. Embora soubesse que "adorável" não era uma palavra comumente usada para descrever um homem, ela não conseguia pensar em outra que fosse tão apropriada. Aquele homem lhe dera muitas coisas, mas a mais importante era que ela passara a se sentir bonita, feminina e desejável.

— Aceita um copo de chá gelado? — ofereceu.

— Com prazer.

Ele retirou a bandeja das mãos dela e levou-a para a mesinha de ferro, cercada por quatro cadeiras do mesmo estilo, que ficava a um canto do jardim. Com o passo lento da velhice, Rocket foi se sentar entre os dois.

— Já estou terminando o trabalho com o adubo — Laredo informou.

Isso era um problema. Ele completava cada tarefa com rapidez, habilidade e determinação. Savannah gostaria de pedir a Laredo que diminuísse o ritmo de trabalho, que demorasse para cumprir cada um de seus deveres, para que houvesse sempre o que fazer. Mas não era assim. Desde o primeiro dia, ele demonstrara o desejo de provar o seu valor e fora exatamente o que fizera.

Mais um ou dois dias, e a imensa lista que Savannah fizera estaria terminada. Dali por diante, ela seria obrigada a inventar novos projetos. O que não seria tão difícil.

— Wiley me procurou — ele disse, entre goles de chá — e me falou sobre a pata machucada de Roanie. Pediu que eu a examinasse. Você se importa?

Ora, Savannah sentia-se aliviada com a notícia. Os três sabiam que seria melhor Grady não tomar conhecimento de que Laredo cuidaria de um dos cavalos. Ao mesmo tempo, seria absurdo deixar a pobre égua sofrer, especialmente quando podiam cuidar dela, sem o gasto extra com o veterinário.

— É claro que não me importo.

— Provavelmente, terei de usar algum tipo de pomada e enfaixar a pata ferida.

— Fico muito grata.

Como Grady jamais agradeceria, Savannah se encarregaria disso. Porém, tinha muito o que agradecer a Laredo, além de sua habilidade para cuidar de animais. Ele havia abençoado a vida dela na semana que se seguira à sua chegada. Uma semana. Apenas sete dias, mas ela sentia como se Laredo houvesse feito parte de sua vida desde sempre. Era como se, até então, estivera apenas esperando que ele a encontrasse.

Savannah sorriu ao pensar que Grady estava fazendo papel de tolo, enquanto dizia que a tola era ela. Considerando o alarde que o irmão estava fazendo, qualquer um pensaria que ela havia se tornado amante de Laredo, quando a verdade era que ele nem sequer a beijara.

Mas Savannah esperava que Laredo o fizesse... logo. Vinha sonhando com isso todas as horas de seu dia. Grady ficara furioso por ela ter dito que amava Laredo e pela primeira vez em sua vida, Savannah mentira para o irmão. Dissera que não amava Laredo, mas que poderia vir a amar.

A verdade era que o amava profundamente. Amava-o pelo carinho com que cuidava de suas rosas, pela delicadeza com que tratava seus animais, por sua honestidade, por sua ternura e paciência com Maggie e, acima de tudo, pela alegria que trouxera para a vida da própria Savannah. Todos os dias, ela acordava feliz por saber que o encontraria na cozinha. Todas as noites, pousava a cabeça no travesseiro e se entregava a sonhos que jamais imaginara possíveis para uma mulher como ela.

Portanto, embora ele não a houvesse tocado, com exceção do dia em que a abraçara na cozinha, Savannah sabia que Laredo sentia o mesmo que ela, pois reconhecia o amor dele de mil maneiras diferentes.

Grady a chamara de tola e, talvez, fosse verdade. Mas, se ser tola significava ser também feliz, o irmão poderia chamá-la do que bem entendesse.

— Há mais alguma coisa que você deseje que eu faça, hoje? — Laredo perguntou.

— Não. Vou sair em breve.

— Se vai até a cidade, poderia me fazer o favor de verificar como está o conserto da minha caminhonete?

— Posso fazer isso outro dia, mas não planejei ir à cidade, hoje.

Savannah havia rezado para que ninguém fizesse perguntas sobre o seu destino, pois pretendia ir em segredo à cidade fantasma novamente. Precisara de uma semana para reunir coragem suficiente para voltar, mas, apesar de tudo, decidira fazê-lo. Tinha certeza de que encontraria outras mudas de rosas antigas lá.

— Vai voltar a Bitter End, não vai? — Laredo adivinhou.

Ela assentiu, sabendo que Laredo reprovava a ideia tanto quanto Grady.

— Quero procurar outras roseiras. Se as que foram plantadas no cemitério sobreviveram, com certeza existem outras.

Nos dias que haviam se seguido à sua primeira visita à cidade, Savannah acabara se convencendo de que o sentimento opressivo que experimentara não passava de produto de sua imaginação. Ficara nervosa e excitada, só isso. Grady a advertira tantas vezes sobre os perigos da cidade fantasma, que ela se deixara suggestionar. E, mesmo que a sensação que a invadira da primeira vez fosse real, acabara conseguindo superá-la e estava certa de que o faria de novo.

— Seu irmão...

— Ultimamente, Grady tem reprovado muito do que faço, Laredo. Vou voltar a Bitter End, com ou sem a aprovação dele.

A intensidade da determinação de Savannah apanhou Laredo de surpresa.

— Imagino que seu irmão tenha um motivo para não querer que você vá até lá.

— Você conhece Grady. Ele é superprotetor.

— Não conheço o seu irmão, Savannah, mas tudo o que ele faz e diz é por amar você e por se preocupar com o seu bem-estar. Talvez fosse melhor seguir o conselho dele.

Se Savannah já não estivesse apaixonada por Laredo, teria se apaixonado naquele momento. Ele estava defendendo seu irmão, quando Grady não fizera nada além de lhe criar problemas.

— Ele não compreende — ela murmurou.

— Onde fica esse lugar? Não ouvi mais ninguém mencionar uma cidade fantasma, por aqui.

— Não creio que muita gente tenha ouvido falar de Bitter End. Grady esteve lá, uma vez, mas recusou-se a tocar no assunto, depois disso. Por mais que eu pedisse, limitou-se a dizer que nunca mais voltaria, especialmente para me levar.

— E como você a encontrou? Ela riu.

— Não foi fácil. Demorei semanas.

— E por quê decidiu procurá-la, agora?

— Li um artigo, em uma revista sobre jardinagem, sobre um homem que encontrou uma grande variedade de rosas antigas no cemitério de uma cidade fantasma. Já havia me esquecido de Bitter End, mas depois que lembrei de sua existência, não consegui mais tirá-la da cabeça. Fiz algumas perguntas a Grady, tentando não despertar-lhe a curiosidade, mas ele acabou percebendo minhas intenções e não me deu mais nenhuma informação.

Laredo franziu o cenho.

— Savannah, se a preocupação de seu irmão é tão grande, fico preocupado, também. Não vá.

— Por favor, Laredo, não me peça isso.

— Então, não vá sozinha.

— Não há ninguém..

— Irei com você.

Savannah fitou-o nos olhos por um longo momento.

— Faria isso por mim? — indagou. Ele assentiu e ajoelhou-se diante dela.

— Prometa, Savannah.

— Está bem. Eu prometo.

Invadida pela necessidade súbita de tocá-lo, Savannah pousou a mão no rosto de Laredo. Ele fechou os olhos e segurou-lhe o punho com força surpreendente.

— Você torna as coisas impossíveis — murmurou.

— Impossíveis? — ela repetiu, sentindo o coração descompassado pela proximidade dele.

— Então, não sabe?

As palavras de Laredo foram pronunciadas em um gemido, como se o contato com Savannah lhe provocasse uma dor intensa. Ela reconheceu o desejo que pulsava nele, bem como sua capacidade de

controle. Admirou-o por isso, embora já não precisasse de tal controle.

— Beije-me, Laredo. Tenho sonhado com isso todas as noites.

— Savannah, por favor.

— Por favor, o quê? Quer que eu ignore meu coração? Não posso! Já tentei, Laredo, eu juro.

Ele segurou-lhe o rosto entre as mãos, fitando-a com um misto de determinação e desespero.

— Grady já está criando problemas demais para você — disse. — Não posso fazer isso.

— Não me importa o que meu irmão pensa — da protestou. — Sei o que sinto, Laredo. Meu coração chama por você.

Lentamente, Laredo deslizou as mãos, enroscando os dedos nos cabelos de Savannah. Então, seus lábios tocaram os dela. Naquele momento, ela sentiu o coração prestes a explodir de felicidade, ao mesmo tempo em que sua mente se esvaziava.

Em seguida, agarraram-se um ao outro, na necessidade incontrolável de estarem mais e mais perto. O beijo tornou-se mais intenso e ardente, até que Laredo finalmente o interrompeu, ofegante.

— Isso não deveria ter acontecido — murmurou com voz torturada. — Não quero magoar você.

— Você jamais seria capaz de me magoar — Savannah assegurou-o, encostando o rosto no peito largo.

Em toda a sua vida, jamais fora tão ousada com um homem, pedindo para ser beijada e abraçada. Porém, não se arrependia do que acabara de fazer. Ao contrário, lamentava ter demorado tanto para tomar a iniciativa. Embora fosse uma mulher inexperiente, já beijara outros homens, mas jamais experimentara algo parecido ao que acabara de vivenciar.

— Diga alguma coisa — pediu. — Preciso ter a certeza de que está sentindo o mesmo que eu.

— Acho que comecei a me sentir assim no momento em que você parou e me ofereceu carona — Laredo confessou, antes de se afastar.

— Laredo?

— Prometi a Wiley que examinaria Roanie. Lembra-se?

Em outras palavras, a conversa chegara ao fim. Laredo não tinha mais nada a dizer e não queria ouvir mais nada.

— Está bem — Savannah concordou, derrotada. Quando alcançou o portão para o jardim, Laredo virou-se.

— Não vai a Bitter End sem mim, vai?

— Não — ela prometeu.

Ele pareceu prestes a dizer algo, mas hesitou. Se pedisse desculpas por tê-la beijado, Savannah provavelmente gritaria de frustração. O que seria um acontecimento sem precedentes. Savannah Weston gritando! Ela não pôde evitar o riso provocado pela ideia.

Depois de observá-lo afastar-se, Savannah levou bandeja com os copos vazios para a cozinha.

Embora ele houvesse interrompido o beijo e se afastado, ela teve vontade de dançar. Laredo a beijara! E fora maravilhoso.

Ele não somente a beijara, mas confessara que vinha pensando nisso havia dias. Assim como ela. Além disso, embora não pronunciasse as palavras, deixara claro que a amava, também.

— Por favor — rezou baixinho —, faça com que seja verdade. Não permita que tudo não passe de uma brincadeira cruel do destino.

Porém, Savannah sabia que seu coração estava certo.

Como tivesse a tarde livre, preparou biscoitos de chocolate, uma de suas especialidades. Deixou a porta da cozinha aberta e, assim, ouviu quando Grady chegou, chamando:

— Savannah!

O tom de voz do irmão sobressaltou-a e ela abandonou seus afazeres e correu para a porta, de onde o viu caminhando furioso na direção da casa.

— Grady, o que aconteceu?

— Você não vai falar com ele! Ela sentiu a paciência esgotar-se.

— Já conversamos sobre isso. Laredo...

— Não estou falando de Laredo.

— De quem, então?

— Richard.

— Richard? — Só então Savannah avistou o irmão mais novo.

O garotinho que ela amara e mimara caminhava lentamente, carregando uma mala, os olhos fixos na casa, como se fosse apenas aquela visão o que o mantivesse vivo.

— Richard! — ela gritou, levando as mãos ao peito. — Grady, como pôde passar por ele e não lhe dar uma carona?

— Ele não é bem vindo aqui, Savannah.

— Richard é nosso irmão!

Sem se importar com o que Grady pudesse pensar, Savannah correu ao encontro de Richard. Finalmente, seu irmãozinho voltara. Agora, saberiam da verdade... e tudo voltaria a ser como antes.

Richard voltara para casa.

CAPÍTULO V

Richard havia mudado, Savannah pensou. Apesar de cansado e empoeirado da viagem, adquirira um ar de sofisticação que não possuía, seis anos antes. Ao mesmo tempo em que era Richard, seu irmãozinho querido, era também uma pessoa que ela já não conhecia. Porém, nada disso teve importância no momento em que ele a tomou nos braços.

— Savannah, é tão bom ver você! — ele cumprimentou com um sorriso radiante. — Está ainda mais bonita do que eu me lembrava.

Ela secou as lágrimas de felicidade e sorriu.

— Nem acredito que você está mesmo aqui — disse.

— Voltei para casa. Você não faz ideia de como é bom estar aqui.

Ao ver Richard olhar com nostalgia para a casa onde nascera e crescera, Savannah sentiu o coração amolecer e ficou imediatamente tentada a perdoar-lhe a terrível traição.

— Nem pense em ficar à vontade, irmãozinho — Grady vociferou da varanda.

Havia se postado diante da porta, as pernas afastadas, as mãos na cintura, barrando a entrada.

Lentamente, Richard colocou Savannah de volta no chão e encarou o irmão.

— Grady — Savannah falou em tom de advertência —, dê a ele uma chance de se explicar.

Richard deu um passo adiante.

— Não o culpo, Grady. Você tem todo o direito de estar com raiva de mim.

— Ainda bem que reconhece.

— O que fiz foi desprezível.

Richard estendeu um braço para Savannah, como se precisasse do apoio da irmã. Ela se aproximou, desejando deixar o passado para trás. Afinal, eram uma família e, se não fossem capazes de se perdoarem entre si, seria uma grande hipocrisia continuarem frequentando a igreja aos domingos. Grady, porém, ainda não estava pronto para considerar esse tipo de argumento. Assim, Savannah limitou-se a lutar para que ele desse ao irmão a chance de esclarecer a atitude que tomara anos antes.

— Desprezível é apenas uma das muitas palavras que me vêm à mente quando penso em você — Grady retrucou em tom duro.

Sua postura deixava claro que nada do que Richard pudesse dizer o faria mudar de ideia e deixar o irmão entrar em sua casa.

— Não o culpo por me odiar — Richard murmurou, abaixando a cabeça.

— Ah, Richard, você não faz ideia das dificuldades que enfrentamos — Savannah falou.

O semblante do irmão mais novo contorceu-se em remorso.

— Sinto muito. Eu era jovem e estúpido. Depois, quando me dei conta do que havia feito, não tive coragem de encarar você e Grady. Fiquei muito envergonhado.

— Você roubou aquele dinheiro de seus próprios irmãos! — Grady esbravejou.

— Eu estava sofrendo muito — Richard defendeu-se no mesmo tom que usava quando criança, depois de ter feito algo errado. — Não pensei no que estava fazendo. Só sabia que papai e mamãe estavam mortos.

— E que papai havia deixado uma quantia polpuda no cofre do banco — Grady completou.

— Não nasci para ser caubói. Até mesmo você tem de admitir isso. Quando papai morreu, imaginei o que viria. Você tentaria me forçar a trabalhar na fazenda e isso jamais daria certo. Não levo jeito para esse tipo de trabalho.

Grady permaneceu em silêncio.

— Sei que errei ao pegar o dinheiro. Mil vezes eu me amaldiçoei por minha ganância.

— Deveria ter telefonado — Savannah disse. — Poderia ter nos informado de seu paradeiro. Grady e eu quase enlouquecemos de preocupação.

— Juro que pensei em voltar para casa. Você tem razão, Savannah. Eu deveria ter ligado, mas não tive coragem, pois não sabia como vocês me tratariam.

— O que aconteceu com o dinheiro? — Grady inquiriu.

— O dinheiro — Richard repetiu com um suspiro que dizia tudo.

— Você gastou tudo — Grady concluiu com desprezo.

— Apliquei toda a quantia em um negócio. Meu plano era triplicar o capital e, então, dividir os lucros com vocês dois. Achei que, assim, vocês poderiam me perdoar pelo que fiz. Infelizmente, o negócio não deu certo.

— Em outras palavras, perdeu tudo. Richard balançou a cabeça devagar.

— O investimento não era tão sólido quanto fui levado a acreditar. Foi uma lição amarga, mas você precisa compreender, Grady. Eu estava desesperado para voltar para casa. Sentia tanta falta de vocês dois que teria feito qualquer coisa para estar aqui.

— Se não tinha coragem de falar conosco, poderia ter enviado uma carta — Savannah insistiu.

Durante meses, ela havia rezado por uma carta, um telefonema, qualquer coisa que explicasse o que acontecera. Recusara-se a abandonar a esperança, a acreditar que Richard fosse capaz de roubar o que lhes pertencia e desaparecer. Depois de seis meses sem notícias, havia deixado de procurar desculpas para o irmão. E, à medida que os anos foram se passando, o nome dele fora banido de suas conversas com Grady.

— Eu queria escrever — Richard declarou. — Deus é testemunha de que tentei, mas sempre fui péssimo no uso das palavras. Como seria capaz de explicar tudo em uma carta?

— Pois a mim parece — Grady falou com sarcasmo — que ninguém é tão bom quanto você no uso das palavras.

— Você realmente me odeia, não é? — Richard indagou com expressão de dor.

— Como poderíamos odiá-lo? — Savannah apressou-se em responder, temendo a resposta de Grady. — Você é nosso irmão.

Ao ouvir tais palavras, Richard pareceu recuperar as forças. Então, olhou em volta.

— Vocês fizeram um bom trabalho aqui — disse. — A fazenda está linda.

— Não graças a você.

— Pense bem, Grady. Que bem eu teria feito se tivesse ficado aqui? Sou incapaz de lidar com vacas e cavalos. Se ficasse, não ajudaria em nada. Admito que levar o dinheiro foi uma atitude horrível, mas a verdade é que eu apenas tomei parte da minha herança mais cedo do que deveria.

— Quase perdemos a fazenda — Savannah informou-o. — Acho que você não faz ideia do quanto tem sido difícil para mim e para Grady.

— Sinto muito — ele repetiu com o que parecia verdadeiro remorso. — Quantas vezes terei de me desculpar?

— Sente muito? — Grady ecoou, como se as palavras fossem obscenas.

Richard ignorou-o.

— Já disse que admito que errei ao pegar o dinheiro, mas por que vocês não venderam a fazenda?

— O que está querendo dizer? — Savannah inquiriu, certa de que ouvira mal.

Aquela fazenda pertencia aos Weston havia muitas gerações. Seus antepassados haviam construído os edifícios, cultivado a terra e criado gado. Todos eles haviam sido enterrados no pequeno cemitério além do pasto principal. Aquela era a sua herança, seu direito, seu futuro. O fato de Richard sugerir a venda revelava que ele simplesmente não compreendia aquele legado.

— Hoje em dia, todos sabem que não faz bem comer muita carne vermelha — ele explicou ao perceber que a irmã ficara perturbada. — Pelo que sei, o mercado de carne encontra-se em franco declínio.

Francamente, estou surpreso por ver que vocês conseguiram se sair tão bem até agora.

Savannah sentiu um aperto no peito. Parecia impossível que Richard tivesse nas veias o mesmo sangue que corria nas dela e de Grady. Ainda assim, também era seu irmão e ela não teria coragem de dar-lhe as costas, apesar de sua fraqueza de caráter e de sua traição.

— Acha que um pedido de desculpas pode consertar o que você fez? — Grady perguntou com voz trêmula de raiva. — Acredita mesmo que pode voltar a fazer parte de nossas vidas, como se nada houvesse acontecido? Pois estou aqui para garantir que isso não aconteça!

Confuso e inseguro, Richard virou-se para a irmã, em busca de apoio.

— Estou disposto a fazer qualquer coisa para compensar meu erro.

— Devolva-me seis anos de trabalho árduo e constante — Grady gritou. — Dias nos quais trabalhei quinze horas sem descanso, dias nos quais fiz o trabalho de dois homens sozinho. Pode fazer isso, irmãozinho?

Richard permaneceu imóvel e calado.

— Durante seis anos, lutei contra a falência, a tristeza, a amargura. Foi tão duro que eu nem conseguia dormir.

A medida que falava, Grady foi descendo os degraus. Savannah jamais o vira assim. Não era o Grady explosivo e irascível que esbravejara ao vê-la chegar com um estranho, mas um Grady amargo, que ela não conhecia.

— Não posso mudar o passado — Richard murmurou, os olhos voltados para o chão —, mas pensei que pudéssemos deixar tudo isso para trás e recomeçar uma nova vida, juntos.

— De jeito nenhum! — Grady explodiu. — Até agora, você não demonstrou um pinga de verdadeiro remorso. Nem sequer pediu a Savannah e a mim que o perdoássemos. No que me diz respeito, você já recebeu sua parte na herança... e pôs tudo a perder. Agora, suma daqui.

— Quer que eu vá embora? — Richard perguntou, incrédulo. — Vocês são minha família! Não pode estar falando sério! Tem razão, eu deveria ter pedido perdão. Era o que eu pretendia fazer. Afinal, foi para isso que voltei, para compensar vocês dois pelo meu erro.

— Deveria ter pensado nisso antes — Grady retrucou, no mesmo tom frio do início da conversa.

Savannah acalentara a esperança de que os três pudessem resolver suas diferenças e voltar a viver como irmãos. Porém, Grady estava certo. Em momento algum, Richard demonstrara verdadeiro arrependimento pela agonia que havia causado. Por outro lado, o mais novo sempre fora fraco e fácil de influenciar. E ainda era seu irmão. Ao menos em respeito à memória de seus pais, ela não queria que o ódio os separasse.

— Está falando sério? — Richard perguntou, pálido. — Quer que eu vá embora?

— Nunca falei tão sério em minha vida. Os dois irmãos fitaram-se nos olhos.

— Eu... estou desempregado. Estava trabalhando como vendedor, mas a firma adotou uma política de contenção de gastos. Não tenho para onde ir. Deixei instruções para que o cheque da minha indenização fosse enviado para cá.

Richard lançou um olhar esperançoso para Savannah, antes de voltar a encarar Grady.

Savannah tentou fazer Grady compreender sua dor, mas ele se recusou a olhar para ela. Não era fácil manter-se calada, especialmente quando Richard parecia implorar por sua ajuda.

— Você também, Savannah? — ele perguntou em um sussurro. — Também quer que eu vá embora?

Atormentada, ela não sabia o que dizer. Era claro que queria que ele ficasse, que suas vidas voltassem a ser como eram antes, mas não sabia se isso seria possível.

— Estou arruinado — Richard murmurou, desesperado. — O dinheiro se foi, perdi meu emprego e não tenho economias. Tudo o que me restava era voltar para você e Grady, corrigir meu erro...

Com os olhos cheios de lágrimas, Savannah viu-se em meio a um duelo entre seus dois irmãos.

Sem esperar pela resposta dela, Richard abaixou-se e apanhou a mala. Aparentemente, estava mais fraco do que haviam imaginado, pois oscilou, recuperando o equilíbrio um momento antes de cair.

Savannah não pôde mais se conter.

— Grady, por favor! Ele está prestes a desmaiar. Uma noite — implorou, passando um braço em torno da cintura de Richard. — Deixe-o ficar por uma noite.

Após um momento de silêncio que pareceu uma eternidade, Grady finalmente respondeu:

— Tudo bem, mas ele vai dormir no alojamento. Amanhã, pela manhã, quero-o longe daqui. Fui claro?

— Obrigado, irmão — Richard agradeceu em voz baixa. — Não vai se arrepender, eu prometo. Encontrarei um meio de compensar você e Savannah pelo que fiz. Eu não sabia, não me dei conta... Farei qualquer coisa se me deixar ficar. Vocês são a única família que tenho.

Laredo não tinha intenção de ouvir o que se passara entre Savannah e os dois irmãos, mas estava no jardim e não pudera evitar. Não sabia como o confronto terminara, mas ao que parecia, os três haviam chegado a algum tipo de entendimento. Só voltou a ver Savannah na hora do jantar e, quando entrou na cozinha, encontrou-a animada. O aroma apetitoso que vinha do forno era tentador.

Ao vê-lo, ela exibiu um sorriso radiante.

— Richard está em casa.

— Eu sei.

Laredo tentara deixar os eventos do início da tarde para trás e esperava que ela fizesse o mesmo. Aquele beijo fora um grande erro, do qual ele se arrependia profundamente. Sua fraqueza por Savannah complicava ainda mais uma situação já difícil.

A última coisa que desejava era levá-la a acreditar em algo impossível. Sua propriedade, meros trezentos acres de terra, em Oklahoma, estava à sua espera. Assim como seu cavalo. E isso era tudo o que ele possuía. O que não era nada se comparado à imensa fazenda dos Weston... ao que Savannah tinha, agora. Seria muita crueldade deixá-la pensar que poderia fazer parte do futuro dele, mas se continuassem a se beijar daquela maneira, seria tão difícil para ele partir, quanto para ela ficar sozinha.

— Richard não come há dois dias — Savannah falou, na tentativa de explicar a grande quantidade de comida que passara a tarde preparando. — Preparei os pratos prediletos dele, como mamãe teria feito, se estivesse viva.

— Como Grady está reagindo a esta situação? Uma sombra de tristeza obscureceu o semblante de Savannah.

— Infelizmente, não muito bem. Só permitiu que Richard fique uma noite e, ainda assim, obrigou-o a dormir no alojamento. Richard disse que está disposto a trabalhar pelo seu sustento e acho que, se eu conversar com Grady, ele permitirá que Richard fique, ao menos até receber o cheque de indenização.

— Savannah! — Richard gritou, descendo a escada correndo, com o violão nas mãos. — Encontrei meu violão!

— Não tive coragem de jogar suas coisas fora — ela admitiu.

Dando a volta na cozinha, Richard tocou uma música romântica que Laredo reconheceu como sendo do início dos anos noventa. A semelhança entre os irmãos era grande. Richard era uma versão mais jovem, mais magra e mais loira de Grady. Aparentemente, herdara uma porção extra de charme. Tocou para a irmã até fazê-la corar. Laredo sabia que deveria sair dali, mas descobriu-se apreciando a cena.

Ao terminar a música, Richard deixou o violão de lado e lançou um olhar de interrogação para Laredo. Percebendo a curiosidade do irmão, Savannah fez as apresentações:

— Este é Laredo Smith. Ele trabalha para mim.

— Verdade, Savannah? Nunca imaginei que minha irmã mais velha teria seu próprio garotão — Richard zombou e riu alto, como se o comentário fosse hilário.

Qualquer indício de simpatia que Laredo tivesse pelo rapaz foi instantaneamente destruído pela insinuação pesada. Ao ver Savannah ruborizar, envergonhada, ele teve de se esforçar para se manter calado.

— Não é o que você está pensando — ela balbuciou.

— Não pensei nada, irmãzinha. Ei, a que horas vamos jantar? Estou tão faminto que seria capaz de comer esse assado inteirinho! — Segurou Savannah pelos ombros e beijou-lhe a face. — Não tenho palavras para dizer como é bom estar em casa. Senti tanto a sua falta, quanto senti falta da sua comida deliciosa.

— Preciso ir embora — Laredo anunciou, ansioso para examinar Roanie novamente. — Só passei por aqui para avisá-la que não virei para o jantar.

— Não?

Savannah fitou-o com olhar de súplica e ele se deu conta de que ela contava com seu apoio, durante o jantar. Ao que parecia, havia se esquecido de que Grady não simpatizava com Laredo, também. Ele gostaria de ajudá-la, mas temia tornar o clima ainda mais tenso com sua presença.

— Wiley me convidou para jogar pôquer com ele e os amigos, esta noite, no alojamento da fazenda Double Z — explicou.

Savannah perdoou-o com um sorriso.

— Divirta-se.

— Vai ficar bem, aqui? — perguntou e, ao ver Richard passar por Rocket e chutar o pobre cachorro, teve de se esforçar mais uma vez para não dizer nada.

— Sim, ela ficará ótima — Richard respondeu, antes que Savannah tivesse a chance de fazê-lo. — Grady é muito teimoso, mas vai acabar voltando atrás. Fique tranquilo. Cuidarei para que ele não atormente Savannah.

Passou um braço em torno dos ombros da irmã e apertou-a com tanta força, que ela fez uma careta de dor. Laredo tratou de sair depressa, antes que seu autocontrole chegasse ao fim e ele agarrasse Richard pela camisa.

Embora não voltasse a ver Savannah naquela noite, Laredo não conseguiu tirá-la da cabeça. Ficou preocupado com o jantar dos três irmãos juntos, o que lhe afetou a concentração, a ponto de ele perder no jogo de pôquer. Vinte dólares era muito mais do que ele podia se dar ao luxo de perder e, no final da noite, acabou se arrependendo por ter aceitado o convite de Wiley.

Quando voltaram, Laredo e Wiley encontraram Richard sentado em uma das camas, no alojamento, tocando violão e cantando. Estava bêbado. Wiley resfolegou, fazendo uma careta de desprezo, antes de se fechar em seu quarto. Richard pareceu não notar e, ao ver Laredo, ergueu a garrafa de uísque.

— Beba um gole — ofereceu. — Tirei esta garrafa do estoque particular de Grady. Quando ele descobrir, nós dois estaremos bem longe daqui.

— Não obrigado — Laredo murmurou, contrariado.

— Eu deveria ter seguido a carreira de cantor country — Richard anunciou, ao terminar uma balada de Garth Brooks. — Tenho muito talento, sabia? — Ergueu a garrafa e bebeu dois longos goles. — Este uísque é dos bons. Meu irmão só compra do melhor.

Laredo sentia-se cansado. Tivera um dia cheio e seus pensamentos começavam a tomar um rumo sombrio. Além disso, estava preocupado com Savannah e com a animosidade entre os dois irmãos, pois isso certamente a afetaria. Ela se encontrava bem no meio de dois homens cheios de rancor, lutando bravamente para estabelecer a paz entre eles. Um irmão era teimoso e inflexível. O outro, manipulador e exigente. Laredo gostaria de encontrar um meio de protegê-la.

Duas vezes, teve de pedir a Richard que apagasse a luz.

— Dê-me cinco minutos — foi a resposta, em ambas as vezes.

A claridade era fácil de resolver. Laredo poderia virar-se de costas para a luz e fechar os olhos. O som do violão e da voz engrolada, porém, era demais para ele.

A meia-noite, sua paciência expirou. Levantou-se e apagou a luz.

— Algum problema? — inquiriu em tom pouco amigável.

Seu dia começara às cinco horas da manhã e ele precisava desesperadamente dormir. Um silêncio tenso se seguiu.

— Não, tudo bem — Richard finalmente respondeu, e atirou algo no chão.

Laredo não deu a menor importância ao gesto, pois no que dizia respeito a Richard Weston, sua boa vontade simplesmente deixara de existir.

Laredo acordou ao amanhecer, tomou banho, barbeou-se e já se preparava para mais um dia de trabalho, quando seus olhos pousaram em Richard. Piscou repetidas vezes, como se tivesse dificuldade em enxergar. Já ouvira falar que estrelas de cinema e astros de rock usavam aquele tipo de coisa, mas nunca vira alguém que conhecesse fazer uso de tal recurso.

Richard Weston estava deitado na cama, braços e pernas largados, caindo para fora do colchão estreito. Vestia pijama de seda e uma máscara de dormir para proteger os olhos da claridade. Jamais em sua vida Laredo tivera uma visão tão insólita em um alojamento de fazenda.

Sacudindo a cabeça, saiu e foi até o estábulo, a fim de examinar Roanie antes de tomar café. Lá, ajoelhou-se junto da égua e apalpou-lhe a pata ferida. O inchaço diminuía e, aparentemente, a dor cessara.

Depois de tomar o café da manhã sozinho, Laredo trabalhou no jardim. Instalou as treliças que fizera e cuidou das mudas que Savannah lhe pedira para transplantar. Ela ainda não aparecera e Laredo calculou que ainda estivesse ocupada com os afazeres domésticos. Na verdade, torceu para que ela houvesse decidido dormir um pouco mais, pois deveria estar exausta, depois de ter passado a tarde inteira cozinhando para o irmão, na véspera.

Pouco depois do meio-dia, Richard saiu do alojamento, como quem havia acabado de acordar. Tinha os cabelos despenteados, a camisa desabotoada e calçava alpargatas de lona, sem meias.

Antes de almoçar, Laredo decidiu aplicar mais pomada na pata de Roanie e trocar o curativo. Quando já estava terminando o trabalho, percebeu uma presença no estábulo. Virou-se e deparou com Grady, que o observava.

— Vejo que estou em débito com você — ele disse, com o orgulho de um homem que prefere não dever nada a ninguém.

Parecia cansado e abatido, como se não houvesse dormido. Pela primeira vez desde que o conheceu, Laredo teve pena de Grady.

— Esqueça isso — falou, pondo-se de pé.

Grady hesitou, como se quisesse dizer algo a Laredo. Após alguns momentos de silêncio, falou:

— Savannah lhe contou sobre a cidade fantasma, não?

— Sim, ela mencionou o lugar — Laredo respondeu, tenso.

— Foi o que pensei. Escute, Smith, em nenhum momento fiz segredo dos meus sentimentos com relação a você. Não confio em você, pois um homem que rouba não merece o meu respeito.

— Acontece que nunca roubei — Laredo declarou, embora duvidasse que Grady fosse acreditar em suas palavras.

— Desprezo ainda mais os mentirosos.

O semblante de Laredo endureceu. Não fosse por Savannah, esmurraria Grady naquele mesmo instante. Trabalhara duro para provar o seu valor, mas ao que parecia, o outro também não respeitava tal disposição em um homem.

— Quero que saiba que pedi ao delegado Hennessey que investigasse você, embora eu esteja certo de que Smith é um nome falso.

Ora, de que adiantaria tentar se defender?

— Tudo bem. Para ser honesto, se Savannah fosse minha irmã, eu agiria da mesma forma. Sei que você só quer protegê-la e não o culpo pelo que está fazendo.

— Fico satisfeito em ouvir isso, pois ela precisa de proteção.

Tal declaração despertou o interesse de Laredo.

— O que está querendo dizer?

— Infelizmente, Savannah contou a Richard que descobriu a localização de Bitter End e ele se mostrou muito interessado. Quando eu descia para jantar, ouvi aquele patife sugerir que ela o levasse até lá. Não quero que isso aconteça.

Pela primeira vez, os dois homens partilhavam os mesmos sentimentos.

— Fiz Savannah prometer que não voltaria lá sozinha — Laredo contou. — Também espero que ela não vá com Richard.

Desta vez, Grady não escondeu sua surpresa.

— Então, ela está mesmo planejando voltar lá! Por que faria uma coisa dessas?

— Pelas rosas — Laredo esclareceu.

— Ela já tem mais roseiras do que pode contar. Para que precisa de mais? O que há de errado com essa mulher, afinal? Por que arriscar o pescoço por algumas flores idiotas?

— Savannah é apaixonada por rosas antigas.

— Rosas antigas — Grady repetiu com um suspiro. — Não quero que ela vá a Bitter End com Richard, nem com mais ninguém. É perigoso. Apesar do que sinto por você, gosto muito de minha irmã e gostaria de pedir a sua ajuda.

— Você pode não acreditar, Grady, mas também gosto de sua irmã e me preocupo com ela.

— Se está dizendo a verdade, trate de mantê-la longe de Bitter End.

Laredo não tinha certeza de que seria capaz de atender ao pedido.

— Não vou prometer nada, mas farei o possível.

— É tudo o que lhe peço — Grady falou e, olhando para Roanie, acrescentou: — Estamos precisando de um vaqueiro, no momento. Está interessado?

— Preciso discutir a questão com Savannah.

— Não foi isso o que perguntei — Grady retrucou em tom rude.

— Sim, estou interessado — Laredo declarou.

— Bom. Pode começar depois do almoço.

Ora, a velha cidadezinha continuava a mesma. No meio da tarde, Richard entrou lentamente na avenida principal, dirigindo a caminhonete de Grady. Voltara a menos de vinte e quatro horas, mas era como se jamais houvesse partido. Bem, não exatamente. Várias vezes, pensara em voltar a Promise, mas nunca se imaginara dirigindo aquela maldita caminhonete, caindo aos pedaços.

Apesar de parecer a mesma, a cidade sofrerá algumas modernizações ao longo dos anos. Agora, havia placas luminosas diante de estabelecimentos comerciais e algumas lojas também encontradas nas grandes cidades.

A sorte estava do lado dele. Devagar, porém com certeza, Richard conseguiria convencer Grady a deixá-lo ficar em Yellow Rose por algum tempo. Não seria difícil conquistar a confiança de Savannah, pois ela sempre fora dona de um coração imenso. Com Grady, seria diferente, embora, àquela altura, o placar apontasse dois a um para Richard.

Afinal, ele não só continuava hospedado na fazenda, mas também estava usando a caminhonete. Bem, a verdade era que fora Savannah quem lhe dera as chaves, mas o que Grady não soubesse, não lhe faria mal algum.

Seu irmão era um grande tolo. Grady poderia ter vendido a fazenda a um bom preço e passado a viver dos rendimentos. No entanto, quase se matara de trabalhar para não perder aqueles vinte mil acres de terra, repletos de vacas malcheirosas. Richard conhecia a história de seus antepassados, que haviam

enfrentado todo tipo de dificuldade, mas... e daí? Não permitiria que a fazenda, ou qualquer outra coisa, o prendesse. Tinha ideias bem melhores sobre o que fazer de sua vida, que não fosse correr atrás de vacas e cavalos.

Richard estacionou na primeira vaga que encontrou e saiu da caminhonete. Seis anos haviam se passado, mas ele ainda conhecia a cidade como a palma de sua mão. Por outro lado, ninguém o reconheceria, vestido como estava. Decidiu que precisava de roupas novas.

Sua primeira parada foi na Jordan's Modas. Max Jordan, o proprietário, certamente estava perto de se aposentar, àquela altura.

— Max — Richard cumprimentou-o ao entrar na loja de roupas, como se fossem grandes amigos, dando-lhe um tapinha no ombro. — Não me reconhece? Sou Richard Weston.

— Richard! Quando voltou?

— Ontem. Grady ainda tem conta aqui? — Richard perguntou, examinando uma camisa e arregalando os olhos ao ver o preço.

— Este é um dos nossos modelos mais caros — Max explicou, conduzindo o mais jovem para onde havia camisas mais baratas.

Richard voltou a examinar a primeira.

— Tem desta no tamanho quarenta e dois?

— Acho que sim — o dono respondeu, surpreso, e foi procurar a camisa requisitada. — Aqui está.

— Ótimo. Grady disse que eu deveria comprar tudo o que estou precisando.

— Sem problemas — Max falou, feliz pela perspectiva de uma boa venda. — Como vai Grady? Faz tempo que não o vejo.

— Ele trabalha demais.

Era verdade. Seu irmão mais velho precisava relaxar e não levar tudo tão a sério.

— E bom vê-lo de volta, meu rapaz — o proprietário declarou, observando Richard experimentar um par de botas de trezentos dólares.

Elas serviram como se houvessem sido feitas sob encomenda.

— Vou ficar com elas — Richard decidiu.

— Fez uma boa escolha.

Grady não concordaria, mas Richard pretendia devolver-lhe o dinheiro... um dia.

— Sabe que ainda sinto falta de seus pais? — Max falou com sinceridade. — Eram pessoas muito boas. Sua mãe foi a melhor cozinheira que conheci e seu pai era a alma das festas.

A palavra "festa" soou agradável aos ouvidos de Richard. Calculou que, desde sua partida, Yellow Rose não vira uma verdadeira comemoração. Afinal, Grady era um sovina que parecia ter se esquecido de como sorrir. E Savannah escondia-se atrás da própria sombra, com sua timidez exagerada.

— Foi bom você ter mencionado uma festa — disse, enquanto Max somava a conta. — Grady vai

dar um churrasco de boas-vindas para mim, no domingo. Você e sua esposa estão convidados.

— Quem mais estará lá?

— A cidade inteira está convidada. Pode fazer o favor de espalhar a notícia?

— Claro. Todos vão adorar a oportunidade de se reunir. Não tivemos nenhuma grande festa durante toda a primavera e o baile de verão ainda vai demorar semanas.

Richard deixou a loja logo após assinar seu nome na nota. Na calçada, encontrou Ellie Frasier.

— Ellie! — exclamou, lembrando-se da garotinha que frequentava a mesma escola.

Bem, ela não era mais uma garotinha. Richard também se lembrou de tê-la observado e calculado que se tornaria uma bela mulher. E não se enganara.

Ela não o reconheceu.

— Richard! — ele declarou, surpreso por não ser reconhecido, mesmo usando camisa, botas e chapéu novos.

Então, baixou os olhos para os seios fartos e concluiu que voltara na hora certa. Ela não tinha aliança no dedo, embora isso não fizesse tanta diferença, uma vez que o fruto proibido sempre o atraía.

— Richard Weston?

— Em pessoa.

Ellie fez as mesmas perguntas que Max fizera: quando ele havia chegado, o que estivera fazendo, quanto tempo planejava ficar. Ele deu respostas vagas, até mencionar a festa.

— Leve quem você quiser, mas trate de me garantir uma dança, está bem? — observou com uma piscadela, deixando bem claro o seu interesse.

— Não sei se poderei ir. Meu pai está doente e...

— Faça questão da sua presença. Afinal, você está mesmo precisando se divertir. E não existe maneira melhor de esquecer os problemas, do que uma boa festa.

Pensando em dançar com Ellie, Richard se deu conta de que teria de contratar um conjunto. Como contava com pouco tempo, isso lhe custaria alguns dólares a mais, o que não seria problema. Grady era mesmo sovina, mas provavelmente tinha bastante dinheiro guardado. Seu irmão mais velho era muito parecido com o pai, nesse aspecto.

— Quem está tocando no Chili Pepper, no momento? — perguntou, referindo-se à melhor churrascaria da cidade.

Ellie deu o nome de um conjunto do qual ele nunca ouvira falar. Richard assentiu e partiu na direção do restaurante. Enquanto estivesse lá, aproveitaria para contratar os serviços de Adam Braunfels para o churrasco. Iam precisar de muita comida. Naturalmente, Savannah faria questão de preparar ela mesma a maior parte, como sua mãe faria se estivesse viva.

Pensou nos pais com carinho. A morte deles fora um golpe duro em sua vida, mas Richard era um sobrevivente. Os anos haviam provado isso. Ora, conseguira resolver seus problemas mais recentes, não conseguira? Estava em casa, seguro como um bebê no seio da família.

Quando voltou para a fazenda, Richard já havia tomado todas as providências para a festa. Encomendara doze caixas de cerveja, assim como uma grande quantidade de refrigerantes. Millie, proprietária da floricultura, sugerira lanternas chinesas e concordara em cuidar da decoração. É claro que cobraria por seu trabalho, mas o preço fora bastante razoável.

Savannah estava trabalhando em seu jardim, usando um de seus vestidos compridos e um chapéu de palha. Parecia-se mais com uma freira do que com a irmã de que Richard se lembrava. Por um momento, ele se perguntou o que realmente se passava entre ela e o tal Laredo.

— Ora, você é mais bonita do que todas as suas rosas — elogiou, ao atravessar o portão.

Savannah corou e ele se deu conta de que ela era mesmo muito bonita.

— Escute, irmãzinha. Sei que não deveria ter feito isso, mas encontrei alguns amigos, na cidade.

— Imagino que todos tenham ficado contentes em vê-lo.

— Sim, ficaram, mas não tive tempo de visitar a todos, como pretendia. Espero que não se importe, mas convidei algumas pessoas para virem aqui, no domingo, e gostaria de saber se você poderia preparar aquela sua salada de batatas deliciosa.

— Para quantas pessoas?

Richard soltou uma risada e abraçou Savannah.

— Umas cento e cinquenta.

CAPÍTULO VI

Grady poderia jurar que Richard havia convidado a cidade inteira para aquela festa. Vizinhos e amigos deslizavam na pista de dança improvisada, enquanto outros sentavam-se ao sol, colocando as fofocas em dia. Grady não queria participar de nada daquilo.

A primeira vez em que ouvira falar da festa do irmão fora pela manhã, quando encontrara Savannah na cozinha, trabalhando como louca. Pouco depois, havia deparado com Millie Greenville colocando lanternas chinesas no terreno atrás da casa e perguntando quando ele pretendia arrumar as mesas. Segundo Millie, precisariam de pelo menos vinte delas para acomodar todos os convidados.

Antes que Grady pudesse compreender o que estava acontecendo, as pessoas começaram a chegar. O cantor do conjunto Hoss Cartrights fizera-lhe perguntas que ele não sabia responder. Aparentemente, não precisavam dele, pois quando saiu do estábulo, Grady descobriu que os músicos haviam montado um palco, ligado os aparelhos e improvisado uma pista de dança no meio do gramado.

Richard, vestindo roupas novas, mostrava-se completamente à vontade. Grady perguntou-se onde estava com a cabeça ao concordar com o pedido de Savannah para que o irmão mais novo ficasse em Yellow Rose até que o cheque de sua indenização chegasse. Na verdade não estava convencido de que existia mesmo tal cheque. Além disso, não fazia ideia de onde Richard estava tirando dinheiro para pagar por roupas novas, para não mencionar a festa. Afinal, ele havia se declarado falido. Bem, talvez possuísse um cartão de crédito que se esquecera de mencionar.

Savannah insistira para que Richard ficasse por apenas alguns dias, dizendo que o irmão precisava se recuperar e descansar um pouco. Pelo modo como falava, era como se ele houvesse feito trabalhos forçados durante os últimos seis anos e se encontrasse à beira da morte. A julgar pela energia que Richard demonstrava na pista de dança, a recuperação fora incrivelmente rápida, Grady pensou.

Havia cerveja à vontade. O próprio Grady já tomava a segunda garrafa, enquanto observava a longa fila de convidados que levavam seus pratos para serem servidos com o apetitoso churrasco do Chili Pepper. A princípio, decidira não participar da festa, mas logo descobrira não ser possível manter tal decisão.

Cal e Glen Patterson, fazendeiros da região e grandes amigos de Grady, haviam chegado. Os três sentaram-se nos degraus da varanda, bebendo cerveja e conversando. Grady nem se lembrava da última vez em que se reunira com seus melhores amigos.

— Nunca pensei que você daria as boas-vindas a Richard — Cal comentou.

Ele e o delegado eram os únicos a saber do roubo praticado por Richard, pois não era do feitio de Grady partilhar esse tipo de informação.

— Não dei as boas-vindas a ninguém — Grady retrucou, desejoso de deixar bem claro que aquela festa não fora ideia dele.

Foi então que avistou Frank Hennessey na pista de dança, com Dovie Boyd nos braços. Sua opinião sobre o delegado caíra um bocado quando o mais velho falhara em sua investigação sobre Smith. Na opinião de Grady, Frank deveria estar na delegacia, fazendo o seu trabalho, em vez de estar se divertindo

em uma festa.

— Se você não é o responsável por esta festa, então, quem é? — Cal perguntou. — Savannah?

— Não. Foi Richard quem organizou tudo. Grady bebeu mais um gole de cerveja. A bebida gelada ajudava a aplacar seu sentimento crescente de frustração. Mais uma vez, ele se perguntou como Richard pagaria por tudo aquilo. Certamente, o irmão não esperava que ele arcasse com as despesas. Tal atitude seria ousada demais, mesmo em se tratando de Richard.

Seu erro, Grady concluiu, fora ceder e permitir que o irmão ficasse na fazenda, naquela primeira noite. Agora, Richard voltara a manipulá-lo, dando a todos a impressão de que Grady o recebera de braços abertos. E a verdade era que, para o mais velho, quanto antes Richard partisse, melhor.

Savannah estava se matando na cozinha desde o amanhecer. Vizinhos que ele não via há meses haviam levado tortas, bolos e uma grande variedade de petiscos, além de mesas e cadeiras. Com isso, Grady estava em dívida com cada um deles. Em breve, viriam lhe pedir favores, também. Especialmente do tipo social. Os convites não tardariam a começar a chegar e todos esperariam que ele os aceitasse. Ora, Grady jamais gostara de festas e não pretendia mudar seu jeito de ser àquela altura da vida.

— Gostaria de saber como ele vai pagar por tudo isso — confidenciou aos amigos.

— Não perguntou a ele? — Glen, o irmão mais novo de Cal, inquireu.

— Não tive chance.

A festa já acontecia, antes mesmo que Grady soubesse o que estava prestes a ocorrer. Se houvesse desconfiado, teria impedido o irmão de levar o plano a cabo.

— Quem é aquela? — Glen perguntou, apontando para a loira que chegava.

Grady não a reconheceu. Tratava-se de uma mulher jovem, bonita e bem vestida que, evidentemente, não conhecia muita gente, pois colocou-se a um canto, limitando-se a observar os demais convidados.

— Não é a nova médica, dra. Jane alguma coisa?

— Cal arriscou.

— Ela é médica? — Glen mostrou-se incrédulo.

— Promise tem uma médica? Quando foi que isso aconteceu?

— Na semana passada — o irmão respondeu. — Vocês não leem o jornal?

— Quem tem tempo para isso? — Grady inquireu.

— Cal deixa a edição semanal no banheiro — Glen provocou.

— Pelo menos, consigo me manter informado — Cal devolveu. — A fotografia dela foi publicada na primeira página. Ela veio em um desses programas do governo.

— Que programa?

— Não sei o nome, mas o jornal dizia que ela concordou em pagar a bolsa-empréstimo que fez para poder estudar, trabalhando como voluntária em regiões carentes.

— Promise é uma região carente? — Grady parecia surpreso.

— Deve ser — Cal replicou, tão surpreso quanto o amigo.

— Ei! Quem vai cuidar de nossa saúde não lutou na guerra de Alamo?

O dr. Cummings havia se aposentado no início do ano, com setenta anos. Ao menos, era essa a idade que o velho médico dizia ter, embora Grady desconfiasse que ele já estava perto dos oitenta. Dr. Cummings fizera o parto de Grady, bem como de todos os habitantes de menos de quarenta anos, na cidade. Corriam rumores de que, agora, o médico desfrutava a vida em uma praia, comendo camarões ao sol. Grady esperava que fosse verdade.

Caroline Daniels passou, carregando uma travessa de salada de batata. Um instante depois, voltou, trazendo outra travessa vazia. Grady esticou o pescoço e espiou a cozinha. Viu Savannah preparando mais salada. Smith estava lá, sentado à mesa, descascando batatas. Os dois não se largavam, apesar das advertências de Grady.

Sua conversa com Laredo Smith não surtira nenhum efeito, pois ao que parecia, Savannah continuava planejando voltar a Bitter End.

Não fora nada fácil engolir o orgulho e pedir a ajuda de Smith, mas o vaqueiro certamente entendera tudo errado, pois agora, passava cada minuto livre ao lado de Savannah, como se Grady houvesse dado a sua bênção aos dois. O que não acontecera. Apesar da oferta de trabalho que fizera, continuava querendo Smith longe dali, o mais depressa possível.

— Vai dançar comigo, ou não? — Ellie Frasier perguntou, sentando-se ao lado de Glen.

Eram bons amigos havia anos. Grady jamais compreendera como um homem e uma mulher podiam ser amigos, sem se envolverem em um romance. Porém, era exatamente o que parecia acontecer entre Glen e Ellie. Eram amigos. Nada mais.

Segundo Cal, Ellie estava precisando muito de um confidente. O pai dela encontrava-se em fase terminal de uma doença grave, internado em um hospital de San Antônio. A mãe passava o tempo todo junto do marido e Ellie encarregara-se de administrar a loja da família.

Grady simpatizava com os sentimentos da moça, pois sabia quanto doía perder um pai. Ellie era jovem demais para arcar com tamanha responsabilidade, mas pelo que Grady ouvira, ela estava provando ser capaz disso e muito mais. Sempre que podia, ia visitar o pai em San Antônio. O restante de seu tempo, dedicava ao trabalho. Portanto, estava esgotada.

Fora uma surpresa ver Ellie na festa, mas Grady imaginou que Glen tratara de convencê-la a se divertir um pouco. Certamente, esquecer por algumas horas as pressões emocionais que estava vivendo, era tudo o que Ellie precisava.

— E então? Não vai dançar comigo, Patterson?

— Pelo que pude perceber, você já arranjou outro parceiro de dança — Glen respondeu, olhando na direção de Richard, que encarnara o papel do anfitrião perfeito.

— Sou obrigada a admitir — Ellie dirigiu-se a Grady — que seu irmão é o que se pode chamar de pé-de-valsa.

Em vez de fazer algum comentário, Grady franziu o cenho. Richard não deixava a pista de dança, nem mostrava o menor sinal de cansaço. O irmão apostaria que ele já havia dançado com todas as

mulheres da cidade, ao menos uma vez. Com as mais bonitas, repetira a dose. E era evidente que gostara de Ellie mais do que das outras, pois Grady os vira dançando juntos três ou quatro vezes.

Gostaria de advertir Ellie para que tivesse cuidado, pois sabia quanto ela estava vulnerável naquele momento de sua vida, mas decidiu ficar calado. Ela não tardaria a descobrir que tipo de homem era Richard.

— Eu havia me esquecido de como Richard é divertido — Ellie disse.

— Ele é a alegria em pessoa — Grady comentou com sarcasmo.

— Não ligue para Grady — Glen zombou, passando um braço em torno dos ombros de Ellie. — Ele está mal-humorado porque não tem com quem dançar.

A expressão de Grady tornou-se ainda mais carregada. Não faria papel de tolo diante de toda a população da cidade. Enquanto Richard era capaz de dançar qualquer ritmo, Grady era duro como um tronco e a última vez em que tentara mudar isso fora na adolescência.

— Eu não via tanta gente reunida desde o piquenique Willie Nelson, em quatro de julho — Cal declarou.

Assim como Grady, Cal não era muito sociável. Dos três, Glen era, sem dúvida, o mais extrovertido. Tentara arrastar Grady para o maior acontecimento anual da cidade, durante os últimos seis anos, mas não obtivera sucesso. Todo feriado de quatro de julho, dia da independência dos Estados Unidos, Promise fervilhava com o piquenique Willie Nelson, organizado em homenagem ao famoso cantor de música country, na esperança de que ele concordasse em comparecer à festa. Todos os anos, Willie recusara o convite com muita gentileza, o que não diminuía o entusiasmo do povo pelas comemorações.

— Vamos — Ellie insistiu, puxando Glen pela mão. — Quero dançar.

Com fingida relutância, ele se levantou e a seguiu até a pista.

Assim que os dois se afastaram, Cal comentou:

— Não voltaremos a vê-lo pelo resto da noite. Quando Glen começa a dançar, não consegue mais parar.

— Fique à vontade, você também — Grady falou. — Não precisa me fazer companhia.

— Não, obrigado. Prefiro ficar aqui sentado, bebendo minha cerveja.

Cal ficou ali por mais de uma hora, embora nenhum dos dois falasse muito. Era justamente isso o que Grady mais gostava naquela amizade. Quando estavam juntos, não precisavam preencher o silêncio com conversas fúteis.

Por duas vezes, ele quase mencionara a recente excursão de Savannah à cidade fantasma, mas decidira em contrário. A última vez em que os dois haviam falado de Bitter End fora na adolescência e Cal não teria nada a dizer que Grady já não soubesse. Além disso, Savannah era problema seu e de mais ninguém. Após algum tempo, Cal foi se servir de churrasco.

O som de riso e da música enchia o ar. Grady sentia profundo desgosto ao observar o irmão. Richard continuava a exibir seu sorriso mais charmoso, enquanto agradava a todos e mantinha a posição de centro das atenções. Era evidente que já havia conquistado a simpatia de todos os habitantes de

Promise. Pela centésima vez, Grady perguntou-se como o irmão pretendia pagar por tudo aquilo, mas isso não era da sua conta e ele decidiu afastar a preocupação.

A porta da cozinha se abriu e Caroline apareceu. Ao ver Grady, acenou. Em seguida, foi apanhar duas cervejas.

Grady ficou surpreso quando ela foi lhe entregar a segunda garrafa.

— Você parece estar precisando de uma bebida — Caroline disse, ao se sentar no degrau, ao lado dele.

Grady agradeceu com um aceno de cabeça e bebeu um longo gole. Ficaram em silêncio por alguns minutos, até Caroline anunciar:

— Ele é mesmo muito charmoso, não acha?

— Se veio exaltar as qualidades de Richard, saiba que não quero ouvir.

— Acho que vou surpreendê-lo, Grady, mas não sou fã de seu irmão.

Foi mesmo uma surpresa e ele se sentiu grato por saber que existia pelo menos mais uma pessoa que não se deixara enganar pelo charme de Richard.

— Tenho a impressão de que você também não gosta muito de mim — confessou.

Ela sorriu.

— Nem sempre concordo com você, mas não o acho de todo mau.

Embora não se tratasse de um grande elogio, Grady ficou contente assim mesmo.

— Tenha cuidado. Elogios podem virar a minha cabeça.

Caroline explodiu em uma gargalhada. Grady sorriu pela primeira vez naquele dia.

— Então, você não é uma das fãs incondicionais de Richard — repetiu, sentindo-se encorajado por tal informação.

— Seu pudesse, eu o mataria com minhas próprias mãos! — ela exclamou com veemência. — Savannah está se matando na cozinha, há horas. Richard disse que havia convidado cento e cinquenta pessoas e ela pensou que fosse brincadeira.

Ao ouvir tal informação, Grady decidiu que, na manhã seguinte, Richard estaria longe de Yellow Rose. Não importava quantos argumentos Savannah tinha em favor do irmão mais novo. Deveriam tê-lo expulsado dali, no instante em que ele pusera os pés na fazenda. Mas, certamente, Savannah concordaria com Grady, agora.

— Maggie parece apaixonada por ele — Grady comentou com ar sombrio.

Na pista, Richard dançava com a garotinha, rodopiando-a no ar. Os gritinhos de felicidade da menina podiam ser ouvidos à distância, apesar da música alta. O sucesso de Richard com Maggie teve o efeito de uma punhalada no peito de Grady, uma vez que ela corria de medo, toda vez que o via. Sem saber como, ele a assustara e, por mais que tentasse, não conseguia corrigir o erro.

— Ao que parece, ela é vulnerável ao charme masculino — Caroline comentou, sem tirar os olhos da filha.

— Maggie não é a única.

— Está com ciúme, Grady?

— É claro que não! — ele protestou, antes mesmo de considerar a pergunta.

Pensando melhor, havia um fundo de verdade nas palavras de Caroline. Já era ruim o bastante Richard ter insinuado que Grady e Savannah haviam organizado aquela festa em sua homenagem. O fato de todas as mulheres da cidade se derreterem por ele e de todos os homens se mostrarem honrados com sua companhia era definitivamente insultante.

— Não creio que eu seja capaz de convencer você a dançar comigo — Caroline arriscou.

— De jeito nenhum.

Ela suspirou, desapontada.

— Foi o que pensei.

— Ora, você não precisa de mim — Grady falou e apontou para um grupo de homens que conversava junto a um velho carvalho. — Qualquer um deles ficaria muito feliz pela chance de dançar com você.

— Provavelmente, você está certo.

Apesar de suas palavras, Caroline permaneceu onde estava, o que agradou Grady mais do que ele poderia ter esperado. Pensou em convidá-la para jogar boliche, mas fazia tanto tempo que não saía com uma mulher, que não sabia ao certo como introduzir o assunto.

Então, ocorreu-lhe que talvez ela estivesse interessada nele.

— Está dizendo que quer dançar comigo?

Em circunstâncias normais, Grady jamais faria tal pergunta, mas depois de três garrafas de cerveja e nenhuma comida, sua inibição praticamente desaparecera.

— Talvez — Caroline respondeu.

Grady considerou a resposta. Gostava de Caroline, admirava-a por ser tão boa amiga para Savannah e, embora fosse obrigado a admitir que ela era uma mulher atraente, jamais pensara em qualquer tipo de aproximação.

— Você deveria se casar — falou de repente, sem saber de onde as palavras haviam surgido.

— Tem alguém em mente? — ela perguntou.

— Não eu.

Isso deveria ficar bem claro.

— Não se preocupe, Grady. Você não está no páreo. Ora, ele merecia isso, mas não gostou nem um pouco de ouvir. Então, tratou de esclarecer suas intenções, antes que a situação fugisse de vez ao controle.

— Maggie precisa de um pai. Caroline levantou-se de um pulo.

— Não venha me dizer o que minha filha precisa, Grady.

— Certo. Não direi mais nada.

— Ótimo — ela declarou e se afastou com passos duros.

Mulheres! Elas faziam questão de ter a última palavra. Porém, assim que Caroline o deixou, Grady arrependeu-se de suas palavras, pois sabia que cometera um grave erro. Não deveria ter dito nada do que dissera. Não lhe cabia sugerir que Maggie precisasse de um pai e, da maneira como falara, certamente dera a impressão de não aprovar a situação. O que não era verdade. Ele simplesmente achava que a vida de Caroline, como mãe solteira e trabalhadora, era muito dura. Além do mais, não o agradava constatar quanto Maggie era suscetível ao charme de homens sem caráter. Bem, infelizmente, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

O sol se pôs e alguém acendeu as lanternas chinesas. O conjunto trocou as músicas alegres por outras, mais lentas e românticas. Abraçadinhos, alguns casais deslizavam suavemente pela pista de dança. As famílias com crianças começaram a se retirar, pois, na manhã seguinte, iriam para o trabalho e para a escola. Como bom anfitrião, Richard acompanhou-os até seus carros e, então, acenou até que desaparecessem na estrada.

— Bela festa — Adam Braunfels elogiou, quando Grady se encaminhava para dentro de casa, por volta de nove horas.

— A festa não foi minha — ele tratou de esclarecer ao dono do Chili Pepper.

— Espero que a comida tenha sido satisfatória — Adam acrescentou.

— Não ouvi nenhuma queixa.

— Bom. Quero que saiba que fiz o melhor preço possível.

Grady não sabia do que Adam estava falando, ou melhor, por que estava dizendo aquilo a ele, mas balançou a cabeça, que começava a latejar. Não comeria nada desde o café da manhã e sua mente ainda remoía a conversa desastrosa com Caroline.

Adam retirou um papel do bolso e estendeu-o para Grady.

— Gostaria que você fizesse o cheque agora, antes que eu volte para a cidade.

— O quê?

Era óbvio que havia algum engano.

— O churrasco — Adam falou, como se estivesse diante de um retardado.

Ora, Grady sabia pelo que o outro esperava ser pago. Só não compreendia por que Adam esperava que ele fizesse o cheque.

— Já disse que a festa não foi minha. A expressão de Adam mudou.

— Não me importa de quem foi a festa. Quero o meu dinheiro.

— E espera que eu pague?

— Sim.

— Pois deve cobrar de Richard — Grady declarou e já começava a se afastar, quando o irmão chegou.

— Quero o meu dinheiro — Adam repetiu.

— Grady, importa-se de fazer um cheque para ele? — Richard indagou, sem jeito. — Honestamente, eu acreditava que, a esta altura, minha indenização já teria chegado. Sinto-me péssimo com esta situação.

De braços cruzados, Adam encarava Grady com expressão pouco amigável, ignorando a presença de Richard.

Grady sentiu a cabeça prestes a explodir. Não tinha escolha, senão pagar pelo churrasco. Richard o manipulara de novo. Ou Grady fazia o cheque para Adam, ou assumia o papel de bandido naquela história.

Laredo lavava a louça suja, quando Frank Hennessey entrou na cozinha. O delegado sorriu para Savannah, que estava sentada, com os pés apoiados em uma cadeira. Pela primeira vez naquele dia, Laredo conseguira convencê-la a descansar um pouco, sabendo que estava exausta. Afinal, ele mesmo se sentia muito cansado, sem ter feito metade do que ela fizera.

Se antes Laredo simplesmente não simpatizava com Richard, agora nutria sentimentos mais que negativos com relação ao mais jovem dos Weston.

Conhecia homens como ele, de palavras doces, que em seu egoísmo, usavam as pessoas sem pensar duas vezes. E Richard sabia exatamente o que fazer para conseguir o que queria da irmã. Bastava falar da mãe, para Savannah se comover. Laredo ficava furioso por ver o patife aproveitar-se dela daquela maneira.

Embora soubesse que Grady estava de olhos bem abertos no que dizia respeito ao irmão, Laredo receava que Savannah não estivesse. Mesmo que descobrisse que tipo de homem Richard era, ela seria bem capaz de ignorar-lhe os defeitos, o que era preocupante.

— Se não se importa, sr. Smith, tenho algumas perguntas a lhe fazer — disse o delegado.

Confuso, Laredo secou as mãos em um pano de prato. Não o agradava a ideia de ser interrogado pelo delegado, mas ele não queria fazer uma cena diante de Savannah.

— Algum problema, Frank? — ela perguntou, intrigada.

— Não, não — Hennessey respondeu e voltou a encarar Laredo. — Pode me acompanhar até lá fora, sr. Smith?

— Claro.

Laredo lutou para conter a irritação. Sabia que Grady pedira ao delegado que o investigasse, pois ele mesmo o avisara sobre isso, mas a situação poderia dar uma ideia errada a Savannah.

— Não há qualquer ocorrência policial em minha ficha — declarou, assim que se viu sozinho com Hennessey.

— Errado — o delegado o corrigiu. — Você atravessou um farol vermelho, em 1995.

— Paguei a multa.

Hennessey ignorou-lhe o sarcasmo.

— Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Sinta-se à vontade.

— Por quanto tempo pretende ficar em Promise?

— Tanto quanto me agradar — Laredo respondeu, sentindo a paciência esgotar-se.

— Escute, Smith, não vai ganhar nada bancando o engraçadinho comigo. Se quiser encrenca, garanto que vai encontrar. Posso criar problemas para ocupar você pelo resto de sua vida. Portanto, trate de dobrar a língua.

O delegado deu-lhe um momento para assimilar a advertência e, então, repetiu a pergunta.

— Pretendo partir assim que tiver dinheiro para pagar pelo conserto de minha caminhonete — Laredo falou, mantendo a voz controlada e os olhos fixos no estábulo.

— A srta. Savannah é uma mulher adorável — Hennessey comentou com voz menos dura.

— Acha que não sei disso?

— Ninguém por aqui gostaria de vê-la magoada.

— Nem eu.

Por que todos pareciam pensar que ele magoaria Savannah intencionalmente?

— Por razões que não consigo compreender, ela parece gostar de você. Se pretende partir em breve, calculo que estará longe daqui, antes que um mal maior seja feito.

Laredo permaneceu em silêncio, pois sabia que o delegado usaria qualquer coisa que dissesse contra ele.

— Escute, Smith, sei que estou me metendo onde não fui chamado. Não é da minha conta quando você vem ou vai a qualquer lugar. Só estou tentando dizer que há muita gente por aqui que gosta muito de Savannah. Ninguém quer vê-la sendo usada, especialmente por um forasteiro que a abandonará sem pensar duas vezes. Está me entendendo? Laredo cerrou os dentes para continuar calado.

— Bom. Como já disse, Savannah é a criatura mais adorável deste lugar. Se você, ou quem quer que seja, decidir se aproveitar dela, terá de se explicar comigo. Entendeu, garoto?

Os ombros de Laredo doíam, tamanha era a tensão que havia tomado conta dele. Fazia muito tempo que ninguém o chamava de "garoto".

— Você me ouviu? — Hennessey perguntou, erguendo a voz.

— Com toda a clareza.

O delegado assentiu e deu um tapinha amigável nas costas de Laredo.

— Foi muito bom termos essa conversinha. Agora, volte ao que estava fazendo. Vou dançar mais uma vez com a srta. Dovie, antes de ir embora.

Ainda em silêncio, Laredo ficou onde estava, lutando contra a fúria.

— Laredo? — Savannah chamou-o com voz suave. — Algum problema?

A preocupação genuína demonstrada por ela pôs um fim aos sentimentos intempestivos de Laredo. Hennessey estava apenas atendendo ao pedido de seu amigo, Grady. As longas horas passadas no

estábulo, cuidando de Roanie, não haviam provado nada ao irmão de Savannah. E Laredo não esperava que Grady o aceitasse, por mais que se esforçasse para isso. Não que fosse necessário, mas saber que Savannah sofria por sua causa era doloroso demais.

— Está tudo bem — garantiu-lhe.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Pegou-a pela mão e levou-a até o balanço da varanda. Então, sentou-se ao lado dela. Após alguns instantes, passou um braço em torno de seus ombros e ela pousou a cabeça em seu peito. Para o diabo com Grady Weston, pensou. Estava abraçando Savannah e pouco importava o que o irmão dela pensava.

Apesar da atitude de desafio, Laredo sabia que o delegado falara sério. Hennessey poderia criar problemas para ele com muita facilidade. Embora não estivesse procurando encrenca, Laredo também não estava disposto a fugir com o rabo entre as pernas.

Savannah ficou tão quieta que ele pensou que ela havia caído no sono. Satisfeito por tê-la nos braços, contentou-se em observar a festa. A maioria dos convidados já fora embora. Provavelmente, tudo terminaria em breve.

Quando o conjunto fez um intervalo antes da seleção final, Richard apanhou o violão e começou a tocar. As pessoas se puseram em volta dele, inclusive as crianças, acompanhando as canções. Ele tocou algumas das músicas que havia massacrado noites antes, no alojamento. Desta vez, porém, como estivesse sóbrio, fez um bom trabalho.

Vinte minutos depois o conjunto voltou ao palco e o cantor encorajou os homens presentes a levarem suas acompanhantes à pista de dança. Richard escolheu Ellie Frasier para aquela dança e Laredo o viu roubar-lhe um beijo, quando pensou que ninguém os observava. Porém, não dançou com Ellie por muito tempo, pois trocou de parceiras, dançando com várias senhoras mais velhas e com Maggie uma das poucas crianças que restavam na festa. A alegria das garotinhas por estarem recebendo tamanha atenção do convidado de honra se traduzia em seus gritinhos deliciados. Laredo viu-se obrigado a reconhecer que o sujeito sabia arrebatrar corações.

— Esta é a dança dos namorados? — Savannah perguntou, erguendo a cabeça.

— Foi o que o cantor disse.

Ela suspirou profundamente. Embora não vivesse às voltas com mulheres, Laredo compreendeu o significado daquele suspiro. Savannah queria dançar a dança dos namorados com ele, mas não faria tal pedido. Era ele quem deveria convidá-la.

Ora, Laredo não sabia muito bem como agir, quando o assunto era romance, mas detestava a ideia de decepcionar Savannah. E, também, não dançava muito bem. Sentia-se constrangido ao fazê-lo, especialmente em público.

Ainda assim, levantou-se e estendeu-lhe a mão, à moda antiga.

— Posso ter a honra desta dança?

O sorriso dela fez valer a pena qualquer embaraço que ele viesse a sofrer. Os olhos azuis de Savannah brilharam de felicidade.

— Está dizendo que sou sua namorada, Laredo Smith?

As palavras de Hennessey ecoaram na mente dele, mas Laredo decidiu mandá-lo para o inferno. O delegado poderia até mesmo prendê-lo se quisesse.

— Talvez.

Savannah pousou a mão na dele.

— Saiba que posso pisar no seu pé — ele murmurou, quando se aproximavam da pista.

— Pois trate de ter cuidado com os seus, pois faz muito tempo que não danço.

Laredo deveria ter antecipado que Savannah encontraria um meio de deixá-lo à vontade. Estar com ela fazia com que se sentisse especial, como se fosse o único homem vivo a merecer aquela mulher maravilhosa. Naquele momento, quase acreditou que isso fosse possível.

Tomando-a nos braços, concentrou-se nos movimentos dos pés, contando de um a quatro, esquerda, direita.

— Laredo — Savannah sussurrou-lhe ao ouvido, ao mesmo tempo em que passava os braços em torno de seu pescoço —, relaxe, sim?

— Mas...

— O que eu realmente queria era ser abraçada por você.

Era o que ele queria, também. Laredo fechou os olhos e puxou-a para as sombras. Beijou-lhe a orelha e sorriu ao sentir que ela estremecia.

— Gosta disso, não é?

— Muito. Acariciou-lhe as costas.

— Gosto disso, também.

Em seguida, Savannah mordiscou-lhe o lóbulo da orelha. Os olhos de Laredo se abriram e ele sentiu o sangue ferver nas veias. Então, ela colocou o corpo ao dele e, segundos depois, já não estavam mais dançando, mas apenas oscilando no mesmo lugar.

— Laredo — Savannah murmurou —, estou tão feliz por Grady ter lhe oferecido um emprego. Estou feliz por diversas razões.

— Eu também — ele admitiu.

A música continuava e ele voltou a fechar os olhos, saboreando aqueles momentos. Seu coração chegava a doer, mas não era de tristeza, nem de sofrimento, mas sim de amor por Savannah.

De todas as lembranças que poderiam ter sido despertadas por aquela emoção, foi justamente a de seu pai que lhe veio à mente.

Laredo era um garotinho quando o pai partira para o Vietnã. Não compreendia a guerra. Tudo o que sabia era que o homem que adorava estava indo embora. Por isso, escondera-se no celeiro, acreditando que se ninguém conseguisse encontrá-lo, talvez seu pai não fosse obrigado a partir. Naturalmente, seu plano infantil não surtira efeito e ele logo fora descoberto.

Então, seu pai o tomara nos braços e o abraçara por um longo momento, sem dizer uma palavra sequer. Quando falou, prometeu a Laredo que, não importava o que acontecesse, nada, nem a distância, nem o tempo e nem mesmo a morte iria destruir o amor deles.

Meses depois, enquanto via o caixão de seu pai baixar na sepultura, Laredo recordara aquelas palavras. Durante todo o funeral, mantivera-se ereto e orgulhoso. Sua mãe e seus avós haviam chorado, mergulhados em tristeza, mas os olhos de Laredo haviam permanecido secos.

Varrido por uma torrente de emoções, ele compreendeu, talvez pela primeira vez, a intensidade do amor que seus pais haviam partilhado. Com essa revelação veio o reconhecimento de que, agora, ele sentia o mesmo por Savannah. Sua mãe jamais voltara a se casar e Laredo finalmente a compreendia, também.

Uma voz rude interrompeu-lhe os pensamentos e ele abriu os olhos. Deparou com Grady postado ao lado da pista de dança.

— Não gosto do modo como está abraçando minha irmã.

Laredo afastou-se lentamente de Savannah.

— Grady, por favor! — ela implorou. — Está fazendo uma cena e me deixando envergonhada.

— Deixe-nos em paz — Laredo advertiu-o.

Antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, viu-se face a face com Grady. Os dois tinham os punhos cerrados.

— Grady, pare com isso! — Savannah gritou e, como não conseguisse a atenção do irmão, apelou para Laredo. — Se gosta de mim, não fará uma coisa dessas.

Laredo gostava dela, tanto que chegava a ter medo de seus próprios sentimentos. Aquela briga, porém, ele não abandonaria.

— Por favor — Savannah insistiu, colocando-se entre os dois e fitando Laredo nos olhos.

Ele sentiu a raiva se dissipar. Naquele momento, Caroline Daniels chegou e passou um braço pela cintura de Grady.

— Acho que você está precisando de um café bem forte — anunciou e o arrastou para a cozinha.

Laredo observou os dois desaparecerem dentro da casa.

Savannah voltou a abraçá-lo Laredo.

— Se não me engano, esta dança era minha — falou, colando o corpo ao dele novamente.

Laredo deu-se conta de que muito mais do que aquela dança pertencia a Savannah Weston. Ela era a dona de seu coração.

CAPÍTULO VII

O dia amanheceu ensolarado. Na noite anterior, Savannah sentira-se cansada demais para pensar em limpeza, mas à luz do dia, o jardim parecia mergulhado no caos. Havia pratos de plástico e guardanapos espalhados por todo o gramado, entre mesas e cadeiras abandonadas.

Enquanto a cafeteira preparava o café, Savannah arrastou uma lata de lixo para fora da cozinha. Trabalhara apenas dez minutos, quando Grady juntou-se a ela. Wiley e Laredo chegaram em seguida, bocejando. Savannah distribuiu sacos plásticos aos três, pois havia lixo demais para ser recolhido.

— Onde está Richard? — Grady inquiriu.

— Dormindo — Wiley respondeu. — O que você esperava?

— Pois trate de arrastá-lo para cá. Foi ele quem deu a festa. O mínimo que pode fazer é arrumar a confusão que criou.

— Por que acha que ele começaria a fazer isso, agora? — o capataz replicou.

— Tenho coisas mais importantes a fazer — Grady protestou, embora continuasse recolhendo o lixo.

— Também não fui contratado para cuidar de tarefas domésticas.

— Parem com isso, você dois! — Savannah ordenou, irritada.

Como não fosse do seu feitio erguer a voz, conseguiu chamar a atenção de todos imediatamente. Grady e Wiley ficaram imóveis, olhando fixamente para ela. Até mesmo Rocket ergueu as orelhas, como se estivesse chocado.

Franzindo o cenho, Laredo também interrompeu o trabalho e esperou.

— Não pedi a ajuda de ninguém — ela continuou. — Se é para reclamar, então, podem ir embora. Prefiro fazer o trabalho sozinha a me sujeitar ao mau humor de vocês.

O comentário foi dirigido a Grady. Os sentimentos positivos que ele havia despertado nela ao contratar Laredo estavam se dissipando rapidamente.

— Estou de excelente humor — Grady retrucou com um arremedo de sorriso. — Não poderia estar mais feliz.

— Parece tão feliz quanto no momento em que fez aquele cheque para Adam Braunfels — Wiley provocou com sarcasmo.

— Por que você pagou pelo churrasco? — Savannah indagou, surpresa.

— Porque não tive escolha. Adam queria o dinheiro e a Bela Adormecida — apontou para o alojamento — não tinha um centavo. O que mais eu poderia fazer?

Savannah arrependeu-se por ter perguntado, pois sabia que dinheiro era o ponto fraco de Grady. E não poderia culpá-lo, embora acreditasse que Richard esperava que sua indenização chegasse logo. Do contrário, ele não teria dado a festa.

— Foi bondade sua pagar a Adam — disse, na tentativa de mostrar a Grady que compreendia os sentimentos dele. — Sei que o dinheiro está curto, no momento.

— Ficou mais curto, depois da festa — Grady resmungou. — Espero que ele não esteja pensando que vou pagar por todas as despesas, porque não vou fazer isso.

A quem ele estava tentando convencer? Savannah ou a si mesmo?

— Richard vai arcar com as despesas — Savannah sentiu-se obrigada a declarar.

O irmão mais novo cometera muitos erros, mas aprendera sua lição. Ao menos, era o que ele dizia e o que ela queria desesperadamente acreditar ser a verdade.

Embora a festa a houvesse deixado exausta, Savannah sentira um grande prazer em observar o comportamento de Richard com seus vizinhos e amigos. Ele fora o anfitrião perfeito, enchendo-a de orgulho. Era como o pai, naquele aspecto, apesar de ser totalmente diferente em outros.

Mel Weston sempre fora a alegria das festas. Simpático e amigável, era amado por todos. O mundo de Savannah tornara-se sombrio sem ele para chamá-la de princesa, encorajá-la e mimá-la com seu amor incondicional. A volta de Richard trouxera muitas lembranças felizes de volta à memória e, por isso, ela estava disposta a conceder-lhe o benefício da dúvida.

Todos os convidados haviam comentado como Richard era divertido e como as crianças o adoravam, especialmente Maggie. Ver os dois juntos enchera o coração de Savannah de alegria. A garotinha tendia a ficar muito tímida na presença de homens, mas gostara de Richard assim que o conhecera. E ele fora maravilhoso com a menina, cobrindo-a de atenções.

— Dei adeus ao meu dinheiro no momento em que assinei aquele cheque — Grady anunciou, deixando claro que continuava desconfiando de Richard.

— Ele vai lhe devolver a quantia — Savannah insistiu.

Grady fitou-a por um longo momento.

— Quando é que você vai aprender, Savannah? Richard é um manipulador egoísta. Ele não vai devolver coisa alguma, porque nunca terá o dinheiro. Quero-o longe desta fazenda, entendeu?

— Está enganado, Grady. Richard pode ter alguns defeitos, assim como todos nós temos, mas possui um bom coração. Eu me recuso a acreditar no contrário.

— Não se iluda. Assim que ele acordar, quero que faça as malas e vá embora. Foi a última vez que paguei uma dívida dele.

— Não está falando sério!

Savannah mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Quero Richard fora daqui, ainda hoje.

— Grady, por favor! — ela implorou com voz embargada pela emoção. — Não faça isso.

— Não vou ceder aos seus pedidos, desta vez — Grady declarou, quase aos berros.

— Não fale assim com ela — Laredo advertiu, aproximando-se de Savannah.

Ela sabia que a animosidade entre os dois era maior do que nunca. Não fazia ideia do que levaria o

irmão a provocar aquela cena horrível, na pista de dança, na véspera.

Como em um vídeo tape do que havia acontecido, os dois encararam-se de punhos cerrados.

— O que acha que devemos fazer? — Wiley perguntou a Savannah, como se achasse a situação divertida. — Que tal pegarmos a mangueira para esfriar os ânimos dos dois?

— Acho boa ideia — ela respondeu, grata pelo senso de humor do capataz.

— Muito bem — Wiley assumiu o controle. — Já terminamos nosso trabalho por aqui — decidiu, colocando-se diante de Laredo.

Após uma breve hesitação, o vaqueiro assentiu. Quando se afastava, piscou para Savannah.

Corando de prazer, ela se lembrou da dança que haviam partilhado na noite anterior. Depois de ela ter passado o dia todo na cozinha, com os cabelos despenteados e a roupa suja de maionese e mostarda, Laredo a nomeara sua namorada e a fizera sentir-se bonita.

Savannah tinha consciência de que não era nenhuma beldade. Nunca fora o tipo que faz virar a cabeça dos homens e o fato de ser tímida dificultava ainda mais as coisas.

Com o passar do tempo, desistira de tentar encontrar o amor. Jamais sentira verdadeira atração por homem algum e estava certa de que também não despertara tal sentimento em ninguém. Convencera-se de que marido e filhos eram para outras mulheres, não para ela. Suas rosas e animais de estimação passaram a ser sua família.

Voltou a pensar em Laredo e sentiu o coração apertar de felicidade. Em menos de duas semanas, ele havia mudado sua vida, dando-lhe razão para sonhar, devolvendo-lhe a esperança.

Savannah o amava, de maneira simples e profunda.

— Você deve estar esperando que eu me desculpe por ter agido como um animal, ontem à noite — Grady falou, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Deve desculpas a mim e a Laredo. Para surpresa de Savannah, ele concordou:

— Tem razão. Minha única desculpa é que estava furioso com Richard e acabei descontando em Laredo. Sei que agi como um idiota e só posso explicar o meu comportamento confessando que bebi demais, de estômago vazio.

A ironia da situação, Savannah refletiu, era que Grady pagara pela comida que nem sequer experimentara.

— Eu ficaria grato se pudéssemos deixar esse incidente para trás.

— Com uma condição.

— Já sei. Quer que eu me desculpe com Laredo.

— Você não começou o dia de hoje melhor do que terminou o de ontem.

— Está bem. Falarei com ele mais tarde.

Grady passou a mão pelo rosto e só então Savannah notou-lhe a expressão cansada, como se não houvesse dormido.

— O que tem contra ele? — perguntou, realmente curiosa. — Laredo não é o que você pensa. Ele é honesto e trabalhador e...

— Importa-se de deixar essa ladainha de elogios para outra hora?

— Ah, Grady!

Foi então que Savannah percebeu que o irmão estava sofrendo com uma terrível ressaca. Depois do confronto com Laredo, ele certamente continuara bebendo, mas não cerveja.

— Isso mesmo — ele resmungou. — Bebi algumas doses depois que todos se foram. Pensei que o álcool me acalmaria, mas estava enganado, pois descobri que meu melhor uísque escocês sumiu. Onde você acha que foi parar?

Savannah sacudiu a cabeça.

— Vou ajudá-la. O nome começa com "R".

— Ah, não! Tem certeza?

Grady lançou-lhe um olhar cínico e, então, voltou a recolher o lixo.

Quando terminaram a limpeza do jardim, Grady bebeu uma xícara de café e foi cuidar do trabalho na fazenda. Savannah ocupou-se dos afazeres domésticos. Richard só apareceu por volta de onze horas.

— Bom dia, minha bela Savannah! — cumprimentou a irmã com um sonoro beijo no rosto, para então apanhar uma xícara de café e sentar-se. — O que temos para o café da manhã?

— Já é quase hora do almoço. Ele não reagiu.

— Pouco antes de acordar, sonhei com aqueles ovos mexidos deliciosos que só você sabe fazer, acompanhados de torradas de pão caseiro e queijo derretido.

— Richard — Savannah falou no tom mais rígido de que era capaz —, como pôde deixar que Grady pagasse pelo churrasco?

— Estou me sentindo péssimo por essa história. Expliquei a situação a Adam, quando contratei os serviços dele. Não sei por que ele resolveu mudar de ideia.

O que Savannah mais desejava era acreditar em Richard, mas isso se tornava cada vez mais difícil.

Ele certamente percebeu o dilema da irmã, pois levantou-se e tomou-lhe as mãos.

— Savannah, prometo reembolsar Grady, assim que minha indenização chegar. Você precisa confiar em mim.

Ela queria confiar, mas as dúvidas recusavam-se a abandoná-la.

— Você é a única pessoa que acredita em mim — Richard continuou, em tom de desespero. — Não fosse por você, Grady teria me expulsado daqui, no dia em que cheguei. Dê-me esta oportunidade para provar que mudei. É tudo o que eu peço.

Savannah estudou o irmão, tentando afastar a desconfiança e acreditar que ele cumpriria a promessa. Um sorriso iluminou o semblante de Richard.

— Mal posso esperar para ver a expressão de Grady, quando eu lhe der o dinheiro. Não acha que

ele vai ficar chocado?

Savannah relaxou. Richard era seu irmão. Cometera erros horríveis, mas estava mais velho, agora, mais maduro. Era incapaz de conter sua natureza sociável e não resistira ao impulso de dar aquela festa. Porém, não voltaria a tirar vantagem dela e de Grady pela segunda vez. Tinha certeza disso.

— Acredita em mim? — ele perguntou, fitando-a nos olhos.

— Acredito — ela murmurou, rezando para não ser enganada de novo.

Richard apertou-lhe a mão.

— Não vai se arrepender, Savannah. Prometo. Vou provar que Grady está errado. Espere e verá. Então, poderá dizer: "Eu avisei!" para o nosso irmão mais velho. Confiou em mim quando ninguém mais se dispôs a me dar uma chance e, um dia, poderá rir na cara de Grady.

— Eu jamais faria isso!

Grady podia ser ranzinza e autoritário, mas suas intenções eram as melhores.

— E então? Vai preparar meus ovos mexidos com queijo? — ele perguntou em tom de adulação.

Savannah acabara de lavar a louça do café da manhã, quinze minutos antes.

— Está bem — concordou.

Richard abraçou-a e retomou sua cadeira, enquanto a irmã retirava ovos, queijo e leite da geladeira.

— Estive passeando pelo seu jardim e estudando as rosas das quais você me falou. Onde conseguiu as brancas, tão lindas?

— Aqui e ali — ela respondeu, evasiva. Embora a agradasse o interesse do irmão por suas flores, não queria dar detalhes sobre sua excursão a Bitter End.

— Você esteve lá, não? — ele indagou em voz baixa.

— Onde?

— Não tente me enrolar, Savannah. Você não sabe mentir.

Savannah corou. Richard tinha razão. Ela jamais soubera mentir, ou fingir, e ele estava curioso sobre a cidade fantasma. Não era a primeira vez que a bombardeava com perguntas.

— Você entrou em algum dos edifícios? — Richard perguntou. — Ainda estão de pé, não estão? É incrível, depois de todos esses anos. Que histórias aquelas paredes não poderiam contar! Fico fascinado ao pensar que Bitter End repousa, adormecida, em meio às montanhas, quando quase ninguém sequer desconfia de sua existência.

— E realmente incrível — Savannah concordou.

— Aposto que os edifícios se encontram em péssimo estado.

— Não andei pela cidade.

Savannah não fora além do cemitério, pois a atmosfera fantasmagórica a impedira. Porém, pretendia descobrir as respostas para as perguntas de seu irmão naquele mesmo dia. Faria uma segunda visita a Bitter End, apesar dos esforços de Grady para mantê-la longe de lá.

— Onde fica, exatamente, a cidade fantasma? — Richard insistiu.

— A leste daqui. Não foi fácil encontrar o local.

— Sentiu medo?

— Não exatamente — ela respondeu, sem saber como descrever a sensação que a invadira.

— Para ser sincero, não acho boa ideia você voltar lá.

Savannah ficou surpresa com as palavras de Richard, uma vez que, poucos dias antes, ele parecera interessado em acompanhá-la.

— Preciso voltar — anunciou, irritada pelo fato de ele também se mostrar contra ela, pois Grady e Laredo pareciam unidos em sua determinação de impedi-la. — Talvez eu encontre outros tipos de rosas — explicou, embora soubesse ser desnecessário, pois os três conheciam suas razões. — Existe a possibilidade de eu encontrar um tipo ainda mais raro. Você não faz ideia do que senti com minha descoberta original.

— Pense bem antes de voltar — Richard falou, sorrindo com ar agradecido quando ela depositou o prato com ovos mexidos diante dele. — Você deveria seguir o conselho de Grady, Savannah. Uma cidade fantasma não é o melhor lugar para uma mulher visitar sozinha.

— Outro dia, você disse que queria ir comigo.

— Eu disse isso? De jeito nenhum! Sou o maior covarde que você conhece e tenho profundo respeito pelo sobrenatural. Por isso, você jamais vai me ver perto de Bitter End.

Savannah não se deixaria dissuadir, mas não pretendia estender a discussão. Faria o mesmo que fizera da outra vez: sairia sorrateiramente, sem que ninguém percebesse.

Grady sentou-se em seu escritório, massageando as têmporas, na esperança de conseguir se concentrar nos números à sua frente. Não dormira mais que duas horas, à noite, pois passara muito mal em consequência do excesso de álcool.

Não estava acostumado a beber, mas depois de ter criado aquela cena ridícula com Savannah, trancara-se no escritório e dera fim em uma garrafa de uísque barato, pois o de boa qualidade havia desaparecido.

Agora, sua cabeça latejava. Ele não conseguia raciocinar, nem trabalhar. Richard voltara havia menos de uma semana, mas já transformara Grady em um trapo humano.

O telefone tocou e ele cerrou os olhos com força, a fim de resistir ao som estridente que lhe penetrou o cérebro. Esperou que Savannah atendesse.

Ninguém o vira entrar no escritório e ele queria continuar ali, incógnito.

O telefone voltou a tocar uma, duas, três vezes. Onde, diabos, estaria Savannah? Ou Richard? Em vez de sofrer a agonia do quarto toque, Grady preferiu atender.

— Quem é? — vociferou ao telefone.

Um silêncio chocado se fez do outro lado, seguido por um soluço e gritos chorosos:

— Mamãe, mamãe!

Droga! Era Maggie, querendo falar com Savannah, e ele assustara a menina outra vez!

— Maggie — chamou, desejando pedir desculpas pela explosão.

Teve a sensação de que, nos últimos dias, tudo o que fazia era se desculpar. Sentiu um fio de esperança ao perceber que alguém pegara o telefone, do outro lado.

— Maggie, escute...

— Sou eu, Caroline — a mãe o interrompeu. — E você deve ser Grady. O que disse a Maggie para deixá-la tão assustada?

— Eu não sabia... pensei que... — ele gaguejou.

— Ao que parece, você não pensou.

Grady ouviu os soluços de Maggie ao lado da mãe.

— Sinto muito, Caroline — disse. — Eu não sabia que era Maggie. Não tive a intenção de assustá-la.

— O que há com você, Grady?

Ele voltou a massagear a têmpora com a mão livre. Se a resposta fosse simples, teria sido capaz de evitar uma série de embaraços. A verdade era que já não sabia o que estava acontecendo.

— Você agiu como um animal, ontem à noite.

— Obrigado por me lembrar.

— Bebeu muito mais do que deveria.

— Foi você quem me serviu uma daquelas cervejas — ele se sentiu obrigado a lembrá-la.

— Ah, então, foi minha culpa? Grady fechou os olhos.

— Não — admitiu, sentindo-se o mais imbecil dos homens. — A responsabilidade foi toda minha.

Após um momento de silêncio, Caroline perguntou:

— Onde está Savannah?

— Não sei. Eu esperava que ela atendesse o telefone. Assim como Maggie, que continuava chorando sem parar.

— Ela está bem?

— Estava, pela manhã. O que você está fazendo em casa? — Grady indagou.

Caroline deveria estar no correio, mas ele não tinha moral para comentar tal ausência, uma vez que deveria estar nos campos com Wiley, ou ajudando Laredo, no estábulo.

— Maggie não estava se sentindo bem, pela manhã. Por isso, tirei o dia de folga.

— Como ela está, agora?

— Está melhor... ou estava — Caroline declarou com ironia.

— Gostaria de falar com ela e me desculpar. Grady não estava certo de que sabia como falar com

uma criança de cinco anos, mas não gostava de ver a menina se encolher, toda vez que o via. Afinal, Maggie era uma garotinha adorável e muito ligada a Savannah.

— Não sei se ela vai querer falar com você.

— Pergunte a ela, por favor.

Enquanto esperava, Grady ouvia Caroline conversando com a filha. Ficou surpreso ao ouvi-la compará-lo ao monstro de "A Bela e a Fera". Segundo ela, Grady gritava e parecia malvado, mas, assim como na história, era na verdade um príncipe enfeitiçado.

Alguns minutos depois, Caroline voltou ao telefone:

— Sinto muito, Grady, mas não consegui convencê-la a lhe dar uma segunda chance.

— Não posso culpá-la — ele admitiu com um suspiro. — Fui muito rude, quando atendi o telefone.

— Maggie ligou para contar a Savannah que está com dor de barriga.

— O tipo de simpatia que ofereci, certamente, não era o que ela estava esperando.

O som do riso de Caroline fez um bem ao espírito de Grady que ele jamais esperaria sentir.

— Tem razão — ela murmurou.

— Fui muito estúpido.

— Pode-se dizer que sim.

— Já que ela se recusa a falar comigo, pode dizer a Maggie que peço desculpas e que prometo nunca mais gritar com ela?

Não sabia se isso surtiria algum efeito, mas era só o que poderia fazer no momento. Da próxima vez que Maggie fosse à fazenda, ele tentaria fazer as pazes com a garota.

— Avisarei Savannah que você ligou — disse, apanhando uma caneta.

Se não tomasse nota, esqueceria de dar o recado e Caroline não estaria disposta a perdoar-lhe mais uma falha.

Despediram-se e Grady colocou o fone no gancho.

Com esforço, fixou os olhos no livro de contabilidade e ligou a calculadora. Não podia ficar na cama até a hora do almoço, como seu irmão inútil.

Laredo pensou que encontraria Savannah no jardim das rosas, mas ela não estava lá, assim como não estava em casa.

Grady também havia desaparecido, mas isso era mais uma bênção do que um motivo de preocupação.

Sem saber ao certo onde mais procurar, Laredo dirigiu-se ao estábulo. Era o último lugar onde esperava encontrar Savannah. Uma desagradável sensação de medo recusava-se a deixá-lo em paz. Ela parecera pálida, pela manhã e, embora Laredo não desejasse se indispor com Grady tão cedo, depois do último confronto, não poderia permitir que ele atormentasse a irmã.

A porta do estábulo rangeu quando Laredo a empurrou. Savannah virou-se, sobressaltada, com

expressão de culpa.

Laredo não fazia ideia do que ela estava fazendo, mas certamente tratava-se de algo que ela pretendia manter em segredo.

— Savannah?

— Olá — ela cumprimentou com um sorriso envergonhado.

— O que está fazendo aqui?

— Nada. Eu...

— Savannah — ele a interrompeu e abriu os braços. Sem hesitar, ela se deixou abraçar. — Nunca jogue pôquer, querida. Seus olhos dizem tudo.

Savannah enterrou o rosto no peito dele.

— Sinto muito pelo que aconteceu ontem à noite — murmurou.

Era a primeira oportunidade que tinham de conversar sobre o incidente, mas Laredo preferia deixar tudo para trás. Também errara, precipitando-se contra Grady, furioso por ele estar embaraçando a irmã. E, também, já estava irritado antes, pela conversa que tivera com Hennessey, pois sabia que fora Grady quem instigara o delegado a interrogá-lo.

— Vamos esquecer isso, está bem? Ela suspirou.

— É o que você quer?

— Sim.

— Estou disposta a esquecer tudo, exceto uma coisa. Savannah inclinou a cabeça e fitou-o com olhar de adoração.

— O quê?

Laredo não sabia o que fizera para merecer um olhar tão meigo de uma mulher tão maravilhosa.

— Eu deixaria o incidente para trás, se Grady não houvesse me privado da minha dança dos namorados.

— Apenas parte dela.

— Cobrarei cada segundo que ele me roubou. Laredo beijou-a na testa e puxou-a pela mão.

— Não está ouvindo a música? — perguntou.

— Que música?

Ela estreitou os olhos, apurando os ouvidos, mas logo se deu conta do que ele estava fazendo. Então, sorriu.

— Acho que estou mesmo ouvindo música — disse, os olhos brilhando de felicidade.

Dançaram pelo estábulo, rodopiando entre baias e montes de feno, cada vez mais rápido, até perderem o fôlego e caírem na gargalhada.

— Muito bem. Agora, confesse — Laredo falou, assim que pôde respirar novamente.

— Confessar o quê?

— O que estava fazendo, quando cheguei? Savannah baixou os olhos para o chão.

— Vai ficar zangado comigo.

Laredo simplesmente não acreditava que isso fosse possível.

— Por quê?

— Eu estava prestes a quebrar a promessa que fiz a você. Eu... sinto muito.

Foi então que ele se deu conta de que a surpreendera reunindo o equipamento necessário para voltar à cidade fantasma. Sentiu-se grato por tê-la encontrado naquele momento, mas também ficou decepcionado, pois esperava que Savannah fosse uma mulher de palavra.

— Sinto muito — ela repetiu com arrependimento tão genuíno, que Laredo a perdoou no mesmo instante. — Richard e eu conversamos sobre Bitter End, esta manhã, e senti uma necessidade imensa de voltar lá... hoje. Preciso fazer isso, Laredo, por causa das rosas. Não queria que Richard e Grady soubessem. Não sabia onde você estava e... Bem, preciso partir imediatamente. — Ergueu os olhos e fitou-o, cheia de esperança. — Pode vir comigo? Não vou demorar. Deixarei um bilhete para Grady.

— Está bem. Vamos juntos — ele concordou. Savannah bateu palmas como uma criança e, então, colocou-se na ponta dos pés e beijou-o nos lábios.

— Vou preparar um piquenique para nós. Laredo não teve coragem de desapontá-la, mas não planejava passar o resto do dia no campo, comendo sanduíches. Tinha muito o que fazer, tarefas que Grady lhe confiara.

— Quanto tempo vamos demorar?

— Não muito — ela prometeu. — Só quero dar uma volta por lá para saber se existem outras roseiras. Almoçaremos em uma clareira que avistei da estrada, junto ao rio.

Uma vez feitos os planos, Laredo apanhou as ferramentas e colocou-as na carroceria da caminhonete. Enquanto se preparava para partir, foi tomado por uma sensação de profundo desconforto. Aparentemente, o que Grady falara sobre o lugar produzira nele um impacto maior do que imaginara. O desconforto transformou-se em apreensão.

Nem sequer haviam saído da fazenda, e Laredo já estava convencido de que não deveriam ir à cidade fantasma.

CAPÍTULO VIII

A caminhonete sacudia pelo caminho para Bitter End. Felizmente, era possível seguir as marcas dos pneus, deixadas por sua primeira visita à cidade fantasma. Do contrário, Savannah talvez não voltasse a encontrá-la.

— Mal posso acreditar que você encontrou esse lugar sozinha — Laredo falou, segurando o volante com firmeza.

— Não foi nada fácil. Foram semanas de busca. Mais de uma vez, ela pensara em desistir, mas a ideia de encontrar rosas antigas a animava. E sua paciência fora bem recompensada. Não só descobrira o tipo mais raro entre as roseiras que possuía, mas no mesmo dia, conhecera Laredo.

— Já estamos chegando — ela disse, ao perceber que a dificuldade da viagem o deixava tenso.

Sentia-se grata por Laredo haver concordado em acompanhá-la até a cidade fantasma, mas estava mais ansiosa pelo piquenique que fariam. Raramente ficavam sozinhos e aqueles momentos prometiam ser especiais.

Laredo estacionou a caminhonete no ponto a partir do qual seria impossível continuar.

— Daqui, faremos uma curta caminhada — Savannah garantiu.

A trilha era difícil de seguir e os dois estavam ofegantes quando tiveram o primeiro vislumbre da cidade.

— Finalmente, Bitter End — Laredo resmungou, estendendo a mão para ajudar Savannah a subir nas rochas.

Dali, Bitter End se parecia com qualquer outra cidade fantasma. Edifícios velhos ladeavam a rua principal. Eram quatro ou cinco de cada lado, em vários estágios de abandono. Venezianas sem pintura pendiam tortas de janelas vazias. A imobilidade e o silêncio produziam uma atmosfera assombrada e irreal. Não se via qualquer outro tipo de vegetação, mas se as roseiras do cemitério haviam sobrevivido, deveriam haver outras.

O maior edifício era a igreja, situada em uma colina, em uma das extremidades da cidade. O tempo a mantivera incrivelmente intocada, exceto pela torre chamuscada, que parecia ter sido atingida por um raio. Na outra extremidade, havia um curral.

Quando finalmente puseram os pés na cidade, ocorreu o mesmo da primeira visita de Savannah: o forte sentimento de tristeza e dor. O que possuía Bitter End não eram fantasmas ou espíritos, mas sim uma angústia tão profunda, que nem mesmo a passagem dos anos conseguira apagar.

Savannah olhou para Laredo, que observava a cidade, as pernas ligeiramente abertas, os braços ao lado do corpo, como se estivesse preparado para reagir a qualquer coisa que aparecesse.

— Está sentindo? — ela perguntou em um sussurro.

O tom de voz normal não parecia correto, ali. Em sua primeira visita, Savannah não pronunciara uma palavra sequer. Entrara e saíra da cidade em dez minutos, apenas o suficiente para retirar as roseiras

e substituí-las por arbustos de seu próprio jardim.

— Tem certeza de que quer ir adiante? — Laredo perguntou, também sussurrando, como se temesse perturbar o que quer que pudesse existir ali.

— Absoluta — ela respondeu, enroscando o braço no dele.

— Então, vamos fazer o que é preciso e sair logo daqui.

— Não há fantasmas aqui.

— Acredito.

Laredo sorriu pela primeira vez, desde sua chegada a Bitter End.

— Precisaremos de pouco tempo para procurar as roseiras — Savannah garantiu.

A presença de outra pessoa, alguém em quem ela confiava, tornava a cidade um pouco menos assustadora. Se Laredo não estivesse com tanta pressa de partir, seria interessante explorar alguns dos edifícios. Por outro lado, Savannah tinha a sensação de estar invadindo um local proibido.

— Por onde quer começar? — Laredo perguntou, quando se aproximavam da rua principal.

— Tanto faz. Estive no cemitério, da outra vez.

Caminharam lado a lado, de mãos dadas. A medida que se embrenhavam na cidade, mais sombrio se tornava o sentimento de tristeza. Em sua primeira visita, Savannah percorrera aquele trajeto o mais depressa possível, tentando livrar-se da sensação opressora. Porém, sentira-se bem melhor no cemitério. Além de a sensação não ser tão poderosa, ali, ficara fascinada pelas lápides. Apesar de a maioria dos nomes e datas não serem mais visíveis, Savannah não encontrou dificuldade em imaginar o tipo de vida que aquelas pessoas haviam vivido, lutando contra a fome, as doenças e as forças da natureza.

Savannah lembrou-se das histórias que havia lido sobre os colonizadores da fronteira, quando o Texas era uma terra selvagem e inóspita. Eram histórias que, um dia, ela contaria aos próprios filhos.

Seus próprios filhos.

O pensamento a apanhou de surpresa. Durante muitos anos, Savannah acreditara que jamais se casaria. Desde que conhecera Laredo, porém, começara a acreditar que tudo era possível para ela, como por exemplo, um marido e uma família. Apesar de estar em um lugar tão lúgubre, sentiu o coração cantar de felicidade.

Após alguns minutos de exploração, Savannah deu-se conta de que a viagem fora uma grande perda de tempo e de energia. O que quer que houvesse florescido em Bitter End, um dia, havia morrido. Nada crescia na cidade. Tudo estava morto, inclusive a terra.

— Não acha estranho não haver nada vivo por aqui, nem mesmo mato? — Laredo comentou.

Ela assentiu em concordância. As únicas plantas que haviam sobrevivido ao tempo eram as roseiras que ela encontrara no cemitério.

— Quero voltar — Savannah anunciou. — Eu também.

— Estou falando do cemitério.

— Tem certeza?

— Estou curiosa sobre o local onde encontrei as roseiras.

Savannah não compreendia. Se as rosas haviam sobrevivido, faria sentido que outras plantas também vivessem ali.

— Em minha humilde opinião — Laredo murmurou —, não deveríamos abusar da sorte. Vamos embora enquanto é tempo.

— Está bem — ela cedeu, percebendo a tensão que tomara conta dele. —Vamos embora. Visitarei o cemitério em outra ocasião.

— De jeito nenhum! Não quero que você volte aqui... por nada. Está entendendo? Este lugar me dá arrepios.

Apesar de amá-lo tanto, Savannah não poderia fazer aquela promessa.

— Um dia, haverá um bom motivo para que eu volte aqui.

Era evidente que Laredo gostaria de discutir a questão, mas naquele momento, sair dali parecia prioritário. Olhando por cima do ombro, ele a conduziu até a trilha que os levaria de volta à caminhonete.

A medida que se afastavam, a sensação assustadora se dissipava, até desaparecer por completo.

Assim que alcançaram a caminhonete, Laredo ajudou Savannah a se acomodar, tomou o lugar do motorista e partiu em disparada. A ansiedade dele era contagiante.

Savannah não sabia o que havia criado a atmosfera que tomava conta de Bitter End. Não existia nada de bom naquela cidade e, talvez, jamais viesse a existir.

Laredo disse a si mesmo que a vida era cheia de mistérios. Algumas respostas jamais seriam conhecidas. Era assim que ele se sentia com relação à cidade fantasma. Grady não falara muita coisa a respeito. Dissera apenas que o lugar não era seguro para Savannah. Como não podia confiar nela para seguir seus conselhos, Grady deixara de lado os sentimentos negativos que tinha por Laredo e lhe pedira ajuda.

Pela primeira vez, Laredo simpatizava com os receios de Grady. Não sabia o que havia acontecido naquela cidade, mas nem precisaria saber. No que lhe dizia respeito, Bitter End continuaria exatamente como era, havia mais de cem anos, sem a sua interferência.

Apoiado no tronco de uma árvore, observou Savannah abrir a cesta de piquenique e retirar de dentro dela a comida que preparara. Ainda não achava certo passar a tarde descansando, com tanto serviço por fazer, mas a urgência de voltar para a fazenda tornara-se bem menor.

O local que Savannah escolhera para o piquenique era mesmo adorável. O rio corria próximo dali e o som da água límpida correndo sobre o leito de pedras era um agradável contraste com o que haviam experimentado minutos antes.

Depois que Savannah preparou os pratos, os dois comeram em silêncio, apreciando a paisagem ao redor. Então, falaram ao mesmo tempo:

— Você também sentiu, não foi?

— Foi igual à primeira vez? Os dois sorriram.

— Vou fazer uma proposta: não tocaremos mais nesse assunto — Laredo sugeriu.

— Por que não?

— Quero falar de você.

— De mim? Ora, você já sabe tudo a meu respeito.

— Não é verdade. Por exemplo, quem a ensinou a cozinhar tão bem?

Laredo nem se lembrava da última vez em que comera tão bem. Talvez, quando era ainda criança e não sabia apreciar o valor de uma boa comida caseira.

— Minha mãe adorava cozinhar. As refeições eram uma questão de orgulho para ela. Acho que somos mais parecidas do que eu imaginava. Você teria gostado de minha mãe. Era uma mulher maravilhosa.

Ele não tinha a menor dúvida disso, dada maneira como se sentia com relação a Savannah.

— Você também gostaria da minha.

Laredo não planejava falar sobre si mesmo, mas assim que mencionou a mãe, Savannah começou a fazer perguntas e, quando ele deu por si, estava contando a vida de sua mãe em Tulsa, como ela ficara viúva, ainda jovem, por que voltara para a casa dos pais, onde ainda vivia, sobre o homem com quem ela namorava havia mais de vinte anos, sem qualquer plano de casamento.

— Tenho certeza de que gostaria muito dela — Savannah murmurou, pensativa. — Você gostaria... Esqueça.

— Continue — Laredo a incitou, refletindo que Savannah nem fazia ideia de que ele seria capaz de fazer qualquer coisa por ela.

— Gostaria de pousar a cabeça no meu colo? — ela pediu e ofereceu, ao mesmo tempo.

Assim que atendeu o pedido dela, Laredo decidiu que estava vivendo dentro de um sonho. Sem se dar conta do que fazia, tomou a mão dela e levou aos lábios. Imediatamente, sentiu o coração apertar, transbordando de uma emoção muito forte.

Não pretendia beijá-la, mas foi apenas o curso natural das coisas. Tão natural quanto respirar. E o fogo que correu em suas veias o apanhou de surpresa, mas ele se deixou arrastar pela paixão daquele beijo.

Prometeu a si mesmo que se contentaria com um único beijo, mas logo descobriu que não seria capaz de se satisfazer com tão pouco. Assim como Savannah. Os beijos foram se sucedendo, tornando-se mais intensos e ardentes, até que Laredo teve de apelar para toda a sua força de vontade para poder afastar os lábios dos dela.

— Gosto de ser beijada por você — Savannah murmurou, de olhos fechados.

— Eu também.

— Não pare — ela pediu.

Mais uma vez, Laredo descobriu-se incapaz de desapontá-la.

— Seus beijos são tão deliciosos, que eu gostaria que você nunca mais parasse — ela falou com um sorriso terno, quando voltaram a se afastar.

— Ah, minha querida, você não sabe o que está dizendo.

— Sei, sim. Estou dizendo que quero ser beijada por você pelo resto de minha vida.

A ideia não parecia nada má aos olhos de Laredo. O problema era que, em breve, beijos não seriam suficientes para satisfazer a paixão de ambos. E já se aproximavam perigosamente daquele ponto.

— Savannah... — murmurou, sem saber como explicar a ela que não deveriam continuar.

Não teve a chance de tentar, pois ela passou os braços em torno de seu pescoço, puxando-o para si e beijando-lhe os lábios. Derrotado, Laredo tentou mostrar a ela, sem o uso de palavras, os efeitos daqueles beijos.

O que não imaginou foi que Savannah fosse reagir com ardor igual ao dele. Pior, estava certo de que ela não fazia ideia da intensidade da reação física que provocava com sua aceitação. E, se havia algo que Laredo não desejava, era ver Savannah envolvida em uma situação sexual para a qual não estava preparada.

Quando percebeu que não seria capaz de se conter por muito mais tempo, Laredo interrompeu o beijo de súbito e se afastou, com grande esforço.

— Fiz algo errado? — ela perguntou.

— Não.

— Então, por que parou? Ele fechou os olhos.

— Acho que não vai compreender...

— Não me trate como criança, Laredo. Sei exatamente o que estava acontecendo.

Laredo sentia-se esgotado, sem forças para discutir com Savannah. Ela o tornava vulnerável. Se continuasse a beijá-la, perderia o controle. Conhecia muito bem os próprios limites e sabia que os havia atingido.

Respirou fundo e forçou um sorriso.

— Telefonei para a oficina para saber como vai o conserto da minha caminhonete — disse, sem olhar para Savannah, na esperança que ela percebesse o motivo pelo qual ele havia mudado de assunto.

Ela permaneceu em silêncio.

— Paul disse que as peças já chegaram e que ele só estava esperando que eu o autorizasse a fazer o serviço.

Mais uma vez, Laredo esperou por algum comentário.

Após um longo momento de silêncio, Savannah finalmente falou:

— Sei o que está fazendo, Laredo.

— Sabe? — ele duvidou.

— Está tentando me dizer que vai embora de Promise assim que puder.

Bem, se ela havia compreendido essa mensagem, certamente entendia o resto, também.

— Não quero magoá-la, Savannah.

— Isso seria impossível, Laredo, pois você trouxe muita felicidade para a minha vida. Quando partir, não terá de se preocupar comigo. Não farei nada para prendê-lo aqui. Sinto-me grata por cada dia que passamos juntos, por cada momento... cada beijo.

Laredo não concordava, pois acreditava ser ele quem estava em débito para com Savannah.

— Acho melhor voltarmos antes que alguém sinta nossa falta.

Sentia-se fortemente tentado a tomá-la de novo nos braços e voltar a beijá-la, e já não sabia se teria forças para resistir ao impulso.

— Ainda não — Savannah pediu. — Deixei um bilhete na cozinha. Ninguém vai se preocupar.

Laredo não sabia o que poderia acontecer, caso voltassem a se beijar. Não podia correr o risco de descobrir. Assim, levantou-se para fugir à tentação.

— Vamos ficar apenas mais alguns minutos — ela insistiu em um tom de súplica que partiu o coração de Laredo.

— Está bem — ele concordou e voltou a sentar-se. — Só mais alguns minutos. E nada de beijos.

Savannah assentiu e sorriu.

Os poucos minutos transformaram-se em duas horas. Savannah recostou-se no tronco da árvore e pegou no sono quase imediatamente. Laredo perguntou-se se ela conseguira dormir, à noite, pois ele ficara acordado. Ao que parecia, o único na fazenda a desfrutar de uma boa noite de sono fora Richard.

Sabia como Savannah se sentia com relação ao irmão mais novo e temia que fosse apenas uma questão de tempo para que Richard a decepcionasse. Ao mesmo tempo que não queria que isso acontecesse, não sabia como protegê-la.

Perturbado por tais pensamentos, Laredo virou-se para observar Savannah, apreciando-lhe a beleza suave. Cada minuto era um presente. Embora a constatação houvesse sido expressada por ela, ele sentia o mesmo.

Lembrou-se das palavras da mãe: "Todos nós recebemos de volta aquilo que damos", e concluiu que ter conhecido Savannah o havia compensado por tudo o que dera errado em sua vida.

Mas, por que tinha de conhecê-la justamente agora? Por que encontrar aquela mulher maravilhosa e apaixonar-se por ela, quando não tinha nada além de dificuldades a oferecer?

Laredo amava Savannah, como já havia admitido para si mesmo. Amava-a o bastante para deixá-la, em vez de pedir-lhe que se sacrificasse por ele. Ela merecia uma vida muito melhor e ele não a tiraria do conforto em que vivia por nada.

Ellie Frasier estava no depósito, ocupada com uma entrega que acabara de chegar de seu maior fornecedor, quando Richard Weston entrou na loja, vestindo calça jeans impecável, botas caras e seu novo chapéu Stetson. Mais parecia um cantor country do que um fazendeiro.

— Finalmente, descobri o seu esconderijo — ele disse, examinando-a da cabeça aos pés com olhar atrevido, deixando bem claro que gostava muito do que via.

Ellie não se opunha a ser lisonjeada e elogiada, de vez em quando. Afinal, Glen e os outros homens

que conhecia insistiam em tratá-la como mera amiga, quase como se fosse mais um homem na turma.

Fora uma grande surpresa encontrar Richard, depois de tantos anos. Não o reconhecera, de início. Quando menina, tivera uma paixão adolescente por ele. Na época, Richard Weston era um homem "mais velho", bonito e charmoso. Bem, tais atributos continuavam intactos.

— Achei que poderíamos almoçar juntos — ele declarou.

— Não tenho tempo, hoje.

Ellie não achava má ideia almoçar com Richard, mas estava atarefada demais. Assumira as responsabilidades do pai, além de ter de cuidar das próprias. Glen havia sugerido que ela contratasse alguém para cuidar da contabilidade e, embora Ellie soubesse que ele estava certo, vinha adiando tal decisão.

— Você bem que está precisando de uma folga — Richard insistiu, visivelmente desapontado. — E eu adoraria ter a sua companhia.

— Eu iria, se pudesse.

— Ora, vamos! Vai lhe fazer bem. Sabia que sou um sujeito divertido?

— Já percebi — Ellie replicou com um sorriso. A festa de boas-vindas fora mesmo um bálsamo para seu espírito. A responsabilidade pelos negócios da família e da preocupação com a saúde do pai a haviam esgotado.

Glen a visitava duas ou três vezes por semana, a fim de oferecer-lhe apoio moral. Era seu melhor amigo e possuía um senso de humor que, muitas vezes, elevava os ânimos de Ellie. Na festa de Richard, ela conseguira relaxar e se divertir, pela primeira vez em várias semanas. Dançara com Glen e com Richard... e Richard até mesmo a beijara. Fazia muito tempo que ela não vivia momentos românticos.

— Talvez eu consiga escapar por uma ou duas horas — disse, surpreendendo-se com a própria decisão. — O mundo não vai desabar sem mim.

— Ótimo.

Um sorriso radiante iluminou o semblante de Richard.

Era raro uma mulher ter a oportunidade de realizar um sonho de adolescente, Ellie pensou. Bem, era verdade que, na ocasião, ela tinha apenas quinze anos e se impressionava com facilidade. Porém, Richard fora, de longe, o rapaz mais atraente de Promise. Todas as garotas da escola teriam dado qualquer coisa para sair com ele, ao menos uma vez.

Richard, no entanto, mantivera-se quase inatingível, sem jamais ter namorado alguém por um período mais longo. O que não parecia ter mudado. Afinal, ele já estava perto dos trinta anos e ainda não se casara.

— Onde quer almoçar? — ele perguntou. Como não havia muitos restaurantes na cidade,

Ellie concluiu que as opções eram reduzidas.

— Você escolhe.

— Que tal a sua casa?

— Minha casa?

— Tenho certeza de que poderemos preparar algo para comer e, depois, nos aconchegarmos no sofá para lembrarmos os velhos tempos.

O sorriso de Richard derreteria até mesmo o coração de uma serpente.

— Que velhos tempos? — Ellie inquiriu.

— Cuidaremos dessa parte, quando chegar o momento — ele sugeriu com voz sedutora.

— Richard!

— Por que não?

— Em primeiro lugar, sou a pior cozinheira do mundo. Em segundo, por mais tentadora que seja a ideia de me aconchegar no sofá, não tenho tempo para isso, no momento.

— Aposto que sou capaz de convencê-la do contrário.

— É mesmo? E como pretende fazer isso? — ela desafiou.

Richard voltou a exibir seu sorriso irresistível e puxou-a pela mão.

— Para onde estamos indo?

— Para um lugar mais discreto, onde eu possa lhe mostrar o que estou tentando dizer.

Depois de olhar furtivamente para um lado e para o outro, ele a puxou para dentro do escritório e fechou a porta. Em seguida, encostou-a na parede e colou o corpo ao dela.

Ellie gostara de ser beijada por Richard, na festa, mas o beijo que ele lhe deu naquele momento foi muito mais intenso e apaixonado. Quando se afastaram, ela sentiu os joelhos trêmulos.

— Que tal? — ele perguntou.

— Nada mau.

Embora se esforçasse para soar casual, Ellie estava ofegante. Respirou fundo, refletindo que suas emoções encontravam-se em meio ao mais profundo caos. O que não era de admirar, dada a revolução que se operava em sua vida.

— Tenho muito mais para lhe mostrar — Richard prometeu, passando a ponta do dedo pelo decote da blusa de Ellie.

— Infelizmente — ela disse, dando-lhe um tapa na mão —, não posso incluir um romance na minha agenda.

— Querer é poder.

— Richard, por favor, estou lisonjeada, mas... Ele a interrompeu com um segundo beijo, ainda mais ardente que o primeiro.

Ellie mal podia acreditar que estava permitindo que aquele absurdo continuasse. Dissera a verdade: sentia-se lisonjeada, mas não era do tipo que se entregava ao sexo casual.

— Tenho responsabilidades a cumprir.

— Todos nós temos.

— Richard!

— Adoro ouvir você dizer meu nome, mas não nesse tom. — As mãos dele massagearam-lhe os ombros e, contra sua vontade, Ellie fechou os olhos. — Quero ouvi-la murmurar meu nome quando estivermos na cama...

— Não acredito que esteja falando sério!

— Nunca falei tão sério em minha vida. Pensei muito em você, enquanto estive longe daqui. Ficava me perguntando se havia se casado e fiquei muito feliz ao descobrir que não.

— Ora, você nem sabia quem eu era!

— Está brincando? Acredite, eu sabia, mas poderia ser preso pelas coisas que pensava com relação a você, naquela época.

Ellie sabia reconhecer uma mentira assim que a ouvia.

— Agradeço o convite e, se tiver algum tempo livre, prometo telefonar.

— Ei, já se esqueceu de que íamos almoçar? Ouviram uma batida na porta do escritório.

— Ellie, você está aí?

Era Glen Patterson, chegando no momento mais oportuno.

— Entre — Ellie convidou-o, aproximando-se da porta.

Glen entrou e franziu o cenho ao deparar com Richard.

— Eu estava tentando convencer Ellie a sair por uma hora ou duas e almoçar comigo — Richard explicou com um sorriso inocente e amigável.

Teria sido bom se Glen demonstrasse algum sinal de ciúme, mas isso não aconteceu.

— Boa ideia — disse. — Ellie, você precisa sair mais.

— Hoje não é possível. Quem sabe um outro dia — ela replicou, passando por entre os dois.

Dez minutos depois, Glen encontrou-a no depósito, verificando o estoque.

— Richard já foi embora? — ela perguntou.

— Já. Ele não mudou nada, não é mesmo?

— O que está querendo dizer?

— Continua o mesmo mulherengo de antes.

— Percebi — Ellie concordou com uma risada, ao mesmo tempo em que fingia abanar-se.

— Ei, o que aconteceu antes de eu chegar?

— O que você acha?

Glen refletiu por um momento e, ou não entendeu a insinuação, ou não quis revelar seus pensamentos em voz alta.

— Digamos que Richard estava interessado em muito mais que um simples almoço — Ellie explicou.

Os olhos de Glen arregalaram-se.

— Por que está tão chocado? Já lhe ocorreu que outros homens podem me ver como algo mais que uma "camarada"?

Ele demorou a responder:

— Na verdade, não. Você é a melhor amiga que já tive. — Então, soltou uma gargalhada. — Talvez não seja má ideia, afinal.

— Você e eu?

— Não! Você e Richard.

CAPÍTULO IX

Na manhã de domingo, Maggie sentou-se ao lado de Savannah no momento em que Wade McMillen se postava no altar. Passando um braço em torno dos ombros da menina, Savannah pensou em quanto amava a filha de sua amiga. Um laço muito especial as unia e era comum Maggie assistir à missa junto de Savannah.

Orador de talento, Wade costumava fazer uso do humor em seus sermões. O tema daquele domingo girava em torno das oportunidades que Deus nos apresenta.

Savannah não conteve o riso, assim como o restante da congregação, quando Wade relatou a história de um homem preso em um telhado, durante uma enchente.

Por três vezes uma equipe de resgate fora salvá-lo, mas o homem insistira em dizer que Deus o salvaria. O homem morreu, foi para o céu e confrontou o Senhor, querendo saber por que sua fé não fora atendida.

— Enviei a Cruz Vermelha, um barco e um helicóptero — Deus respondeu. — O que mais eu poderia ter feito?

Wade tinha o dom de transmitir a verdade, sem ser dogmático. Savannah sempre se perguntava porque ele continuava solteiro, quando tantas jovens em Promise dariam tudo para se tornarem sua esposa.

Quando o sermão terminou, Maggie endireitou-se e abriu o hinário, à espera de que o coral se levantasse para cantar e ela pudesse ver a mãe.

O amor que sentia pela criança inundou o coração de Savannah, trazendo consigo um sentimento novo, muito intenso, quase doloroso. Até conhecer Laredo, ela havia abdicado do sonho de se tornar esposa e, conseqüentemente, mãe.

Agora, o desejo de ter seu próprio filho queimava-lhe o coração. Fechou os olhos e, instantaneamente, sua mente ficou repleta de imagens de um garotinho de cinco ou seis anos. Ele usava calça jeans, camisa, chapéu e botas, em uma versão miniaturizada de Laredo. O menino seguia o pai até o curral. Seu filho com Laredo. O pensamento foi tão comovente que ela teve de conter as lágrimas. Savannah foi invadida por uma felicidade quase sufocante pelo simples fato de ter conhecido Laredo.

Ele seria maravilhoso como marido e como pai. Laredo fora paciente e gentil com Maggie desde o primeiro momento em que a vira, enquanto Grady continuava com suas tentativas desajeitadas de fazer amizade com a garotinha. Laredo possuía uma facilidade natural para lidar com crianças e era muito fácil imaginá-lo cercado por um bando delas.

Mais importante que tudo era o fato de Laredo amá-la. Savannah sentia-se confiante disso. Embora ele jamais houvesse confessado seus sentimentos abertamente, tratara de deixá-los bem claros uma centena de vezes.

Laredo a protegia, comportando-se como um verdadeiro cavalheiro. Também era sensível às suas necessidades e tinha um grande respeito por ela.

Para Savannah, as atitudes dele diziam muito mais que mil palavras. Na semana anterior, por exemplo, enquanto ela trabalhava no catálogo de suas rosas, Laredo levava uma xícara de café até o escritório, colocava-a sobre a mesa, beijava-lhe a face e saía, sem dizer nada. Em um outro dia, ele a vira carregando um grande cesto de roupas lavadas, para serem estendidas no varal, e correria para ajudá-la.

Wiley zombara de Laredo pelo resto do dia, fingindo necessitar desesperadamente de ajuda, correndo de um lado para outro, agitando as mãos em uma ridícula imitação de uma mulher aflita. Laredo não lhe dera a menor atenção.

Quando a missa terminou, Caroline encontrou Savannah diante da igreja.

— Você não disse que Richard viria à missa, hoje? — a amiga perguntou.

— Foi o que pensei — Savannah respondeu, sem esconder a decepção com o irmão mais novo.

Grady mal lhe dirigia a palavra porque Savannah continuava a defender Richard. Apesar das atitudes repreensíveis dele, Richard continuava a ser seu irmão. Não importava o que ele tivesse feito, ela não permitiria que Grady o expulsasse da fazenda. Richard não tinha para onde ir. Jurara ainda estar esperando pelo cheque que lhe fora supostamente enviado pelo correio. Parecia ter certeza de que o pagamento chegaria a qualquer momento.

Por acreditar nele, ou melhor, por querer muito acreditar, Savannah havia lhe emprestado dinheiro, embora Grady e Laredo não soubessem.

— Acha que, algum dia, ele vai mudar? — Caroline inquiriu. — Tenho tanto medo de que, ao confiar em Richard, você esteja se condenando à dor e ao sofrimento.

— Ele é meu irmão — Savannah respondeu com simplicidade.

Estava convencida de que sua mãe, caso continuasse viva, também não permitiria que Richard fosse expulso de sua própria casa.

— Você está diferente — Caroline comentou, quando se aproximaram do carro.

Savannah sabia exatamente a que a amiga se referia.

— Estou feliz — explicou. — Verdadeiramente feliz.

— Laredo?

Savannah corou e assentiu.

— Gosto de Laredo — Maggie anunciou. — E de Richard, também.

— E quanto a Grady? — Caroline perguntou. Maggie fez beicinho.

— Grady não é mau, mas ele grita muito.

— Acho que ela ainda não conseguiu perdoá-lo por ter gritado com ela ao telefone. Tentei explicar que ele é...

— O monstro de "A Bela e a Fera" — Maggie completou. — Não me importa se ele é um príncipe. Quando grita, tenho de tapar os ouvidos.

— Ah, Maggie — Savannah murmurou, desanimada. — Grady gosta muito de você e quer ser seu

amigo, também.

— Então, ele não deveria gritar comigo no telefone — a menina argumentou.

Savannah gostaria de poder sacudir Grady. Não sabia o que dera no irmão para ele explodir com Maggie. A única desculpa de Grady, muito fraca, tinha algo a ver com ele não saber quem estava do outro lado da linha.

Ela já não sabia o que pensar do próprio irmão. Também não sabia quem mudara mais, nas últimas semanas: ela ou Grady. Sabia que o fato de Richard estar por perto o perturbava e, embora Grady insistisse em dizer que ia mandá-lo embora, Savannah desconfiava que seu irmão mais velho estava vivendo o maior conflito de sua vida. Assim como ela. Richard sabia como conquistar e agradar as pessoas, mas era Grady quem possuía um grande coração.

— Gostariam de almoçar conosco? — Savannah convidou as duas, acreditando que isso pudesse ajudar Maggie a ficar mais à vontade com Grady. — Deixei um assado enorme no forno e preparei uma linda torta de morangos.

Maggie lambeu os lábios,

— Morangos são os meus favoritos — falou, olhando para a mãe.

— Hoje, não, Savannah. Tenho muito o que fazer, em casa.

— Mas, mamãe...

A decepção de Maggie espelhava a de Savannah. Desde o incidente com Grady ao telefone, Caroline não estivera mais na fazenda. Toda vez que Savannah a convidava, ela dava alguma desculpa conveniente e recusava o convite.

Quando Savannah voltou para a fazenda, encontrou Richard sentado nos degraus da varanda, tocando violão. Ao vê-la, ele parou de tocar, levantou-se e foi até a caminhonete.

— Onde esteve até agora? — perguntou com ar preocupado.

— Na igreja. Pensei que você fosse comigo.

— Teria ido, se você tivesse me acordado.

— Você já é adulto, Richard.

— Está zangada comigo? Savannah suspirou.

— Não.

Richard sorriu e voltou a tocar, enquanto Savannah entrava em casa. Depois de guardar a bíblia, ela foi verificar o assado que deixara no forno. O almoço era a única refeição que ela preparava aos domingos. A noite, cada um cuidava de seu jantar, dando-lhe algum tempo livre para cuidar de seus próprios interesses.

Uma hora mais tarde, serviu o almoço, que foi devorado em poucos minutos, ao som de elogios entusiasmados de Richard e comentários mais discretos de Laredo, Grady e Wiley.

Todos desapareceram em seguida, deixando Savannah sozinha. O dia estava ensolarado e agradável. Ela foi até o jardim, de onde colheu flores frescas para enfeitar a mesa da cozinha. Quando

terminou de arrumar o vaso, sentou-se na varanda e pôs-se a tricotar. O silêncio só era quebrado pela brisa que agitava as folhas das árvores.

Sem informar ninguém sobre seus planos, Richard saíra. Grady havia se trancado no escritório e Wiley fora visitar a amiga viúva, em Brewster. Savannah não sabia onde estava Laredo, mas esperava que ele logo fosse lhe fazer companhia, como de costume.

Enquanto tricotava, Savannah refletia sobre a mensagem contida do sermão de Wade McMillen.

Oportunidades apresentadas por Deus. Repassou na mente as oportunidades que haviam surgido em seu caminho, nos últimos tempos. Imediatamente, pensou em Laredo. Mergulhou tão profundamente em seus pensamentos, que não percebeu a aproximação dele.

— Tarde bonita, não? — comentou, ao vê-lo sentar-se na cadeira ao lado da sua.

Era maravilhoso estar com Laredo onde seus pais costumavam passar as tardes de domingo.

— Minha mãe também gosta de tricô — ele falou, observando o movimento das agulhas nas mãos dela.

— Foi minha avó quem me ensinou. Estou fazendo um casaco para Maggie.

Savannah passou a contar sobre o sermão daquela manhã e Laredo riu da história do homem na enchente, como ela havia calculado que aconteceria. Esperava que um dia ele a acompanhasse à missa, mas ainda não tivera coragem de convidá-lo.

Coragem... Perdera tantas oportunidades em sua vida, por ter medo, embora não fosse capaz de dizer exatamente o que temia. E foi naquele momento que Savannah decidiu nunca mais permitir que isso se repetisse.

— O sermão de Wade me fez pensar — murmurou. Se não contasse a Laredo o que se passava em seu coração, passaria o resto da vida se arrependendo de ter deixado a oportunidade passar. Usou o tricô como desculpa para evitar fitá-lo nos olhos.

— Pensar? — ele indagou.

— Sobre as oportunidades que surgiram em minha vida, recentemente.

Laredo reclinou-se na cadeira e fechou os olhos.

— Não tive muitos namorados — ela continuou.— Acho que é fácil perceber, não é?

— Não se trata de uma desvantagem, se é a isso que está se referindo.

Infelizmente, Savannah sentia-se em desvantagem por estar conversando com Laredo sobre um assunto tão delicado. Assim mesmo, foi adiante:

— Às vezes, isso pode ser um problema.

— Eu não mudaria absolutamente nada em você, Savannah.

— Obrigada. Eu... tenho algo a dizer, mas não sei bem por onde começar.

— Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

— Bem, como não tenho muita experiência nesse tipo de situação, espero que me perdoe por falar

com tanta franqueza.

— Que situação?

Ela segurou as agulhas com força, sentindo as mãos geladas.

— Preciso saber se existe uma maneira apropriada para uma mulher discutir certos assuntos com um homem. Assuntos do coração.

Laredo pareceu entrar em estado de alerta.

— Isso eu não saberia dizer.

— Bem, considerando-se que você está tão perdido quanto eu, talvez a melhor abordagem seja a direta. Minha mãe costumava dizer que nada funciona melhor do que a verdade.

— Savannah...

Temendo perder a coragem, Savannah não permitiu que Laredo a interrompesse e continuou:

— Amo você, Laredo. Quero agradecer-lhe e dizer que estou muito feliz por ter conhecido você.

Lentamente, Laredo abriu os olhos e endireitou-se na cadeira.

— Talvez eu tenha sido direta demais — Savannah falou com voz trêmula —, mas quando uma mulher ama um homem...

— Savannah, por favor, não diga mais nada. Ela corou, envergonhada.

— Não é apropriado a uma mulher confessar seus sentimentos?

— Não há nada de errado com você. O problema sou eu.

— Você? — ela inquiriu, confusa.

— Não sou o homem certo para você. Savannah foi invadida por profundo alívio.

— Ora, Laredo, como pode dizer isso? Ninguém poderia ser mais certo para mim.

— Savannah, eu não tenho nada...

— Acha que isso faz alguma diferença?

— Sim, faz uma diferença enorme.

— Laredo, durante a maior parte de minha vida, meus pais e, depois, Grady, sempre tiveram certeza de que sabiam o que era certo para mim. A ironia é que ninguém jamais pensou em pedir a minha opinião. Tenho trinta e um anos e, acredite se quiser, sei muito bem o que quero. Quero você. Amo você.

Ele cruzou os braços, apertando-os contra o peito, como se as palavras dela houvessem lhe provocado dor, em vez de prazer.

Savannah sentiu os músculos ficarem tensos.

— Peço desculpas se o embarcei.

— Não é isso. Savannah, por favor, ouça. Sinto-me profundamente honrado por ser amado por você, mas não vai dar certo. Simplesmente, não vai dar certo — ele insistiu com voz angustiada.

— Você não me ama?

Parecia impossível que Laredo não partilhasse os mesmos sentimentos que ela. Fora justamente a certeza de ser correspondida em seu amor que dera a Savannah a coragem necessária para abrir o coração. Além disso, ela acreditara que sua confissão fosse fazer com que ele se sentisse livre para admitir o que sentia.

— Eu... — Laredo hesitou.

— Se não sente o mesmo que eu, pedirei desculpas por minha ousadia e nunca mais voltarei a tocar no assunto.

Embora fizesse tal oferta, Savannah não tinha dúvidas. Laredo não teria sido capaz de abraçá-la e beijá-la com tanta ternura e paixão, se não a amasse.

— Você sabe muito bem o que eu sinto — ele declarou, após uma longa pausa.

Savannah fechou os olhos em um agradecimento silencioso.

— Sim, eu sei. — Agora, que ele finalmente admitira a verdade, ela se sentiu confiante para ir adiante: — Quando estivermos casados...

— Casados?

A reação de Laredo provocou um sobressalto em Savannah. Quando duas pessoas se amavam, o casamento parecia ser o rumo natural a seguir. E, levando em conta que ela já havia passado dos trinta anos, não havia razão para esperar. Especialmente se pretendiam ter filhos, o que ela desejava do fundo do coração. Quanto antes, melhor.

— Pensei que... Bem, achei... — ela gaguejou e, então, deu-se conta de que talvez Laredo considerasse o casamento desnecessário. — Receio que, se decidirmos viver juntos, sem nos casarmos, meu irmão fará objeções. Mas estou disposta a enfrentar Grady, se for preciso.

Laredo levantou-se e apoiou as mãos na grade, mantendo-se de costas para ela.

— Não vou me casar com você, Savannah.

— Compreendo — ela murmurou, tentando disfarçar a decepção. — Como já disse, embora o casamento traga algumas vantagens, estou disposta a abrir mão das formalidades.

Ele se virou para encará-la.

— Savannah, pelo amor de Deus! Será que você não compreende? — Ajoelhou-se diante dela, o olhar obscurecido pela dor. — Não estou dizendo que não quero me casar com você. Simplesmente, não posso!

— Não pode? Já é... casado?

— Não! Savannah, olhe para mim e ouça o que vou dizer. Não tenho onde cair morto. Não tenho absolutamente nada a oferecer. Acredita, honestamente, que eu seria capaz de tirá-la do conforto de sua casa, de sua família e amigos, de suas rosas e tudo mais, para viver em um trailer de segunda mão? Pois é tudo o que tenho: um trailer velho e malcuidado.

— Acha que me importo com onde vou morar? Quanto a o meu jardim, posso muito bem plantar outro. Você é tudo o que preciso, tudo o que sempre vou precisar.

Laredo fechou os olhos.

— Não posso. Sinto muito, mas não posso — murmurou, apertando as mãos dela nas suas.

— Estou oferecendo o meu coração, meu amor, minha vida — ela insistiu em um fio de voz.

— Abriria mão de tudo por mim? — ele perguntou, fitando-a nos olhos e beijando-lhe as mãos.

— Não estaria abrindo mão de nada, Laredo, pois estaria ganhando muito mais em troca.

Naquela noite, Laredo sentou-se na cama, apoiando as costas na parede. Sua mente girava em disparada. Savannah quase o fizera acreditar na possibilidade de um futuro para eles, juntos. Estava consciente de que ela faria os maiores sacrifícios. Embora isso não lhe parecesse correto, ela garantiria estar disposta a enfrentar as dificuldades, a fazer o que fosse necessário para poder ficar com ele.

Laredo apoiou a cabeça nas mãos e sonhou de olhos abertos. Um forte sentimento de esperança invadiu-lhe o peito. Amava Savannah.

Richard entrou no alojamento e atirou-se na cama em que dormira em sua primeira noite na fazenda. Algumas vezes, ele dormia em seu antigo quarto e Laredo acalentara a esperança de que fosse assim, naquela noite. Ao que parecia, tudo dependia de Grady estar por perto, ou não. Apesar da insistência do irmão mais velho, Savannah jamais seria capaz de mandar Richard embora. Fora ela quem dera permissão a ele para dormir dentro da casa.

— O que está fazendo? — Richard perguntou.

— Pensando — Laredo respondeu com ar de poucos amigos, torcendo para que o outro não insistisse em conversar.

— Sei que está tentando tirar Savannah de nós. Ora, como ele sabia?

— Algum problema? — Laredo inquiriu, suspeitando das intenções de Richard.

— Nenhum. Desde que você a ame de verdade — ele replicou com um sorriso largo.

— Sim, amo sua irmã.

Foi somente depois de as palavras terem deixado seus lábios que Laredo se deu conta de quanto era fácil dizer a Richard o que sentia, embora em momento algum houvesse declarado seu amor a Savannah.

— O amor é lindo — Richard falou com um suspiro exagerado, deitando-se na cama. — Ao menos, no começo.

Laredo não disse nada, embora admitisse para si mesmo que algo que começava lindo poderia terminar em desastre.

— Savannah é mesmo uma criatura muito doce — o outro continuou. — Viu como ela trabalhou na cozinha, no domingo, durante a festa? Na verdade, acho que se sentiu grata por ter o que fazer dentro de casa, pois sempre foi muito difícil para ela enfrentar multidões, mesmo em se tratando de pessoas que conhece há muitos anos. Não sei por que minha irmã é tão tímida. Basta tirar Savannah de sua rotina pacata, para ela murchar como uma flor sem água.

Laredo franziu o cenho, perguntando-se se Richard estava tentando enviar alguma mensagem sutil.

— Se tem algo a dizer, diga de uma vez — resmungou.

— Eu? A única coisa que tenho a dizer é que estou muito feliz por vocês dois.

— Nada foi decidido, até agora.

— Bem, se tudo correr bem, sei que serão muito felizes. Tenho certeza de que Savannah será uma excelente esposa e, quando os filhos começarem a chegar...

— Filhos? — Laredo repetiu.

Não poderiam ter filhos durante anos, apesar de Savannah se mostrar ansiosa para ter sua própria família. Ele sentia o mesmo, mas nem sequer pensaria em filhos, enquanto seus negócios não estivessem estabelecidos, proporcionando-lhe uma renda certa.

— Não creio que seja boa ideia vocês esperarem muito — Richard aconselhou. — Afinal, Savannah já passou dos trinta e é sabido que, quanto mais velha a mulher, maiores as chances de complicações durante a gravidez e o parto. Por falar em parto, espero que você tenha uma boa assistência médica, pois ouvi dizer que ter um bebê custa uma fortuna.

Assistência médica? Laredo mal tinha dinheiro para comer, quanto mais para gastos extras. E conhecia Savannah. Se surgisse qualquer problema, ela não lhe contaria, para não preocupá-lo.

— E quanto às rosas? — Richard perguntou. — Você sabe tanto quanto eu como aquele jardim é importante para Savannah.

— Ela pensou em transplantar parte das roseiras — Laredo respondeu, embora sua mente continuasse concentrada na possibilidade de algo de mau acontecer a Savannah, morando longe da cidade e contando com poucos amigos ou vizinhos.

A realidade da situação atingiu-o como um golpe físico. O plano parecia romântico: os dois, juntos, construindo um lar, criando cavalos... até ele pensar nos riscos.

— Transplantar as roseiras é uma boa ideia — Richard aprovou e sentou-se na cama. — Trate de cuidar muito bem de minha irmã, camarada! Aposto que você espera que eu não conte nada disso a Grady!

Laredo não respondeu. Quando voltou a erguer os olhos, Richard se fora, o que era bom. O irmão de Savannah abria seus olhos para algumas verdades. Embora fosse tentador sonhar com uma vida inteira ao lado de Savannah, isso não passaria de um sonho. Laredo simplesmente não podia tirá-la daqueles que conhecia e amava, colocando em risco sua saúde e felicidade. Um dos dois teria de manter a cabeça fria e, ao que parecia, a responsabilidade fora posta nas mãos dele.

Amava Savannah, mas não se casaria com ela. Assim que fosse possível, sairia de sua vida dela, pelo bem de ambos.

Uma semana depois, montado em Starlight e observando o rebanho pastar, Grady esforçava-se para afastar os pensamentos sombrios. Sua preocupação com Savannah tornava-se maior a cada dia. Não sabia o que havia acontecido com a irmã, mas ela parecia outra pessoa. Aparentemente, não havia nada de errado, embora a diferença fosse quase palpável à sua sensibilidade de irmão. Era como se o brilho houvesse se apagado nos olhos dela. A alegria que ela vinha demonstrando recentemente desaparecera.

Apesar de não ser nada experiente em questões de romance, era óbvio que algo errado acontecera entre Savannah e Laredo, que se mostrava igualmente infeliz. Bem, Grady pensou, era de se esperar que o

envolvimento dos dois não durasse.

Detestava ver a irmã magoada e não sabia o que fazer a respeito, nem o que dizer. Chegou a pensar em conversar com Caroline. Talvez a melhor amiga de Savannah pudesse lhe dar alguma sugestão.

Se, ao menos, Grady tivesse com quem conversar sobre Richard, certamente se sentiria melhor. Provavelmente, Cal Patterson era a pessoa mais indicada para tal conversa, mas o assunto fazia Grady sentir-se envergonhado. Sem que ele soubesse explicar como, Richard conseguira recuperar seu lugar junto da família. Não fora difícil fazer Savannah retomar a vida do ponto onde seus pais haviam deixado, Grady refletiu com amargura. Ela mimava o irmão mais novo, cedia a cada um de seus caprichos, como se ele merecesse o tratamento dispensado a um herói.

Grady continuava querendo ver Richard longe da fazenda, mas cada vez que pensava em ordenar-lhe que partisse, descobria-se incapaz de fazê-lo. Ora por causa dos pedidos de Savannah, ora pelo próprio senso de... de quê? Obrigação? Lealdade familiar? Piedade? O único ponto em que Grady insistira fora para que Richard dormisse no alojamento, mas até isso o irmão conseguira contornar.

Tudo havia começado de maneira muito inocente, com Richard limpando e arrumando seu antigo quarto. Logo, ele passara a dormir lá, pelo menos, em algumas noites.

Sentindo o cansaço de um longo dia de trabalho, Grady puxou as rédeas de Starlight, a fim de retomar o caminho de casa. Foi então que avistou um cavaleiro que se aproximava. Reconhecendo Laredo, esperou.

— Problemas? — perguntou.

— Não exatamente.

Pela velocidade com que Laredo havia se aproximado, Grady poderia ter jurado que sua casa encontrava-se em chamas.

— Veio me procurar por uma razão específica, não foi?

— Sim.

Ao que parecia, Laredo estava encontrando dificuldade para falar o que o levara até ali. Estava muito pior que Savannah, pálido e abatido.

— Você estava certo desde o início, Grady — falou, afinal.

Grady gostou daquele começo de conversa. Com Richard manipulando todas as opiniões ao seu redor, era bom ouvir que estava certo sobre alguma coisa.

— Do que está falando?

— De mim.

O sorriso de Grady desapareceu. Não era o que ele esperava, ou queria, ouvir.

— Em outras palavras, você é mesmo o ladrão que Earl Chesterton suspeitava?

— Não.

Grady teria ficado desapontado, caso fosse essa a verdade. Laredo Smith havia provado ser um homem trabalhador, o melhor caubói que ele já tivera a seu serviço. Grady continuava a não confiar nele,

especialmente no que dizia respeito a Savannah e, por isso, fora exigente, temperamental e nem um pouco razoável. Ainda assim, nem por uma vez Laredo havia se queixado e, com isso, acabara conquistando o respeito de Grady.

— Você sempre disse que eu não era o homem certo para Savannah — Laredo lembrou sem preâmbulos.

Ora, o rumo da conversa era definitivamente alarmante.

— O que está acontecendo entre vocês? Laredo ignorou a pergunta.

— Preciso de um favor.

— Pode falar.

— Talvez você não concorde com tanta facilidade, quando souber que o favor envolve dinheiro.

Era verdade. Grady franziu o cenho.

— Quanto?

— Preciso de um empréstimo, o bastante para que eu pague pelo conserto da caminhonete e volte para Oklahoma.

— Há algum motivo para você estar tão ansioso por ir embora?

Laredo desviou o olhar.

— Tenho meus motivos.

— E seus motivos têm algo a ver com minha irmã?

— Talvez.

— Se magoar Savannah, vai se arrepender, Smith. Grady sentiu-se dividido. Por um lado, a felicidade de Savannah parecia depender daquele homem. Por outro, daria tudo para ver Smith longe dali, o mais depressa possível. Ao mesmo tempo, suspeitava que a partida dele aconteceria tarde demais, pois sua irmã parecia perdidamente apaixonada.

— Por que acha que preciso tanto desse dinheiro? — Laredo indagou, irritado. — Quanto antes eu sair da vida dela, melhor. Escute, não espero que me faça um empréstimo sem qualquer garantia. Por isso, deixarei os documentos da caminhonete com você, até que eu possa lhe pagar. Combinado?

Grady refletiu, não sobre a decisão de emprestar o dinheiro, mas sim pelos motivos de Smith para querer partir com tamanha pressa. Suspirou, desanimado, acreditando que não seria conveniente interferir nos assuntos particulares do outro. Certamente, ele mesmo detestaria que se metessem em sua vida.

— Combinado? — Laredo insistiu.

— Existe uma outra solução — Grady propôs, tomado de súbita inspiração. — Você poderia ficar aqui. Farei uma oferta digna de consideração: sociedade. Você, eu e Savannah. Sei que está interessado em criar cavalos de corrida. Pode fazer isso aqui, em Yellow Rose, tanto quanto em Oklahoma.

— Se sua intenção é me subornar para ficar, só posso dizer que acaba de insultar a mulher mais maravilhosa que já conheci.

— Não se trata de suborno — Grady defendeu-se, furioso consigo mesmo por ter tamanha dificuldade em expressar suas ideias da maneira correta. — Só estou tentando lhe oferecer uma outra opção. — Fitou Laredo nos olhos por um longo momento, antes de concluir: — Você ama minha irmã, não é?

— Meu amor por Savannah não tem nada a ver com o empréstimo que pedi. Não tenho praticamente nada para levar a um casamento. Nada que seja meu, que eu tenha trabalhado para conseguir. Não posso dar a Savannah o que ela está acostumada a ter, nem o que ela merece. Não vou pedir a ela que abra mão de tudo o que tem aqui. Quanto à sociedade, não tenho a menor condição de pagar por uma parte de Yellow Rose. Portanto, sua oferta é de caridade, pura e simples. Sou um homem que trabalha pelo que quer ter. Não aceito caridade. — Após tal desabafo, a raiva de Laredo pareceu ter se dissipado e, depois de respirar fundo, ele perguntou: — Está disposto a me fazer o empréstimo?

— Sim, se é o que você quer, mas...

— É o que eu quero.

— Está bem — Grady concordou e estendeu a mão para Laredo.

Pela primeira vez, acreditou na sinceridade do outro e aceitou o fato de que a irmã havia escolhido um homem merecedor de seu amor. Um homem que Grady respeitava. Um homem que ele julgara mal. Laredo apertou-lhe a mão, sem conseguir esconder a profunda tristeza no olhar.

— Tem certeza de que é isso o que você quer? — Grady insistiu.

— Sim, tenho certeza.

Laredo afastou-se com a mesma urgência com que havia se aproximado.

Grady observou-o partir, desejando poder fazer alguma coisa. Porém, sabia que nem Savannah, nem Laredo, apreciariam sua interferência em suas vidas. Aquele era um problema dos dois e eles teriam de resolvê-lo por si mesmos... ou não.

Por mais que lamentasse por ambos, não havia nada que Grady pudesse fazer.

Laredo olhou para o número da casinha térrea, situada em um bairro sossegado e verificou o endereço escrito no pedaço de papel em sua mão. Estava prestes a cometer o maior ato de covardia de toda a sua vida, mas não tinha alternativa.

Saiu da caminhonete e caminhou até a porta da casa, carregando uma caixa debaixo do braço. Após um breve momento de hesitação, tocou a campainha. Maggie Daniels abriu a porta e, no mesmo instante, seus olhos se iluminaram de alegria.

— Olá, Laredo!

Caroline não demonstrou o mesmo prazer.

— O que está fazendo aqui? — perguntou a queima-roupa.

Ele tirou o chapéu.

— Preciso lhe pedir um favor.

A amiga de Savannah não o convidou a entrar, mas Laredo não se importou, pois queria partir imediatamente. Como dissera a Grady, quanto antes saísse da vida de Savannah, melhor.

— Entre — Caroline finalmente convidou.

— Obrigado, mas não vou me demorar — Laredo recusou e estendeu-lhe a caixa. — Poderia entregar isto para Savannah?

— Por que não entrega você mesmo?

— Não posso.

Ela não aceitou a caixa.

— Por que não?

— Não pretendo voltar a vê-la.

Ao pronunciar as palavras, Laredo foi invadido por um terrível sentimento de perda. O fato de estar convencido de que o melhor a fazer seria ir embora não tornava a partida mais fácil. Conseguira o empréstimo de Grady e Wiley o levava até a cidade para apanhar a caminhonete. Laredo despedira-se de todos, menos de Savannah.

Embora considerasse a própria atitude extremamente covarde, não fora capaz de agir de maneira diferente. Sabia que não poderia fitar Savannah nos olhos e fingir que não a amava. E seria exatamente esse o preço que ela lhe cobraria pela separação.

Quando saía da oficina de Powell, ocorrera-lhe que aquele misto de tristeza, medo e perda devia ser semelhante aos sentimentos que seu pai tivera ao partir para o Vietnã, tantos anos antes.

— Bem, já que não vai entrar, é melhor eu sair — Caroline concluiu, saindo para a varanda, acompanhada por Maggie.

— Ficarei muito grato se puder entregar esta caixa para Savannah — ele repetiu o pedido.

Ela sorriu.

— Você a ama, não é?

Por mais que desejasse, Laredo descobriu-se incapaz de negar a verdade.

— Às vezes, o amor não é o bastante.

— Tem razão, mas não acha que Savannah merece receber esse presente das suas próprias mãos?

— Ela merece muito mais do que jamais poderei lhe dar.

— O que há na caixa, mamãe? — Maggie perguntou.

— Um presente para Savannah — a mãe respondeu.

— Posso ver?

Laredo abriu a caixa, dizendo:

— É um xale.

Ao ver a finíssima seda branca, bordada com fios dourados, Caroline suspirou.

— É perfeito para ela. Ele se sentiu tentado a sorrir, pois pensara mesma coisa ao ver o xale na vitrine da loja de Dovie. Naquele momento, imaginara Savannah sentada na varanda, com o xale nos

ombros. Embora não fosse do tipo romântico, Laredo esperava que quando usasse o presente, Savannah pudesse sentir seu amor por ela. Também esperava que ela compreendesse que, apesar de ter partido, ele sempre a amaria.

— Sei que estou pedindo muito — ele confessou a Caroline.

— Não a mim, mas a Savannah — Caroline o corrigiu. — Como já disse, ela merece receber o presente de você.

— Não posso fazer isso. Se não concordar em me fazer esse favor, enviarei a caixa pelo correio.

Caroline hesitou.

— Tem algum recado para ser dado junto com o presente?

Laredo sacudiu a cabeça. Já dissera mais do que havia planejado.

— Nada, Laredo? — ela insistiu em tom de súplica.

— Diga a ela...

— O quê?

— Diga... obrigado.

Colocando o chapéu, ele deu meia-volta e encaminhou-se rapidamente para a caminhonete.

— Para onde Laredo vai? — Maggie perguntou à mãe.

— Não sei querida. Laredo! — Caroline chamou. Ele olhou para trás.

— Como conseguiu pagar pelo conserto da caminhonete?

Laredo permaneceu em silêncio, mas Caroline demorou apenas alguns segundos para concluir:

— Grady. Ele lhe emprestou o dinheiro, não foi? Aquele patife!

Laredo entrou na caminhonete e deu a partida no motor, desesperado para partir antes que encontrasse uma desculpa para ficar.

CAPÍTULO X

— Está me dizendo que Laredo foi embora? — Savannah repetiu, sem compreender o que Caroline dissera.

Vira Laredo pela manhã, trabalhando no estábulo. Os dois haviam se esforçado durante a semana inteira para fingir que a conversa de domingo não acontecera. Porém, a declaração de amor de Savannah havia formado uma barreira entre eles. Tratava-se de algo que não poderia ser esquecido, nem ignorado.

Cada vez que pensava na maneira tola como abria seu coração, Savannah se recriminava e se arrependia. Seu comportamento ousado acabara por embarçar Laredo, bem como a si mesma. Ao mesmo tempo, sabia que não teria conseguido continuar em silêncio por mais tempo. Amava Laredo e esconder seus sentimentos havia se tornado praticamente impossível.

— Ele me pediu para entregar isto a você — Caroline falou, estendendo-lhe a caixa.

— É lindo! — Maggie acrescentou, entusiasmada.

— Você conversou com ele? — Savannah perguntou à amiga, imediatamente magoada.

Laredo se fora e, em vez de procurá-la, havia procurado Caroline. Partira sem sequer se despedir.

— Ele passou lá em casa, quando saía da cidade, para me pedir que lhe entregasse o presente.

Sentindo os joelhos trêmulos, Savannah sentou-se e levou a mão à boca, a fim de conter um grito de desespero. Laredo não uai voltar.

— Quer que eu abra a caixa para você? — Maggie ofereceu. — É lindo e você vai gostar. Mamãe gostou e eu também.

Caroline pousou a mão no ombro da filha.

— Deixe Savannah abrir o presente quando ela estiver pronta para isso, querida.

A menina se mostrou desapontada, mas obedeceu.

Savannah não teve coragem de abrir. Todas as suas forças se concentravam em conter as lágrimas.

Laredo partira sem uma palavra de despedida, sem um bilhete. Nada. A dor da separação a devastara, mas de certa forma, ela compreendia os motivos pelos quais ele tomara a decisão abrupta.

Laredo simplesmente não seria capaz de lhe dizer adeus. Amava-a demais para magoá-la além do que já fizera. Amava-a demais para dizer não, caso ela lhe pedisse para ficar. E, assim, ele fizera a única coisa que poderia fazer: fugira como um ladrão na noite. Havia roubado o coração de Savannah e o levava consigo.

— Savannah, você está bem?

Ela assentiu em resposta, embora o vazio em seu peito ameaçasse devorar-lhe a alma.

Caroline segurou-lhe a mão com firmeza.

— Eu sinto muito — murmurou.

Savannah ergueu os olhos para fitar a amiga, sem forças para fingir, ou mentir. Seria fácil enganar Grady e Richard, mas nunca Caroline.

— É um xale — Maggie anunciou, incapaz de continuar em silêncio. — É lindo, com bordados dourados e...

— Maggie — Caroline interrompeu-a.

A garotinha abaixou a cabeça e mordeu o lábio.

— Um xale... Que bom — Savannah conseguiu murmurar.

Sabendo que Maggie mal podia conter a ansiedade, abriu a caixa e retirou o xale de dentro dela. A menina tinha razão. Tratava-se da peça mais linda que ela já vira.

— Ele deixou algum... recado para mim? — perguntou a Caroline.

A amiga hesitou e, então, falou em tom suave:

— Pediu-me para lhe dizer "obrigado". Savannah sorriu, apesar da dor insuportável que lhe corroia as entranhas.

— Obrigado — repetiu.

Compreendia o recado, também. Aquela palavra simples continha uma grande riqueza de significado e era mais valiosa do que o presente que Laredo pedira a Caroline que lhe entregasse.

Apesar de abandoná-la, Laredo a agradecera por amá-lo. Embora houvesse saído de sua vida da mesma maneira que entrara, fizera questão que Savannah soubesse que o amor dela havia tocado seu coração. Como não era capaz de fazer tal confissão, fitando-a nos olhos, pedira a outra pessoa que lhe contasse.

Os olhos de Caroline exibiram o brilho da fúria.

— Não entendo por que ele fez isso! Laredo admitiu que ama você.

— Eu sei.

— Mas, quando perguntei por que estava partindo, ele se limitou a dizer que às vezes o amor não é o bastante, embora eu não tenha compreendido.

Savannah não tentou explicar. O que Laredo não compreendera, o que ela não fora capaz de fazê-lo acreditar, era que o amor dele era tudo o que ela jamais precisaria.

Ele parecia pensar que uma fazenda próspera a faria feliz, ou quem sabe, milhares de cabeças de gado, uma casa luxuosa, um jardim repleto de roseiras raras. Era verdade que tudo isso dava a Savannah um senso de segurança e tranquilidade, mas o amor de Laredo lhe proporcionava felicidade, além de dar sentido a tudo mais em sua vida. Tentara convencê-lo de que trabalharia ao lado dele de bom grado, que o amor que partilhavam lhes permitiria construir uma nova segurança. Por que ele se recusara a acreditar?

— Posso me sentar no balanço, na varanda? — Maggie pediu.

— Pode, mas não saia de lá — Caroline concordou. Assim que a menina saiu, a mãe preparou uma xícara de café para Savannah.

— Beba isso — disse. — Está pálida como um lençol. Sei que, no momento, você está sofrendo muito e, provavelmente, não quer ouvir isso, mas vou dizer assim mesmo. Acredito que nada acontece por acaso. Não sei explicar por que, mas é assim.

Fez uma pausa.

— Quando descobri que estava grávida de Maggie, senti que o mundo estava desabando sobre a minha cabeça. Eu era jovem e ingênua, mas estava determinada a não permitir que um erro arruinasse minha vida. A princípio, pensei que o pai fosse casar comigo, mas... bem, isso seria impossível. Como já havia decidido que queria ter o bebê, tive de enfrentar a gravidez sozinha.

Em todos os anos de amizade, aquela era a primeira vez que Caroline mencionava o nascimento de Maggie, ou o pai da menina.

— Quando já não era possível esconder que estava grávida, tive de contar à minha mãe. Esperava que ela fosse ficar furiosa e me chamar de todos os nomes que eu mesma usara, diante do espelho. No entanto, mamãe fez algumas perguntas e, então, abraçou-me. Choramos juntas. Era o que eu mais precisava: o amor de minha mãe. Ela falou que sabia como devia ter sido difícil guardar todo aquele sofrimento comigo, durante tantas semanas. Eu não queria falar sobre o pai de Maggie, mas acabei contando quem era e como eu fora tola por acreditar que ele me amava de verdade...

A voz de Caroline pareceu presa na garganta por alguns momentos.

— Como pode ver, Savannah, meu erro foi, na verdade, um presente. Cometi um erro, sim, mas Maggie não foi um erro. Ela é a luz da minha vida. Não consigo sequer imaginar a minha existência sem minha filha.

Naquele momento, a porta da cozinha se abriu e Maggie entrou correndo. Agarrou-se na perna da mãe e escondeu o rosto.

Grady entrou em seguida, parecendo frustrado e confuso.

— O que você fez, desta vez? — Caroline inquiriu.

— Absolutamente nada — Grady retrucou. — Vi Maggie, lá fora, e pensei que seria boa ideia conversarmos, mas ao que parece, ela ainda não está preparada.

Maggie agarrou a perna da mãe com mais força.

— Nada disso estaria acontecendo se você não tivesse gritado com ela ao telefone — Caroline declarou com voz calma.

— Como eu poderia saber que era Maggie? — Grady indagou, erguendo a voz.

— Ele está gritando de novo! — Maggie anunciou, apavorada.

— Por favor, explique a ela que tudo não passou de um terrível engano — ele implorou a Caroline.

— Maggie tem razão. Agi como um monstro, mas estou disposto a me transformar em um príncipe se ela me der uma chance.

— Você é malvado demais para ser príncipe — Maggie sentenciou e, largando a mãe, correu para o colo de Savannah. — Não gosto de Grady porque ele grita.

— Ele também não é uma das minhas pessoas favoritas — Caroline comentou com acidez.

— O que foi que eu fiz, agora? — Grady gemeu.

— Meu Deus, como é difícil compreender as mulheres! Não falo com você há dias. Como posso tê-la ofendido?

— Você sabe muito bem o que fez. Ele a fitou, perplexo.

— Receio que você tenha de me contar, pois não faço a menor ideia.

— Você é pior que... que um rato! — Caroline declarou por entre os dentes.

— Certo. Agora, conte a novidade — Grady retrucou, demonstrando desânimo.

— Caroline, o que meu irmão fez? — Savannah perguntou, confusa.

Sem desviar o olhar de Grady, Caroline dirigiu-se a Savannah:

— Eu não ia lhe contar, mas acho que acabaria descobrindo, de um jeito, ou de outro. Grady deu a Laredo o dinheiro de que ele precisava para pagar pelo conserto da caminhonete.

Savannah sentiu-se como se houvesse sido esbofeteada. Olhou para o irmão com expressão chocada, incrédula. A súbita partida de Laredo já era mais do que ela poderia suportar. Saber que seu próprio irmão tornara a separação possível, provavelmente encorajando Laredo a ir embora, era como ser apunhalada pelas costas.

— Grady? — murmurou com um fio de voz.

— Não dei o dinheiro a ele. Apenas emprestei a quantia necessária — ele explicou, olhando de uma para outra, como se ainda não compreendesse o que fizera de errado.

Grady a traía.

Não havia mais nada a dizer.

Mal se dando conta do que fazia, Savannah pôs-se de pé e, lentamente, subiu a escada e se trancou em seu quarto.

— O que fiz de tão terrível? — Grady gritou atrás dela. — Diga-me, Savannah! Preciso saber!

— Deixe-a em paz — Caroline ordenou, furiosa. — Se não sabe o que fez, terei prazer em explicar. E sabe de uma coisa? Usarei palavras bem simples para garantir a sua compreensão.

Grady adiou por dez dias uma conversa com Caroline sobre Laredo. Sabia que precisava se explicar, conversar sobre Savannah, pedir-lhe conselhos. Quando a viu entrar no supermercado, tratou de segui-la. Não queria que ela pensasse que ele fora à sua procura. Pretendia fazer o encontro parecer acidental.

Empurrando um carrinho a uma distância segura, seguiu Caroline até a seção de verduras e frutas. Como era Savannah quem se encarregava da compra de alimentos, ele raramente ia ao supermercado.

Parou diante de uma pirâmide de laranjas suculentas e, com um olho em Caroline e outro nas frutas, estendeu a mão para apanhar uma laranja. Para seu horror, a pilha inteira desabou.

Grady observou o espetáculo como se ocorresse em câmera lenta. Tentou aparar o maior número possível de laranjas, antes que elas caíssem no chão, agitando os braços em todas as direções. No final, desistiu do esforço e ajoelhou-se no chão coberto de frutas.

Todos os fregueses pararam para fitá-lo. Até mesmo as crianças apontavam e riam. Grady sorriu sem jeito e tentou pensar em algum comentário engraçado, mas como vinha acontecendo com frequência, nas últimas semanas, seu senso de humor revelou-se nulo.

Estava prestes a bater em retirada, quando Caroline abaixou-se ao seu lado.

— Vejo que criou mais uma de suas espetaculares confusões, Grady Weston — ela comentou, ajudando-o a recolher as laranjas e colocá-las de volta no lugar. — Teve alguma razão específica para me seguir até aqui?

— Fui tão óbvio?

— Eu diria que você não preenche os requisitos básicos para trabalhar no Serviço Secreto.

Já que ficara evidente que o encontro não fora casual, Grady decidiu ir direto ao ponto.

— Tem tempo para tomar um café? — perguntou. E, por medo que ela pensasse que se tratava de um convite para saírem juntos, acrescentou: — Estou preocupado com Savannah. Acho que vou me sentir melhor se puder conversar com alguém sobre isso.

— Alguém... qualquer pessoa? — Caroline inquiriu.

— Não. Tem de ser com você — ele admitiu, deixando o orgulho de lado.

— Vou telefonar para a escola de Maggie e, então, encontrarei você no boliche.

— Certo. Estarei esperando.

Grady estava ansioso para sair dali, antes que tivesse a chance de derrubar outros produtos mais embaraçosos, como absorventes, por exemplo.

A lanchonete do boliche servia um bom café a apenas vinte e cinco centavos, o que Grady considerava um bom preço. Ao entrar lá, escolheu uma mesa de canto, onde poderiam conversar com privacidade. A garçonete aproximou-se e entregou-lhe o cardápio.

— Faz tempo que não o vejo, Grady.

— Olá, Denise. Como vão Art e as crianças? Grady estudara com Denise no colegial, muitos anos antes. Enquanto ele cavalgava atrás do gado da fazenda, a ex-colega de classe havia se casado, tido três filhos e começado a trabalhar ali em meio período.

— Não tenho do que me queixar. Billy está cursando a primeira série do segundo grau, este ano.

Grady ficou chocado. O filho mais velho de Art e Denise já era um adolescente e ele nem sequer havia se casado.

Denise serviu-lhe café.

— Vai pedir algo para comer?

— Não, mas talvez Caroline tenha fome.

— Caroline Daniels? — Denise perguntou, servindo a segunda xícara.

Ele assentiu, incomodado com o brilho de interesse nos olhos da garçonete.

— Vocês estão... saindo juntos? — ela perguntou, ávida por uma boa fofoca.

Grady abriu a boca para responder, mas não teve tempo.

— De jeito nenhum — Caroline respondeu por ele, sentando-se à mesa e devolvendo o cardápio a Denise, dispensando-a ostensivamente. — Você disse que queria conversar sobre Savannah.

— Sim.

Ora, entrar no assunto era mais difícil do que ele havia imaginado.

— Ela está bem?

Caroline reclinou-se na cadeira e só então Grady percebeu quanto ela estava pálida. Não fez qualquer comentário, pois ela certamente interpretaria mal as suas intenções.

— Por que você não tem aparecido na fazenda? Savannah estava precisando de apoio e Grady estivera certo de que Caroline ficaria ao lado dela. — Estive lá algumas vezes, quando você não estava.

— De propósito?

— Não. Foi mera coincidência. Não tenho saído nos últimos dias. Estive às voltas com inspetores do correio a semana inteira. Tive minha própria crise a resolver, mas, felizmente, isso já passou. Mesmo assim, tenho telefonado para Savannah todos os dias. Está acontecendo algo com ela que eu não saiba?

— Não exatamente com Savannah — Grady falou e, embaraçado, desviou o olhar. — Em primeiro lugar, eu estava errado sobre Laredo Smith.

Como seria de se esperar, tal declaração conquistou o interesse e a atenção de Caroline. Ela ergueu as sobrancelhas, mas continuou calada. Certamente, queria se divertir um pouco, ouvindo Grady confessar seus pecados.

— Eu deveria ter acreditado na avaliação de Savannah sobre o caráter dele. Tirei algumas conclusões erradas sobre Smith e o resultado foi que começamos nosso relacionamento com o pé esquerdo.

— Deveria dizer isso a Savannah, não a mim.

— Eu disse, mas queria que você também soubesse.

— Devo me sentir grata?

Grady decidiu ignorar o sarcasmo na voz dela.

— Laredo me procurou para pedir um empréstimo. Ao contrário do que você pensa, não sou cego. Percebi que algo estava muito errado. Não queria que ele fosse embora e deixei isso bem claro.

Caroline não escondeu a surpresa.

— Disse isso a ele?

— Sim, mas minha oferta não fez a menor diferença. No final, concordei em emprestar o dinheiro e ele fez questão de deixar os documentos da caminhonete como garantia. No dia em que ele foi embora, pedi desculpas pela cena que criei na festa de Richard e nos despedimos com um aperto de mão. Naquela noite, acho que descontei a raiva que sentia de Richard em Laredo e agi como um perfeito idiota.

Caroline não discordou.

— Embora isso não seja da minha conta — Grady continuou —, Laredo praticamente admitiu que ama Savannah.

— Para mim, também. O que não consigo compreender é por que ele achou que precisava partir. O que se passa na cabeça dos homens, afinal? Não entendo! Laredo Smith é amado pela mulher mais maravilhosa que poderia ter encontrado e o que ele faz? Vai embora sem dizer uma só palavra. Não faz o menor sentido.

— Todo homem tem seu orgulho, especialmente alguém como Smith, mas estou desconfiado de que Richard teve algo a ver com isso.

Aquela era a primeira vez que Grady mencionava suas suspeitas a alguém e estava curioso para saber como Caroline reagiria. Esperava que ela o atacasse com palavras, ordenando-lhe que parasse de culpar Richard por tudo, mas ela o surpreendeu mais uma vez.

— Acho que ele seria bem capaz de uma coisa dessas — murmurou, pensativa.

Grady sentiu-se tão grato por Caroline concordar com ele, que teve vontade de abraçá-la. Infelizmente, isso daria a Denise motivos de sobra para espalhar boatos pela cidade inteira.

— Perguntou a Laredo se Richard disse alguma coisa a ele?

— Não.

— Por quê?

— Porque eu estava me esforçando para convencê-lo a ficar. — Embora não houvesse planejado contar tantos detalhes, Grady descobriu-se ansioso para partilhar toda a verdade com Caroline. — Ofereci a Laredo sociedade na fazenda. Ele deve ter ficado muito surpreso. Para ser sincero, surpreendi a mim mesmo.

Quando tivera a conversa com Laredo, Grady já sabia que Savannah o amava. Mas, naquele dia, descobrira que o caubói sentia o mesmo por sua irmã. Sabendo que aquele homem era tão importante para a felicidade dela, Grady sentira-se disposto a fazer qualquer coisa para vê-la feliz.

— Como ele reagiu? — Caroline perguntou.

— Disse que não aceitava caridade e que eu estava insultando Savannah. Droga! Ultimamente, tudo o que faço está errado. Eu só estava tentando ajudar. No início, pensei que Laredo não amava Savannah. Agora, acredito que ele a ama demais. Caroline sacudiu a cabeça.

— Pois é melhor que ele nunca mais apareça por aqui. Do contrário, sou capaz de matá-lo com minhas próprias mãos.

Grady foi apanhado de surpresa pela veemência das palavras dela.

— Essa bobagem de orgulho e honra é ridícula — Caroline acrescentou. — Ora, vamos esquecer isso. Como está Savannah?

— Você disse que não a viu nos últimos dias, não é?

— Disse. Por quê?

— Algo aconteceu... Ela está mudada.

— E claro que ela está mudada! Está magoada e decepcionada. Não a culpo.

— É mais do que isso. Caroline inclinou-se sobre a mesa.

— Do que está falando?

— Como você disse, ela está magoada... mas não entendo como a dor poderia levar a... isso. — Grady não sabia como se expressar, sem parecer louco. — Ora, eu não sei o que aconteceu com Savannah, mas, há dois dias, ela cortou os cabelos.

— Savannah?

— Sim. Usou os cabelos compridos por tantos anos, que mal a reconheci. Cortou-os na altura dos ombros.

Caroline ficou boquiaberta.

— E, ontem, estava usando calça jeans.

— Savannah?

— Sim. Eu nem sabia que ela tinha esse tipo de roupa.

— Mas... por quê? — Caroline indagou, evidentemente confusa. — Por que ela faria essas coisas?

— Tenho minhas suspeitas e devo lhe dizer que sinto o sangue gelar nas veias.

— Bem, se pensarmos melhor, o que há de tão terrível no fato de Savannah cortar os cabelos e atualizar o guarda-roupa?

— Estou preocupado. Hoje de manhã, e a vi parada na varanda, olhando para a entrada da fazenda, como se estivesse esperando por Laredo. Deus sabe quanto eu gostaria que ele voltasse, mas não acredito que isso aconteça.

— Espero que não tenha dito isso a ela!

— Claro que não! — Ora, que tipo de idiota Caroline pensava que ele era, afinal? — Então, ela me disse que Laredo Smith é um tolo.

— Concordo plenamente.

— Quer saber o que estou pensando? Acho que Savannah decidiu procurar por um marido — Grady falou depressa, pois considerava casamento um assunto difícil de discutir com Caroline.

Ela deu de ombros.

— Não há nada de errado com o casamento, embora nenhum de nós dois esteja interessado.

— Concordo com você. Não há nada de errado com o casamento, mas receio que no atual estado de espírito em que Savannah se encontra, qualquer homem servirá a seus propósitos.

— Ela tem alguém em vista?

— Não que eu saiba.

Porém, Grady conhecia bem a irmã e, embora não fosse especialista no assunto, reconhecia as aparências. Savannah estava decidida. E, quando uma mulher tomava a decisão de se casar, havia pouco

que um homem poderia fazer, além de fugir.

— Tem certeza do que está dizendo? — Caroline perguntou, franzindo o cenho.

— Não tenho certeza absoluta, mas me parece bastante óbvio.

Para consternação de Grady, Caroline explodiu em gargalhadas.

— O que é tão engraçado? — ele inquiriu, irritado.

— Você! Não acredito que Savannah esteja decidida a se casar com qualquer um, mas se encontrar um homem decente, espero que seja muito feliz. Ela tem muito amor no coração, para ser desperdiçado. Se Laredo não quer se casar com ela, que assim seja. Um dia, Savannah encontrará um homem que queira.

— Em um bar?

— Ela não faz esse gênero.

— Era o que eu pensava, mas Richard... — Grady hesitou, sem saber se deveria contar aquela parte.

— O que tem Richard? — ela inquiriu, subitamente séria.

Era bom saber que o irmão não conseguira enganar Caroline e que ela o via exatamente como era.

— Richard ofereceu-se para levá-la a alguns bares e apresentá-la a seus amigos.

— Excelente! Os melhores homens passam as noites nos bares. — ela exclamou com sarcasmo. — Savannah aceitou?

— Não sei. Simplesmente, não sei.

Glen Patterson sentou-se em frente à televisão, com uma lata de refrigerante nas mãos. Deveria encontrar-se com Ellie para o jantar, mas ela telefonara avisando que estaria ocupada até depois das sete horas. A amiga estava passando por um momento particularmente difícil. Naquela semana, Glen fora até a loja duas vezes, a fim de verificar como ela estava passando. As últimas notícias sobre o pai de Ellie não eram nada animadoras. Os médicos suspeitavam que ele não viveria mais de uma ou duas semanas.

— Você parece preocupado — Cal falou, ao entrar na sala.

— Estava pensando.

— Em Ellie?

— Não exatamente.

Glen preferia não admitir a profundidade de sua preocupação.

— Pois acho que deveria se preocupar com ela — Cal reprovou e sentou-se em uma poltrona.

— Sabe de alguma coisa que eu não sei?

— Ouvi dizer que Richard Weston está interessado nela.

— Richard é inofensivo. Além do mais, Ellie sabe que ele não passa de um grande mulherengo.

— Está com ciúme?

— Por que estaria? Ellie e eu somos amigos. Nada mais.

Amigos. Não deveria ser um conceito tão difícil de compreender. Cal e Grady eram amigos havia anos. A diferença era que Glen encontrara a maior amizade de sua vida em uma mulher. E fazia anos que a cidade inteira tentava transformar os dois em um casal.

Cal fitou-o com expressão cética.

— O que foi? — Glen perguntou, incomodado.

— Não existe amizade entre um homem e uma mulher.

— Errado. Ellie é para mim o que Grady é para você. Sempre foi assim e você sabe disso.

— Em outras palavras, você não se importa se ela sair com Richard.

— Nem um pouco.

A verdade era que ele se importava um pouquinho, mas não a ponto de ficar preocupado, nem pelas razões que o irmão imaginava. Glen apenas temia que Ellie estivesse vulnerável demais naquele momento e não queria que Richard se aproveitasse disso.

— Você sabe como Grady se sente em relação ao irmão — Cal lembrou.

— Sei e não entendo. Richard não nasceu para ser fazendeiro. Todos sabem disso. Mesmo assim, ele tem o direito de aparecer em casa, de vez em quando. Não acha?

Após um momento de silêncio, Cal advertiu:

— Se eu fosse você, ficaria de olho em Ellie. Glen voltou a franzir o cenho. Cal sempre possuíra uma natureza desconfiada, mas nunca fora tão cínico. Lembrou-se de Jennifer Healy, a moça de quem o irmão fora noivo e que o abandonara por outro. Desde então, Cal tornara-se mais amargo, especialmente com relação às mulheres. Diversas vezes, Glen tentara encorajá-lo a iniciar um novo relacionamento, mas Cal parecia não estar interessado.

— Acredite em mim — Cal declarou. — Richard pode ser um grande patife. Se é mesmo amigo de Ellie como diz, trate de avisá-la.

— Avisá-la?

Era óbvio que Cal não conhecia Ellie. Além de ser uma mulher de opinião, ela detestava a interferência dos outros em sua vida.

De um modo ou de outro, Glen simplesmente não conseguia encarar Richard como uma ameaça. Uma chateação sim, mas não uma ameaça.

CAPÍTULO XI

Enquanto se dirigia a Bitter End, Savannah considerou o fato inegável de que sua família estava preocupada com ela. Chocara a todos, especialmente a si mesma, ao cortar os cabelos. Fora uma decisão impulsiva.

Estava lavando o rosto, como fazia todas as manhãs, quando se deparara com o próprio reflexo, no espelho. Por um longo momento, ficou ali parada, olhando.

Que aparência comum ela tinha. Examinou sua imagem no espelho, dando asas ao senso crítico, e não gostou do que viu. Foi então que decidiu que algo teria de ser feito. Foi somente quando apanhou a escova de cabelos que ela considerou a ideia de cortar as mechas loiras e longas, que caíam até quase a cintura. Em um momento, estava se olhando no espelho. No outro, tinha uma tesoura nas mãos.

Savannah sabia que havia chocado Grady e Wiley, naquela primeira manhã. Os dois haviam entrado na cozinha para tomar o café da manhã e ficaram parados, olhando fixamente para ela, boquiabertos. O irmão estreitara os olhos, fitando-a como se ela fosse uma estranha. Savannah não poderia culpá-lo, pois ela mesma se sentia uma estranha.

Naturalmente, sendo como era, Grady havia ignorado a mudança e não dissera nada a respeito. Sentara-se no lugar de sempre e se servira como se nada de incomum houvesse acontecido. Wiley, por sua vez, não resistira à tentação de comentar a novidade. Elogiara o novo corte de cabelo de Savannah, forçando Grady a concordar com ele.

Savannah começou a gostar de sua nova aparência. O que se seguiu à mudança dos cabelos foi mera progressão natural das coisas. Durante anos, usara vestidos compridos por questões de hábito e conforto. As calças jeans eram sobras dos tempos de colégio e, surpreendentemente, ainda lhe serviam.

Richard fora o mais entusiasmado com relação à nova Savannah. Cobrira a irmã de elogios, até conseguir fazê-la rir, o que não acontecia havia algum tempo. Ela se preocupava com as finanças do irmão mais novo, mas Richard continuava garantindo que o cheque da indenização não tardaria a chegar. Grady agia como se Richard não estivesse ali e o mais novo era esperto o bastante para evitá-lo. A noite, ia para a cidade, encontrar os amigos. Durante o dia, enquanto Grady trabalhava, Richard tocava violão para Savannah. Algumas vezes, tentara convencê-la a acompanhá-lo em suas saídas, pois parecia acreditar que ela precisava encontrar um novo amor, que tirasse Laredo de sua cabeça.

O que Richard não compreendia era que Savannah não tinha o poder de controlar seus sentimentos com tamanha precisão. Ao mesmo tempo em que ela apreciava os esforços do irmão para alegrá-la, não se sentia preparada para tentar uma vida nova. Embora não pretendesse lamentar a perda de seu único amor pelo resto da vida, precisava de tempo para aceitar o fato de que Laredo se fora para sempre. Depois disso, continuaria a viver como vivia antes de conhecê-lo.

Bem, era mais fácil falar do que fazer. Segurou o volante com força, à medida que a estrada ia se tornando pior. Apesar de saber que Grady ficaria furioso quando soubesse que ela havia retornado a Bitter End, decidira voltar assim mesmo.

Desta vez, não ia à procura de rosas. Quando estivera lá com Laredo, certificara-se de que não havia mais nenhuma flor na cidade fantasma.

A verdade era que não conseguira explicar para si mesma por que tinha de visitar Bitter End mais uma vez, mas já não estava preocupada com isso. Sentia-se atraída para lá e precisava satisfazer esse impulso. Estacionou a caminhonete no ponto em que a estrada se tornava intransitável para automóveis e seguiu a pé. A medida que se aproximava da cidade, as lembranças de sua visita com Laredo voltaram-lhe à memória. Nas últimas semanas, conseguira afastar os pensamentos sobre ele, dizendo a si mesma que de nada adiantaria ficar pensando no que poderia ter sido. Laredo se fora e nada do que ela fizesse ou dissesse o traria de volta. Portanto, Savannah não tinha escolha, senão aceitar a decisão que ele havia tomado. Bem, esses eram os argumentos racionais e sensatos. A realidade era que as lembranças provocavam uma dor tão profunda, que o melhor mesmo era evitá-las. Toda vez que entrava no jardim, a primeira coisa que via eram as treliças feitas e instaladas por Laredo. As rosas que ele adubara e podara haviam florescido, produzindo uma profusão de botões de todas as cores. Savannah as cortava e arrumava em vasos, consciente todo o tempo de que as mãos dele haviam tocado aqueles mesmos caules.

Não era nada fácil.

Caroline também estava preocupada com Savannah e telefonava todos os dias para saber como ela estava passando. Em vez de falar com franqueza e dizer que se preocupava, a amiga inventava desculpas para suas ligações. Continuava não indo à fazenda, e Savannah suspeitava ser Grady o culpado disso, por seu inquestionável talento de assustar Maggie.

Quando finalmente avistou Bitter End, Savannah refletiu que, dali, a cidade fantasma parecia serena e pacífica, sem o menor sinal da opressão e tristeza que parecia habitar as ruas e os edifícios abandonados. Talvez esses sentimentos não houvessem passado de um produto de sua imaginação, assim como de Laredo.

Porém, quando pôs os pés na rua principal, a sensação voltou a atacá-la, envolvendo-a como um manto sombrio. Ainda assim, Savannah recusou-se a se deixar intimidar. Estava decidida a não fugir.

Em vez de continuar caminhando pelo meio da rua, como fizera com Laredo, seguiu pela calçada de madeira que acompanhava os edifícios, considerando a ideia de entrar em um deles. Então, o grito agudo de um pássaro quebrou o silêncio e a imobilidade reinantes. O vento soprou mais forte, levantando uma nuvem de poeira. Savannah parou, olhou em volta e deu-se conta de que havia algo diferente. — A cadeira de balanço — falou em voz alta. Tinha certeza de que a cadeira não estava ali, em sua visita anterior. Agora, a peça antiga rangia ao vento, diante do que fora um mercado. Savannah sentiu o coração acelerar.

Ainda determinada a não ceder ao medo que lhe provocava arrepios, continuou caminhando. Sua coragem, porém, não ajudou em nada, pois o sentimento opressivo continuou a assombrá-la.

E foi naquele momento que ela compreendeu o motivo pelo qual voltara, o que a levava mais uma vez à cidade fantasma. Olhou em volta e não viu nada além de poeira e galhos secos.

Bitter End, improdutiva e estéril, era como sua vida. Savannah vivia isolada na fazenda, junto dos dois irmãos solteiros. Sua existência girava em torno das necessidades, exigências e desejos deles.

Suas rosas e o serviço de entrega de flores eram tolerados, mas ninguém jamais lhe oferecera uma palavra de incentivo, exceto Laredo. Era verdade que Grady gostava dela e se preocupava com o seu bem estar, mas ele não tinha tempo, ou energia, para investir na compreensão das necessidades da irmã. Quanto a Richard, embora o amasse, Savannah reconhecia a incapacidade dele em enxergar além de seus próprios interesses.

Até conhecer Laredo, sua existência fora vazia, voltada para o exterior, sem focalizar sua própria felicidade. Antes de Laredo. Depois de Laredo. Savannah sorriu consigo mesma. Ao que parecia, sua vida passaria a se dividir em duas partes: antes de Laredo aparecer e depois de ele ter partido.

Era estranho conseguir sorrir, justamente quando reconhecia sua vida como realmente era: superficial e sem propósito.

A inquietação que ela conseguira manter durante todo aquele tempo ameaçou sufocá-la. Ignorar a infelicidade não lhe fizera bem. Reprimi-la não dera resultado. Havia semanas que Savannah vinha lutando contra dores de cabeça e mal-estares. Havia semanas que seu corpo vinha tentando lhe dizer aquilo que o fato de se ver sozinha na cidade fantasma finalmente a fizera compreender.

Avistou um curral diante do hotel, bem como uma grande rocha ao lado. Foi até lá e sentou-se, tentando assimilar o que acabara de descobrir sobre si mesma.

Uma lembrança havia muito esquecida, brotou em sua memória. Savannah mal completara dez anos, quando seu pai fora atirado de cima de um cavalo. Apesar da grave fratura que sofrerá na perna, conseguira arrastar-se até um ponto seguro e evitar outros ferimentos.

Savannah lembrou-se da mãe, pálida e assustada, segurando a mão de seu pai, enquanto o levava ao hospital. Mel Weston sorria e, falando com dificuldade, assegurara a esposa de que a dor o fazia sentir que ainda estava vivo.

E era isso o que a dor que Savannah sentia agora lhe dizia. Estava viva. Era capaz de sentir, amar e existir. Laredo havia lhe ensinado isso e muito mais. Pela primeira vez em sua vida adulta, ela reconheceu quanto amor seu coração podia abrigar.

Por mais que sofresse, faria tudo de novo.

Abaixou a cabeça para se proteger do vento, sentindo as lágrimas correrem por suas faces. Mas não eram as mesmas lágrimas que vinha derramando havia semanas.

Savannah havia, finalmente, feito as pazes consigo mesma.

Grady notou a diferença em Savannah assim que ela saiu da caminhonete. Seu rosto irradiava serenidade e aceitação que, evidentemente, haviam sido conquistadas com grande esforço.

Embora ela não houvesse informado para onde ia, Grady adivinhara e não gostara nem um pouco. E estava além de sua compreensão como ela podia voltar de Bitter End sentindo algum tipo de tranquilidade. Várias vezes, ao longo do dia, pensara em segui-la, mas desistira, pois sabia que Savannah não apreciaria sua interferência.

Ela se juntou a ele, na cozinha, e pôs água para ferver, a fim de preparar um chá.

— Ficarei bem, daqui por diante — disse. Grady não sabia o que dizer. Em várias ocasiões desejara contar a ela sobre sua última conversa com Laredo, oferecer-lhe conforto, mas temia causar mais mal que bem.

— Não voltarei lá — ela acrescentou.

— Bom — foi tudo o que Grady conseguiu dizer.

— Aceita uma xícara de chá? — Savannah ofereceu, como se houvesse voltado a ser a mesma mulher de antes.

Sabia que Grady preferia café a chá, mas a oferta era, na verdade, uma tentativa de reconciliação.

— Um chá, agora, cairia muito bem — ele respondeu, aceitando a mão que lhe era estendida pela irmã.

Com um sorriso, Savannah apanhou as xícaras.

Nos dias que se seguiram, a transformação ficou mais aparente. As faces pálidas recuperaram a cor e o brilho. Ela voltou a cantarolar como antes, bem como preparar os biscoitos de chocolate que Grady adorava. Savannah estava de volta, mas, mesmo assim, não era a mesma Savannah de sempre. As diferenças eram muito sutis.

Sempre fora uma advogada de defesa destemida das pessoas em quem acreditava. Agora, acreditava em si mesma, também.

O serviço de entrega de flores pelo correio decolou, assim que ela terminou os catálogos. As encomendas começaram a chegar de todos os cantos do país, logo depois de Savannah tê-los enviado. O fax não parava de funcionar.

Ela não demorou a ficar conhecida como especialista em rosas antigas e logo recebeu dois prêmios. Primeiro, foi honrada com o grande prêmio da Texas Rose Society pelas rosas que havia criado a partir de duas espécies diferentes e às quais dera o nome de "Legado de Laredo".

Em seguida, foi convidada a dar uma conferência no Festival da Rosa, em Tyler, a cidade do Texas conhecida como a capital mundial das rosas. Falar em público sempre aterrorizara Savannah e Grady calculou que ela recusaria o convite com cortesia. Para sua surpresa, porém, a irmã aceitou.

Grady não foi o único a perceber as mudanças em Savannah. Caroline percebeu, também. Até mesmo Richard, tão autocentrado, comentou a nova atitude da irmã. Grady estava muito orgulhoso e queria que Savannah soubesse disso. Assim, encomendou uma roseira "Legado de Laredo" e, na companhia dela, plantou-a na sepultura de seus pais. Savannah agradeceu o gesto com lágrimas nos olhos.

Grady deu-se conta de que Savannah era a mulher mais incrível que ele jamais conhecera. Era estranho o fato de ele ter demorado tanto a perceber isso.

CAPÍTULO XII

Cantarolando baixinho, Savannah verificou a sala mais uma vez, a fim de se certificar de que estava tudo em ordem. Laredo partira havia mais de seis semanas e ela havia desistido de esperar e de sonhar que ele voltaria. Sua vida retomara um ritmo tranquilo e a felicidade que havia encontrado ao lado dele permaneceria para sempre como parte de seu coração. Essa felicidade, bem como o senso de possibilidade, era o que Savannah havia escolhido para se lembrar, em vez de pensar no vazio provocado pela partida de Laredo.

Naquela tarde, seria a vez de Savannah receber as mulheres do grupo da igreja e, por isso, seus nervos estavam à flor da pele. Dentro de poucas horas, vinte mulheres lotariam a sala, a fim de planejar um jantar beneficente.

Pela manhã, Savannah preparara tortas de maçã e, como Grady vinha agindo com tanta gentileza, fizera uma torta de limão, a favorita dele. A casa encontrava-se mergulhada nos aromas de canela, limão e nós moscada.

— Caroline também vem? — Grady perguntou, ao entrar na cozinha.

— Claro.

— E Maggie?

— Ficará com Dovie Boyd.

— Com Dovie? — ele repetiu, desapontado. — Ela tem idade suficiente para ser...

— Avó de Maggie — Savannah completou. — Ela e a mãe de Caroline eram muito amigas. Dovie gosta de fazer o papel de vovó, de vez em quando. Por que está tão curioso?

Grady deu de ombros e saiu da cozinha. Savannah não teve tempo de refletir sobre a questão, pois precisava acabar de preparar os pratos para, então, tomar banho e mudar de roupa.

Duas horas depois, a sala fervilhava com as vozes animadas e o riso das mulheres. Savannah distribuiu cópias de sua receita de torta de maçã e serviu uma segunda rodada de café. Estava conversando com Milhe Greenville, dona da floricultura, quando o mais absoluto silêncio tomou conta do ambiente. Todas olhavam para a porta, às costas de Savannah, e ela calculou que Richard deveria estar aprontando uma de suas brincadeiras. Assim, virou-se pronta para passar um sermão no irmão.

E ficou petrificada.

Laredo estava parado na porta, de chapéu na mão, muito sem jeito.

— Olá, Savannah — cumprimentou-a.

Ela não encontrou voz para responder. Embora ele parecesse cansado da viagem, a jaqueta coberta de poeira e o rosto pálido, Savannah jamais vira alguém mais bonito.

Laredo certamente pensava o mesmo com reação a ela, pois durante aquele longo momento, seus olhos não se desviaram dos de Savannah.

— Vejo que não cheguei em boa hora — ele disse, lançando um rápido olhar pela sala.

Todas as mulheres estavam curiosas e nem sequer tentaram disfarçar.

— Não poderia ter escolhido momento melhor — Caroline declarou, pondo-se de pé. — Sente-se. Vou lhe servir um pedaço de torta de maçã, enquanto Savannah providencia um café para você.

Como em um passe de mágica, um espaço se abriu entre duas mulheres no sofá. Savannah permaneceu imóvel, incapaz de agir, ou pensar. Não era justo. Quando, finalmente, conseguira traçar um novo caminho para sua vida, aceitar a ausência de Laredo, ele decidira voltar.

Sem conseguir esconder o embaraço, Laredo sentou-se entre Nell Bishop e Ellie Frasier, parecendo tão deslocado quanto um cachorro vira-lata entre poodles de estimação.

Caroline serviu-lhe uma fatia enorme de torta.

— Talvez queira dizer a Savannah o que está fazendo aqui — ela sugeriu, indo direto ao ponto.

A sala voltou a mergulhar no silêncio. Todos os olhos encontravam-se fixos nele, inclusive os de Savannah. Ele olhou em volta e respirou fundo.

— Vim pedir Savannah em casamento.

De súbito, o bule que Savannah segurava pareceu pesar cem quilos e ela o colocou na bandeja, provocando um ruído alto. O burburinho de vozes ergueu-se em torno dela. Seu coração disparou e, de repente, tudo parecia irreal.

Naquele exato momento, Grady entrou na sala.

— Aquela é a caminhonete de Laredo, com o cavalo... — parou de falar quando se deu conta de que havia interrompido a reunião do grupo da igreja.

— Acho que é — Caroline respondeu, apontando para Laredo.

O caubói levantou-se de um pulo, olhando para Grady com ar aliviado.

— O que está fazendo aqui? — Grady inquiriu.

Savannah queria fazê-lo calar-se, explicar que Laredo já fora submetido a um interrogatório, mas não teve chance.

— Vim pedir sua irmã em casamento — Laredo respondeu em tom de desafio, como se esperasse alguma objeção de Grady.

Mais uma vez, um murmúrio quebrou o silêncio. Edwina Moorhouse levantou-se com a dificuldade própria da idade avançada e dirigiu-se a Laredo.

— Muito bem, meu jovem. Diga-me o que o faz pensar que Savannah deva se casar com você.

Laredo corou visivelmente.

— Eu a amo — respondeu.

— Assim como todas as pessoas nesta sala — Lily esclareceu, seguindo o exemplo da irmã e se pondo de pé.

— E não estamos dispostas a permitir que um estranho a roube de nós — Millie Greenville

acrescentou.

— Essa foi uma das razões pela quais eu parti — Laredo explicou com voz tensa. — Não queria tirar Savannah de seu lar e de sua família.

— E por que mudou de ideia? Laredo apontou para Grady.

— Decidi aceitar a oferta do irmão dela.

— Que oferta? — Savannah perguntou, confusa. Grady já atravessava a porta, dirigindo-se para a cozinha.

— Acho que podemos discutir isso mais tarde... em particular — declarou com determinação.

— Está na hora de irmos embora — Caroline decidiu. As mulheres começaram a recolher suas bolsas, mas Edwina protestou:

— Esperem um momento. Estou velha demais para passar a noite em claro e tenho certeza de que não conseguirei dormir se não ouvir a resposta de Savannah. Você ama este homem?

Savannah assentiu.

— Quer se casar com ele?

Ela voltou a assentir, com maior veemência.

— Já faz um bom tempo que Wade não celebra um casamento — Nell Bishop comentou.

A sogra concordou com ela, tentando se lembrar quem se casara por último, em Promise.

— Sempre gostei dos casamentos celebrados no verão — Lily Moorhouse declarou, sorrindo para Savannah e Laredo.

— É justamente de um casamento que esta cidade está precisando — Louise Powell anunciou, como se essa fosse a última palavra sobre o assunto.

Mas não era. O grupo logo se envolveu em uma animada discussão dos planos para o casamento. Millie sugeriu rosas brancas para o buquê da noiva e lírios para o altar. Louise deu opiniões sobre a comida a ser servida na festa. Edwina recomendou a presença de um conjunto para animar o baile.

Enquanto tudo isso ocorria, os olhos de Laredo permaneceram fixos nos de Savannah. Era como se só existissem os dois na sala. Savannah sentiu o amor de Laredo a envolvê-la e aquecê-la. A expressão dele lhe dizia, mesmo do outro lado do aposento, como se sentira solitário e infeliz sem ela. Assim como Savannah, Laredo tivera de lutar contra a dor. E contra o orgulho. Porém, no final, o amor vencera, pois era o mais forte dos sentimentos. Laredo Smith precisava de Savannah tanto quanto ela precisava dele.

— Realmente acredito que devemos ir embora, agora. O que acham, amigas? — Caroline tentou de novo, empilhando pratos usados.

Desta vez, as outras concordaram em coro e todas se levantaram.

A sala esvaziou-se com rapidez muito maior do que Savannah julgava possível. De bom grado, ela perdoou Caroline por ter abandonado os pratos sujos. Em menos de um minuto, a pequena multidão encontrava-se fora da casa e o som dos motores dos carros substituiu o burburinho das vozes de vinte mulheres.

— Você cortou os cabelos — Laredo falou, uma vez que se viram sozinhos. Continuava do outro lado da sala, segurando o chapéu entre as mãos. — Ficou ótimo. Está mais linda do que antes. Não pensei que isso fosse possível.

— Você também está lindo — ela falou com um sorriso e, então, assumiu um tom mais urgente. — O que aconteceu? Por que foi embora?

— Pelas razões erradas: meu orgulho e, principalmente, meu medo.

— Medo?

— Minha mãe disse que eu estava sendo tolo por dar ouvidos às minhas dúvidas. Vendi minhas terras em Oklahoma e trouxe Renegade comigo. Se você concordar, aceitarei a oferta de Grady para me tornar sócio da fazenda. Renegade será meu primeiro pagamento. Com o tempo, Yellow Rose vai se transformar na melhor fazenda de criação de cavalos de corrida do país. Prometo isso a você. Não tenho muito a oferecer, nada que chegue perto do que você merece, mas eu te amo, Savannah. Só me dei conta de quanto, quando cheguei em Oklahoma e descobri que meu sonho não significava nada, se você não estivesse lá, para partilhá-lo comigo.

— Pensei que minha vida havia acabado, quando você partiu — ela murmurou. — Nem mesmo me disse adeus.

— Eu não podia... mas juro que nunca mais deixarei você de novo. Mamãe está certa. Sou muito parecido com ela. Amarei apenas uma vez em minha vida e, se perder você, não terei uma segunda chance. Não podia pedir a você que esperasse, mas descobri que eu também não poderia esperar. Amo você demais.

— Também te amo tanto... Por que está parado aí, do outro lado, enquanto eu estou aqui?

Laredo aproximou-se e tomou-a nos braços. Sentir os lábios dele nos seus era como estar no paraíso. Aquele beijo disse tudo o que Savannah precisava saber: quanto ele a queria, quanto precisava dela, quanto a amava.

— Filhos? — perguntou, ofegante, quando finalmente descolaram os lábios.

— Quantos você quiser. Ah, Savannah, mal posso esperar para lhe apresentar minha mãe. Ela já adora você.

Atrás deles, Grady limpou a garganta ruidosamente.

— Pelo que estou vendo, está tudo decidido. Laredo virou-se para encará-lo e passou um braço em torno dos ombros de Savannah.

— Vamos nos casar assim que os papéis estiverem prontos.

— Bom. Calculo que o cavalo lá fora é Renegade.

— Isso mesmo. Vou aceitar a sua oferta, Grady, mas quero deixar bem claro que pagarei do meu jeito. Estou aqui por Savannah, e não por qualquer coisa que você tenha me oferecido. Entendido?

Grady exibiu um sorriso largo.

— Entendido.

— Ora, ora! — Richard exclamou, ao entrar na sala com o violão debaixo do braço. — Quer dizer

que vamos ter um casamento na família? Bem, tudo o que posso dizer é "antes tarde do que nunca"!

Fim

